

Eliaana da Silva Tavares

*COMPETÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NAS AFASIAS:
UM ESTUDO ENUNCIATIVO*

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Campinas, fevereiro de 2007

Eliana da Silva Tavares

*COMPETÊNCIA E ARGUMENTAÇÃO NAS AFASIAS:
UM ESTUDO ENUNCIATIVO*

**Tese apresentada ao Curso de
Pós-Graduação em Lingüística, do
Instituto de Estudos da Linguagem -IEL/
UNICAMP, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor em
Lingüística.**

Orientadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (UNICAMP)

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Campinas, fevereiro 2007

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

T197c	Tavares, Eliana. Competência e argumentação nas afasias: um estudo enunciativo / Eliana Tavares. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Edwiges Maria Morato. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Significação. 2. Competências. 3. Afasia. 4. Enunciação. 5. Interação. I. Morato, Edwiges Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	--

Título em inglês: Competence and argumentation in the aphasies : an enunciative study.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Meaning; Competences; Aphasia; Enunciation; Interaction.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutora em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (orientadora), Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura, Profa. Dra. Luci Banks-Leite, Profa. Dra. Ingedore Grunfield Villaça Koch e Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva. Suplentes: Dra. Ana Lucia Tubero, Profa. Dra. Vanda Maria Elias e Profa. Dra. Heloísa de Oliveira Macedo.

Data da defesa: 27/02/2007

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Banca examinadora


Professora Dra. Edwiges Maria Morato (IEL/ UNICAMP - Orientadora)


Professor Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura (CCE/ UFSC)

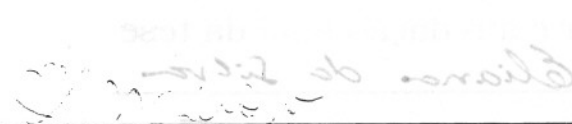

Professora Dra. Luci Banks-Leite (FE/ UNICAMP)


Professora Dra. Ingedore Grunfeld-Villaça Koch (IEL/ UNICAMP)


Professora Dra. Anna Christina Bentes da Silva (IEL/ UNICAMP)


Dra. Ana Lucia Tubero (Suplente)

Professora Dra. Vanda Maria Elias (FCF/ PUCSP – Suplente)


Professora Dra. Heloísa de Oliveira Macedo (IEL/ UNICAMP - Suplente)

Data: 27/ 02/ 2007

200730556

UNICAMP BIBLIOTECA CENTRAL CÉSAR LATTES DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÃO

Para minha mãe, Iracema,
por me fazer compreender
que amar e viver pode ser oblíquo.

Agradecimentos

A Edwiges Morato, pela orientação segura, dedicada e fraterna.

Ao grupo de afásicos com quem pude, além de trabalhar, desfrutar de momentos alegres e de muito aprendizado humano.

À Banca Examinadora, pelo aceite em ler e discutir esta tese, em especial às professoras Ingedore Koch e Luci Banks-Leite, pelas sugestões por ocasião da Qualificação de Tese.

À equipe do grupo de pesquisa, Sandra Cazelato, Ida Maria Camerin, Camila Donzeli, Fernanda Miranda, Heloísa Macedo, José Tonezzi, Juliana Calligaris, Ana Lucia Tubero, Caio César Mira, Elisângela Bassi, Marta Moraes, Rita de Cássia Silva, Íria Marjori Reisdorfer, Patric Vezali, Carolina Hebling, Carolina Raizer, Janaísa Viscardi e Mônica Gandolfo.

Àqueles que foram mais que amigos enquanto morei em Campinas, Elisângela Bassi, Caio César Mira, Larissa Andrade, Jaqueson Luiz da Silva, Angela Tamaru, Fernanda Miranda, Gabriele Schumm e Íria Marjori Reisdorfer – cada um a seu tempo e a seu modo.

Aos professores do IEL com quem pude aprender muito sobre ensino, pesquisa e respeito acadêmico, Kanavilil Rajagopalan, Anna Christina Bentes, Ingedore Koch, Rodolfo Ilari, Jonas Araújo Romualdo, Ataliba de Castilho e, em especial, Eleonora Cavalcante Albano e Edwiges Morato.

À Secretaria de Pós-Graduação do IEL, pelo acompanhamento e esclarecimento relativos à sufocante burocracia.

À Capes, pela bolsa de pesquisa concedida.

Aos amigos do GEAE de Barão Geraldo, em especial a Sandra e ao João Pedro.

Aos colegas do Departamento de Letras e Artes (FURG), em especial a Attila Louzada - que me apresentou à Lingüística e à pesquisa, na Iniciação Científica - Néa Maria Setúbal de Castro, Marisa Porto do Amaral, Solange Mittman, Maria Cristina Freitas Teixeira, Carlos Alexandre Baumgarten e Tânia Farah Prehn (*in memoriam*).

Ao Cláudio Silva, da Superintendência de Pós-Graduação (FURG), pelo acompanhamento dedicado de todas questões burocráticas envolvidas em meu afastamento.

Aos meus alunos, os que foram e os que ainda serão, porque o sentido da academia está neles.

Aos meus irmãos, Luana, Lidi e Dirceu Júnior, pelo braço e pelo abraço com que sempre me acolhem.

À renovação em minha família, os pequenos, Pedro, Bruna, Guilherme, Maitê e Gabriel.

A Maria do Carmo, Mara Regina e vó Manoela, amigas, mães, irmãs, que iluminam minha vida.

Ao Cláudio, porque aprendemos a vida juntos.

A Rosi, amiga querida, desde a graduação.

Os limites do meu mundo
são os limites da minha linguagem.

Wittgeinstein

Índice

1. Apresentação do problema teórico	01
1.1 Argumentação e sentido	01
1.2 Argumentação, competência e o <i>corpus</i> de afasia	06
2. Argumentação	12
2.1 Argumentação e retórica	12
2.2 Argumentação e enunciação: questões semânticas e pragmáticas	21
3. Competência	32
3.1 Competência: questões cognitivas	37
3.2 Competência e argumentação	48
4. Metodologia e análise dos dados	51
4.1 Apresentação do <i>corpus</i>	51
4.2 Os dados e suas análises	54
4.2.1 A Teoria da Argumentação na Língua e um <i>corpus</i> de afasia	74
5. Considerações finais	90
6. Referências bibliográficas	94
7. Anexos	100

Resumo

Minha tese inscreve-se no interior de uma abordagem teórica que toma a argumentação de um ponto de vista enunciativo, de caráter lingüístico-pragmático, em que diferentes aspectos são considerados, tais como (i) os instrumentos lingüísticos próprios da constituição argumentativa, operadores e modificadores lingüísticos específicos, (ii) a relação de reciprocidade/ intersubjetividade entre os interlocutores e (iii) os efeitos de sentido provocados, a partir da objetivação da significação.

Minhas reflexões relacionadas à argumentação opõem-se à consideração da relação classicamente estabelecida entre afasia e metalinguagem, que considera a afasia enquanto perda ou alteração metalingüística, ou seja, da capacidade que os indivíduos têm de referenciar o mundo por meio de categorias da língua, tomada como sistema encerrado em si mesmo.

Neste sentido, retomo a questão em torno dos ganhos heurísticos advindos da postulação de uma competência específica – de ordem estritamente lingüística ou cognitiva – para argumentar, *ou* da postulação de uma competência de ordem mais abrangente, relativa às mais diversas semioses, que possibilite, em relação à linguagem, argumentar – e argumentar aqui significa fazê-lo de maneira adequada às diferentes situações interativas de que o sujeito participa, em relação aos diferentes gêneros discursivos e aos diferentes auditórios com que interage.

A abordagem enunciativa com que orientei minhas análises, bem como a especificidade de um *corpus* de linguagem comprometida pelas restrições que a afasia impõe, possibilitaram uma série de reflexões acerca da relação entre competência e argumentação, com base nas interações desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA).

Os dados de afasia são, portanto, singulares para comporem o domínio empírico em que estabeleço a relação entre competência e argumentação, uma vez que o comprometimento ou perda da metalinguagem implicaria o comprometimento ou perda da competência lingüística.

Assim, a particularidade do *corpus* explicita a busca e o uso de recursos verbais e não-verbais utilizados pelos afásicos em suas condutas argumentativas. Essas diferentes semioses se imbricam na situação enunciativa, o que implica dizer que os sujeitos afásicos (e também os não-afásicos) evocam saberes diferentes, dos quais se valem para argumentar de maneira competente em relação a seus propósitos discursivo-conversacionais.

As afasias não massivas - como as que apresentam os sujeitos desta tese - comprometem, mas não destroem por completo nem a postura *meta* destes afásicos, nem a sua competência relativamente à linguagem, uma vez que todos têm uma história enquanto sujeitos de linguagem, cuja memória não perderam. Nesta medida, as restrições lingüísticas provocadas pela afasia acabam por explicitar os caminhos lingüísticos (manipulação de operadores argumentativos, prosódia), cognitivos (entonação, desenhos, direcionamento do olhar) e pragmáticos (conhecimento de mundo, manipulação de leis discursivas, reconhecimento de intenção) que o afásico percorre para argumentar.

Palavras-chave: *argumentação, competência, afasia, enunciação, interação.*

Abstract

My dissertation is inscribed within a theoretical approach which takes the argumentation of an enunciative point of view - one of pragmatic and linguistic character - in which different aspects are considered, such as (i) the linguistic instruments proper of the argumentative constitution, specific linguistic operators and modifiers, (ii) the relation of reciprocity / intersubjectivity between the interlocutors and (iii) the effects of meaning provoked by the objectification of signification.

My reflexions on argumentation are opposed to the classically established consideration of the relation between aphasia and metalanguage which sees aphasia as a metalinguistic loss or alteration, that is, of the capacity owned by individuals to make reference of the world through categories of language, taken as a system contained in itself.

Therefore, I reconsider the question of the heuristic advantages that come from the postulation of a specific competence - strictly linguistic or cognitive - for claiming *or* of the postulation of a broader competence, from the most varied gestures which may allow argumentation (in language). Argumentation here means performing it in a way suitable to the different interactive situations which the subject undergoes, the different discursive genres and the different audience he/she interacts.

The enunciative approach that orientates my analysis, as well as the specificities of a linguistic *corpus* compromised by the restrictions imposed by aphasia allow a series of reflexions concerning the relation between competence and argumentation, finding as support the interactions developed in Centro de Convivência de Afásicos (CCA).

The data on aphasia are, then, essential to compose the empiric domain in which I establish the relation between competence and argumentation once the compromising or loss of metalanguage would imply loss or compromising of linguistic competence.

Thus, the specificity of *corpus* brings about the search and use of verbal and non-verbal resources which aphasic speakers make use in their argumentative performances. These different gestures overlap in the enunciative situation, that is, aphasic subjects (non-aphasic subjects as well) evoke different knowledge to argue in a competent manner to their discursive/conversational purposes.

Non-massive aphasias - such as the ones presented by the subjects in this dissertation - compromise but do not destroy neither the attitude *meta* of these aphasic subjects nor their competence to language, once all subjects have a history as subjects of language, with intact memory abilities. In this sense, the linguistic restrictions provoked by aphasia end by explaining the linguistic (manipulation of argumentative operators, prosody), cognitive (intonation, drawings, eye contact) and pragmatic (world knowledge, manipulation of discursive laws, recognition of intention) paths that the aphasic uses for argumentating.

Key-words: *argumentation, competence, aphasia, enunciation, interaction.*

1. Apresentação do problema teórico

1.1 Argumentação e sentido

A bibliografia lingüística, e mesmo neurolingüística, está repleta de textos que fazem referência ao quanto as questões de sentido e de significação têm sido abordadas sob uma perspectiva mais formalista, logicista, filiadas, sobretudo, aos paradigmas instaurados pelas contribuições de Saussure e de Chomsky aos estudos sobre língua. Aos estudos semânticos cabe, nesse contexto, uma abordagem de tradição lógico-filosófica, que se fundamenta numa análise vericondicional, numa análise de cálculo de predicados relativamente ao sentido, principalmente com base nos postulados de Frege, Strawson, Russell, Quine, e ainda no texto *Tractatus Logico-Philosophicus*, de Wittgenstein.

Em contraposição a esse quadro, minha tese inscreve-se no interior de uma abordagem teórica que toma a argumentação de um ponto de vista enunciativo, de carácter lingüístico-pragmático, em que diferentes aspectos são considerados, tais como (i) os instrumentos lingüísticos próprios da constituição argumentativa, operadores e modificadores lingüísticos específicos, (ii) a relação de reciprocidade/ intersubjetividade entre os interlocutores envolvidos nas atividades interativas e (iii) os efeitos de sentido provocados, a partir da objetivação da significação.

Considerados os vários processos de significação envolvidos na constituição da argumentação, é possível questionar a plausibilidade de uma competência específica para argumentar, ou de diferentes saber-fazer envolvidos numa competência mais genérica que possibilitariam, entre outros atos de linguagem, argumentar.

Minhas reflexões relacionadas à argumentação opõem-se à consideração da relação classicamente estabelecida entre afasia e metalinguagem, que considera a afasia enquanto perda ou alteração metalingüística, ou seja, da capacidade que os indivíduos têm de referenciar o mundo por meio de categorias da língua, tomada como sistema encerrado em si mesmo.

Nesse sentido, os dados de afasia são singulares para comporem o domínio empírico em que se estabelece a relação entre competência e argumentação, uma vez que o comprometimento ou perda da metalinguagem implicaria o comprometimento ou perda da competência lingüística. Em função disso, é possível perguntar: estariam os afásicos impedidos ou incapacitados para a argumentação e para as condutas argumentativas?

Admitida uma concepção de argumentação e de linguagem de caráter enunciativo, é possível afirmar que diferentes processos lingüísticos e não-lingüísticos estão envolvidos e são convocados para dar conta das dificuldades discursivas provocadas pelas afasias.

Nesse sentido, antecipo aqui as concepções de argumentação e de competência de que me valho no decorrer desta tese, concepções que retomo e desenvolvo nos capítulos subseqüentes.

A argumentação é tomada enquanto um fenômeno interacional de caráter lingüístico-pragmático, que envolve aspectos lingüísticos (como operadores e modificadores lingüísticos e escolhas lexicais), pragmáticos (como adequação de uma conduta argumentativa em relação a uma situação específica e ao efeito de sentido esperado) e cognitivos (como o reconhecimento de condutas argumentativas), articulados enunciativamente.

A competência é tomada enquanto saber-fazer, enquanto processo, enquanto habilidade exibida pelo sujeito na manipulação dos mais diversos aspectos lingüísticos e pragmáticos, como: fonético-fonológicos, morfo-sintáticos, semântico-pragmáticos, interacionais, enunciativos e discursivos.

Relativamente à argumentação, cabe à competência a manipulação de diferentes saberes envolvidos nas mais diversas práticas lingüísticas, nas diferentes operações que a língua possibilita ao sujeito, entre elas, a possibilidade de argumentar – e argumentar com maior ou menor êxito, de acordo com o maior ou menor domínio dos diferentes saber-fazer requeridos pela argumentação.

Claramente, há decisões teóricas relevantes que conduzem o estabelecimento das questões a serem postas pela e para a Lingüística.

Assim, insiro minhas investigações acerca da argumentação numa pesquisa lingüística que tem, hoje, não mais a supremacia incontestável da forma, mas sim um movimento singular da problemática da significação, que tomou força e ocupa, no cenário lingüístico (basta ver as questões temáticas dos maiores e mais importantes eventos da área no Brasil e no mundo, bem como sua produção bibliográfica), um lugar que se afirma não só pelo destaque qualitativo, como também quantitativo dos estudos que propõe. Nesse sentido, cada vez mais, as investigações semânticas se aproximam de perspectivas que chamam para si elementos inicialmente considerados exteriores à língua: como *subjetividade*, *interação*, *contexto*, *dêixis*, *modalidade*, *performatividade*, *enunciação*, *discurso*, entre outros. Portanto, não importa aqui apenas o estudo da língua, do código e da relação interna de seus constituintes, mas antes, o que se impõe é justamente o estudo da linguagem em seu funcionamento, da relação de reciprocidade entre interior e exterior lingüístico, na medida em que se auto-regulam.

É necessário, então, estabelecer em que termos me sirvo de categorias analíticas como *enunciação* (*enunciado*, *enunciativo*), *pragmática* e mesmo *discurso*. Em primeiro lugar, é preciso compreender em que proporção *pragmática* e *enunciação* se aproximam e se distanciam.

A questão relevante nesse contexto é considerar o *pragma* enquanto elemento constitutivo da língua, o que permite dispor de categorias lingüísticas que possibilitam análises de diferentes ordens, quer da língua, quer do discurso.

De acordo com Cervoni (1989), é mais produtivo - para a investigação lingüística - o estudo da enunciação se considerados os fenômenos postos pela pragmática, que a tentativa de delimitar quais categorias estariam atreladas a um enfoque pragmático ou a um enfoque semântico - sobretudo porque há fenômenos lingüísticos comuns, convergentes, complementares, inter-relacionáveis, entre Lingüística Pragmática e Lingüística Enunciativa.

Nesse sentido, o que se apresenta como substancial é justamente a consideração da subjetividade na linguagem e, conseqüentemente, o caráter atitudinal a ela atribuído. Para as questões que me proponho neste momento, não basta a consideração da língua meramente como meio de comunicação, mas

justamente enquanto *capacidade do locutor de se propor como sujeito*, já que o *fundamento da subjetividade (...) se determina pelo status lingüístico da pessoa* (Benveniste: 1995, 286).

Atribuir ao *pragma* um caráter lingüístico permite atrelar a noção de ação à língua. Nessa direção, a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ***ação sobre o mundo dotada de intencionalidade***, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade (Koch: 1996, 17).

Nesse sentido, a Lingüística insere, sob seu escopo, estudos fundamentados numa *Teoria da Enunciação*, possibilitando tomar o *discurso*, o *texto* e a *conversação*, enquanto categorias analíticas, o que resulta em áreas de investigação como a Lingüística Textual, a Análise da Conversação e a Análise do Discurso.

Estabelecido este quadro de apresentação das investigações relativas à significação em Lingüística, me proponho retomar os estudos sobre argumentação, procurando acompanhar o movimento que as construções teóricas operam, e por sua vez, o lugar que lhe reservam - se considerado que, desde a antigüidade, há uma dupla resposta para a questão relativa à linguagem, no sentido de saber se sua natureza é eminentemente argumentativa ou narrativa (Charaudeau: 2005).

Orientar minhas investigações a partir de uma abordagem enunciativa relativa à argumentação faz com que a própria questão da referência seja re-dimensionada, já que a apresentação de um objeto não estaria vinculada à sua identificação, nem mesmo à vericondicionalidade, mas às possibilidades de encadeamento discursivo disponibilizadas pela maneira com que é apresentado.

A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), fruto das investigações orientadas por Ducrot, destaca-se, nesse cenário, justamente por apresentar-se como uma teoria enunciativa sobre o sentido, cujo vetor é a argumentação.

Essa posição implica distinguir o que, no interior da significação, é de natureza informativa e o que é de natureza argumentativa. Na TAL, qualquer característica informativa da língua deriva de sua natureza argumentativa, e nunca

o contrário. Para Ducrot (1989a: 02), *a qualificação é sempre o produto de uma atitude; o julgamento de valor não provém do entendimento, mas da vontade.*

A questão para a teoria está centrada sobre o sentido das qualificações operadas e não sobre o fato de serem favoráveis ou desfavoráveis, o que importa é sua *potencialidade argumentativa*.

Ducrot busca em Austin (1962) a noção pragmática de *atos de fala*, mas também uma noção semântica de *enunciação* em Benveniste (1995). Com isso, movimenta a teorização lingüística à medida em que atrela os estudos pragmáticos aos semânticos, apontando para uma noção de *pragmática integrada*, segundo a qual a pragmática não constituiria o limite entre interior e exterior lingüístico. Ou ainda, que pudesse ser uma unidade de análise complementar à semântica, sendo a última categoria da língua, mas que ambas se articulariam conjuntamente, na instanciación do discurso. Tampouco admite que possam ser relegadas à pragmática funções meramente contextuais, responsáveis pelo estabelecimento do sentido.

É no limite dessas considerações que Ducrot propõe uma *pragmática lingüística*, a partir da qual apresenta suas questões, quais sejam, tanto aquelas implicadas pelas ações atreladas ao uso da língua, quanto as veiculadas pelos implícitos - ligadas ao *dizer e não-dizer* - e mais ainda, à maneira como o funcionamento desses implícitos é estruturado gramaticalmente.

Entretanto, uma *conduta argumentativa* não corresponde somente a instrumentos lingüísticos, como por exemplo a estrutura argumental dos provérbios¹, às escolhas lexicais, em que a subjetividade aparece, marcada pela posição enunciativa e pelas escolhas do falante. Os processos, as condutas argumentativas são marcados também por movimentos pragmáticos, os quais a língua, *stricto sensu*, não pode resolver sozinha, ou seja, a Teoria da Argumentação na Língua não pode capturar todos os fenômenos de argumentação que a língua dispõe e permite mobilizar. A Teoria da Argumentação na Língua não possibilita, portanto, dar conta integralmente de dados de

¹ No capítulo 4, em que analiso os dados, procedo também à análise de alguns provérbios.

linguagem ordinária a partir da consideração de aspectos interativos e sócio-cognitivos, por exemplo.

Nesse sentido, procuro outras teorias que me possibilitem apontar, de forma igualmente enfática, o lugar da linguagem na argumentação, sempre respeitando os movimentos, verbais e não-verbais, que operam, procurando uma análise mais refinada do fenômeno argumentativo.

Resumidamente, proponho-me, nesta tese, (i) buscar compreender se a linguagem dispõe de uma competência específica para argumentar, ou se dispõe de uma competência mais geral, de ordem lingüístico-pragmática, que permite, entre outras operações com e sobre a linguagem, argumentar, e (ii) quais caminhos gramaticais e enunciativos são mobilizados para dar conta daquilo que esteja envolvido no ato de argumentar.

1. 2. Argumentação, competência e o *corpus* de afasia

Para abordar o estudo da argumentação enquanto constituidora do sentido e, mais pontualmente, da relação lingüística que me permita aproximar competência e argumentação, estabeleço determinadas questões com base na especificidade de um *corpus* organizado a partir de fenômenos lingüísticos produzidos por sujeitos com afasia - que pode ser caracterizada brevemente como um comprometimento de linguagem decorrente de lesão cerebral.

Nessa medida, valho-me da premissa de que uma linguagem categorizada como patológica pode explicitar, ainda mais, as dificuldades que os sujeitos (afásicos ou não) podem encontrar nas relações interativas, que envolvem o uso efetivo da linguagem, o que lhes exige diferentes reflexões e operações lingüísticas, metalingüísticas e discursivas, para dar conta da constituição do sentido e da instanciação discursiva desses sujeitos.

O *corpus* de que me utilizo é fruto de encontros semanais entre sujeitos afásicos e não-afásicos, realizados no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), vinculado ao Instituto de Estudos da linguagem (IEL) e à Faculdade de Ciências Médicas (FCM) – ambos na UNICAMP. Utilizo-me, ainda, de dados obtidos por

meio de um protocolo de pesquisa com formulações proverbiais, elaborado por Sandra Cazelato². Neste acervo, busco eventos lingüísticos que me possibilitem a análise de questões relativas à competência e à argumentação, por isso me valho tanto das transcrições dos encontros, quanto das aplicações protocolares.

Nessa direção, a questão de fundo para uma Neurolingüística que se proponha o estudo da linguagem em uso - ou da linguagem em seu funcionamento - deve passar pela constituição do sentido, dos processos de significação e de compreensão, que não devem ser tomados isoladamente, uma vez que constituem atividades discursivas indissociáveis. Mesmo porque o processo de compreensão envolve uma re-construção daquilo que fora dito, e não compreendo essa re-construção senão como um processo de significação.

Os processos de produção e de compreensão da linguagem desvelam as dificuldades dos sujeitos afásicos, mas também a necessidade de reconhecimento de que qualquer atividade simbólica humana somente pode se dar via garantia do sentido.

No contexto das afasias - caracterizadas tradicionalmente pela literatura lingüística como um comprometimento de linguagem relativo, sobretudo, a seu caráter metalingüístico - diferentes operações com a língua estão implicadas e são convocadas para que o afásico possa assegurar sua participação no jogo discursivo - assimétrico por natureza; é necessário “driblar”, de maneira competente, as dificuldades que o comprometimento de linguagem, imposto pela afasia, lhe apresenta.

Não há, portanto, possibilidades de admitir uma concepção de linguagem exterior ao indivíduo. Caso contrário, estaria intimada a admitir que a instabilidade da língua, provocada pela afasia, de fato, excluiria o afásico das interações discursivas. Antes, mostra-se mais produtivo e explicativo teoricamente evocar mais uma vez Benveniste, para quem

² Agradeço a Sandra Cazelato a possibilidade de utilizar os dados do protocolo de entrevistas sobre enunciações proverbiais com sujeitos afásicos, elaborados para sua pesquisa de mestrado (Cazelato: 2003), e de sua iniciação científica (Cazelato: 1998).

a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. (...) Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos nunca o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e *a linguagem ensina a própria definição do homem* (Benveniste: 1995, 285) [grifo meu].

Se por um lado não é possível negar a afasia e as restrições lingüísticas e discursivas por ela impostas, por outro lado resta justamente buscar, frente a essas contingências, o agenciamento - operado pelo sujeito afásico, relativo às diferentes semioses de que se vale, bem como os movimentos e as atitudes pragmáticas envolvidos na resolução de problemas de ordem lingüística, na intenção de dar conta de sua participação em atividades discursivas; em outras palavras, buscar saber de que maneira o sujeito manipula os recursos lingüísticos (formais ou não-formais), de que dispõe no interior da situação enunciativa.

Essa interrogação tem por objetivo não somente perscrutar que categorias lingüísticas o afásico manipula, mas, mais que isso, saber de que recursos lança mão na tentativa de instanciar-se no discurso, justamente quando a língua, *stricto sensu*, lhe impõe restrições das mais diversas naturezas – restrições essas que estão na base, por exemplo, da classificação dos diferentes tipos de afasia.

Frente a este quadro, é preciso estabelecer que minhas questões somente podem ser formuladas porque fundamentadas na premissa de um sujeito afásico competente, que lança mão de recursos vários para se manter na interação.

As afasias, além de descortinarem as dificuldades lingüísticas com que lidamos, afásicos ou não, também explicitam nossas dificuldades discursivas, o que possibilita entrever a busca de recursos formais específicos, entendidos como a materialidade lingüística propriamente dita, e ainda os recursos semiológicos das mais diversas naturezas, de que nos valem para nos constituirmos na linguagem.

Se o escopo de minha tese restringe-se à possibilidade de postular uma relação entre argumentação e competência, cabe questionar de que recursos se valem os sujeitos afásicos para equacionar as operações argumentativas, se

considerada toda sorte de dificuldades relativas à linguagem, e mesmo sua instabilidade.

Nesse sentido, aproximar a problemática argumentativa, com que lida tanto a Neurolingüística quanto a Psicolingüística, pode favorecer uma investigação acerca da instabilidade da língua, quer seja considerado um comprometimento de linguagem fruto de lesão cerebral, quer seja considerada uma criança no exercício de aquisição da linguagem.

No primeiro caso, é mister não esquecer que um sujeito afásico já contou com a experiência da língua e o conhecimento de categorias das mais diversas ordens e suas implicações de uso, como adequação discursiva, avaliação de gramaticalidade e de aceitabilidade. No segundo caso, trata-se ainda do momento em que a criança está testando hipóteses, justamente quanto ao reconhecimento e funcionamento das categorias lingüísticas.

É preciso considerar que a instabilidade da língua com que lidam um afásico e uma criança tem natureza distinta, e sua aproximação somente se justifica na medida em que se procura extrair, do exercício operado por ambos, frente à assimetria do diálogo entre interlocutores das mais diversas naturezas, as propriedades dos recursos de que se valem para resolver as dificuldades que surgem na interação. Certamente que essa assimetria, bem como as dificuldades interativas de toda ordem, não se dão apenas nos contextos de linguagem patológica ou de aquisição, mas que a particularidade destes contextos pode ressaltar as operações realizadas pelos sujeitos neles envolvidos – principalmente se considerado que, em tais situações, há mais expectativa e maior possibilidade de surgimento daquilo que falta, daquilo que exige negociação, portanto, dos mecanismos agenciados no movimento de utilização das mais diversas semioses, relativamente ao que a literatura tem denominado língua *stricto sensu*.

Apresentar as coisas dessa maneira faz com que a própria dicotomia interior e exterior lingüístico seja posta em questão, como, por exemplo, no movimento operatório de que se vale a semântica feita por Ducrot que, ao atrelar a enunciação ao enunciado, chama para o interior lingüístico os aspectos ligados ao evento único que constitui a enunciação. Entretanto, é preciso verificar que a

manobra ducrotiana está a serviço do caráter estruturalista de sua proposta de investigação, ou seja, o movimento que opera dá-se em função de manter a autonomia da língua; o que parece colocá-lo na contramão daquilo que se tem compreendido como *instância enunciativa*, que apontaria para o exterior lingüístico. É nessa medida que importa retomar Cervoni (1999), para quem a especificidade de um estudo de caráter enunciativo será determinada a partir da maneira como se concebe *enunciação*, bem como da relação entre essa e outras categorias postas pela análise lingüística, como interação e inter-subjetividade.

Importa, particularmente à minha investigação, compreender os mecanismos lingüísticos com que a língua dispõe categorias próprias para a argumentação. Ferramentas de natureza lingüística, mas de uma Lingüística Enunciativa, porque envoltas por formulações impostas pela noção de enunciação, questões essas de ordem pragmática, discursiva, interativa, social *etc.* É justamente a manipulação destas ferramentas - e os movimentos por elas postos ou impostos discursivamente (ou ainda os recursos semiológicos e pragmáticos de que se valem os afásicos) - que possibilitará a interrogação acerca das competências envolvidas em seus exercícios com a linguagem. Busco, então, compreender como as pessoas argumentam - frente às coerções a que o funcionamento da linguagem lhes impõe.

Estabelecido este quadro, a competência não pode ser tomada somente enquanto fenômeno interior ou exterior à linguagem, uma vez que a significação não é somente signo, mas também enunciação; sobretudo numa perspectiva em que seja estabelecida enquanto processo, em que são considerados, na constituição do sentido, elementos como *a situação enunciativa, os inter-enunciados, os enunciadores, os implícitos*, entre outros.

Assim, não deixo de dialogar, e mesmo de me servir, daquilo que tem ensinado as investigações, por exemplo, em Lingüística Textual e Análise da Conversação, na medida em que apresentam categorias analíticas de relevo para o problema que me proponho investigar.

Somente é possível propor um estudo com as características aqui apresentadas, relativas a um *corpus* de afasia, porque o Centro de Convivência de

Afásicos, enquanto espaço de interação entre pessoas afásicas e não-afásicas, possibilita o surgimento de práticas de linguagem que envolvem, entre outras, questões enunciativas de natureza argumentativa.

Em resumo, este estudo visa perscrutar a relação entre *competência* e *argumentação*, a partir de uma perspectiva enunciativa. Sua intenção consiste em abordar não somente a utilização e o funcionamento das ferramentas argumentativas utilizadas pelos sujeitos afásicos nas interações de que participam, como também busca compreender de que recursos, que não aqueles lingüísticos *stricto sensu*, um afásico se vale para argumentar, justamente quando não consegue manipular as unidades funcionais da língua.

2. Argumentação

Neste capítulo, retomo e desenvolvo a concepção de argumentação esboçada na apresentação do problema teórico - item anterior -, com o propósito de estabelecer uma concepção de argumentação de caráter enunciativo, que me possibilite relacionar, enunciativamente, argumentação e competência, num contexto de linguagem comprometida por lesão cerebral, que pode explicitar as dificuldades que mesmo os sujeitos sem comprometimento de linguagem enfrentam nas situações de interação discursiva.

Assim, o movimento operado ao longo da História, pela relação estabelecida entre retórica e argumentação necessariamente vai sendo retomado.

2.1 Argumentação e retórica

Comumente, define-se retórica como a arte de bem falar, fundamentada na eloquência do orador, que visa a convencer o público relativamente à causa que apresenta ou defende; esse convencimento baseia-se na apresentação de argumentos que sustentam as idéias propostas pelo orador. Assim, retórica e argumentação desempenham em conjunto a intenção ou necessidade de persuasão ou convencimento de um público específico, porque uma tese somente é justificável pela apresentação de argumentos. Essa afirmação implica dizer que retórica e argumentação estão intimamente ligadas, e que a argumentação está na base da retórica.

Segundo Barthes (1985:148), se tomada como ciência ou proto-ciência, em contraposição às outras práticas que comportou, como técnica, ensino, moral, social e lúdica, a retórica pode ser compreendida como uma metalinguagem, em que o discurso seria a linguagem-objeto, ou seja, um *discurso sobre o discurso*.

A sistematização da retórica surge, no discurso jurídico, com a necessidade de uma defesa “democrática” da propriedade. Assim é erigida com a força que o discurso vai ter nos processos de convencimento e de persuasão dos auditórios a

que se dirige e, desde seu início, estabelece toda sorte de participação e também de segregação que o domínio do discurso vai exercer na cultura ocidental.

Assim, a literatura ocidental, a partir da influência grega, apresenta duas referências iniciais à retórica, uma que a atribui a Córax e Tísias e outra que a atribui a Heródoto, ambas relativas ao século V a.c.. Ressalto a importância de Córax e Tísias, responsáveis pela organização do primeiro “Tratado de Argumentação”, que consistia na organização de um método racional para falar adequadamente diante de um tribunal, por apontar o funcionamento de uma³ *operação maior da argumentação: a retomada de um discurso por um outro discurso; tudo o que é feito por palavras pode ser desfeito pelas palavras*⁴ (Plantin: 1996, 05).

A retórica é, então, sistematizada para que possa servir de instrumento aos gregos que defendiam o restabelecimento de suas terras, após a invasão de territórios gregos por sicilianos. Assim, surge, no interior de questões democráticas (e demagógicas⁵), normatizada pelo poder judiciário, e também político - em que a *eloquência* consistia no melhor atributo de convencimento.

Através dos Sofistas, sobretudo na figura de Górgias, destacado por sua eloquência como orador, a retórica, e com ela a argumentação, que está em sua base, é levada para Atenas, como uma hábil técnica jurídica que servia para convencer tanto do falso quanto do verdadeiro.

Com os Sofistas, a retórica domina a Filosofia, em que se pretendia uma arte, por meio da qual seria possível persuadir e provar quaisquer coisas, independentemente de sua veracidade, uma vez que nessa concepção os argumentos não tinham necessidade de ser verdadeiros; sua baliza consistia em opiniões verossímeis, variáveis entre os indivíduos e as cidades. A melhor opinião seria aquela que obtivesse a adesão do auditório a que era dirigida, por meio da figura do orador: novamente a eloquência é posta em relevo.

³ Ao longo desta tese, traduzo as citações em francês no corpo do texto, e as mantenho na língua original em nota de rodapé.

⁴ opération majeure de l'argumentation: le retournement d'un discours par un autre discours; tout ce qui est fait par des mots peut être défait par les mots (Plantin: 1996, 05).

⁵ De acordo com Barthes (1975: 150).

Platão provoca uma ruptura entre retórica e Filosofia, porque não podia admitir a retórica de Górgias como arte ou como Filosofia, mas é Aristóteles quem reabilita a retórica e procede à delimitação de seu domínio, bem como a tentativa de sistematizar e hierarquizar esse saber.

Assim, segundo Aristóteles, a Metafísica e as Ciências tratariam do necessário e das proposições indubitáveis; a Dialética diria respeito ao provável - e teria por método a argumentação contraditória e a síntese de opiniões; enquanto a retórica visaria persuadir, por meio de verossimilhança - e não de argumentos verdadeiros, necessários ou prováveis. Com esse movimento, Aristóteles garante, na hierarquia que estabelece, lugar privilegiado para o verdadeiro – abrigado na Filosofia - enquanto relega à Dialética e à Retórica questões não-lógicas, de raciocínios não-necessários - no sentido lógico da expressão.

A argumentação está, ainda, na base da divisão estabelecida por Aristóteles para os três gêneros de discurso que apresenta, cuja diferença de concepção está diretamente ligada à hierarquia estabelecida quanto a esse saber. Aristóteles reserva ao gênero judiciário o lugar do justo, entenda-se do verdadeiro, em que a concepção de argumentação dominante é o entimema.

No gênero deliberativo, a argumentação é construída a partir de fatos reais ou fictícios, que permitem a indução ou o raciocínio por analogia; e finalmente, no gênero epidídico, a argumentação é constituída sobretudo por meio de figuras como hipérbole, repetição e metáfora, uma vez que visa a ampliar a força dos argumentos, no intuito de exaltar ou diminuir pessoas ou eventos.

Os três gêneros discursivos são: o *deliberativo* – aquele que surgiu com a necessidade de deliberação relativa às demandas dos proprietários de terras e que procura persuadir o auditório -; o *judiciário* – aquele que acusa ou defende – e, por fim, o *epidídico* – aquele que busca o elogio ou a censura, que foi o gênero mais desenvolvido pelos sofistas -.

Cada gênero discursivo, por sua vez, está relacionado a um determinado tipo de auditório e à sua função, quer seja julgar, deliberar ou usufruir, como espectador, do jogo instaurado pelo movimento oratório.

A gênese do que a literatura lingüística denomina discurso surge com a divisão que faz Aristóteles relativamente à retórica, organizando-a em cinco partes.

Em primeiro lugar está a *invenção*: de acordo com o tema em questão, prevalece a determinação dos argumentos, que serão o exemplo ou o entimema; a *tópica*, que constitui parte essencial da invenção, pois é onde se dá o estudo dos lugares – *topoi* – que serão tomados como argumento tipo ou para estabelecer referência a um argumento de prova; a *disposição*, em que este material é ordenado; a *elocução*, em que se dá a redação do discurso, com impressão do estilo do orador. Por último, a *ação*, que consiste no ato mesmo de enunciar o discurso, com os gestos e a mímica adequados à situação.

Aristóteles estabelece uma relação hierárquica entre Filosofia e retórica, a fim de garantir à verdade, atrelada à Filosofia, um estatuto mais alto nessa hierarquia. Assim, na hierarquia que estabelece ao dividir a retórica em quatro partes constitutivas, apresenta os três gêneros de sua organização, em função da maneira como qualifica a noção de argumentação, mais precisamente, à maneira como se refere ao que denomina *argumentação dominante*.

A eloquência, tão cara aos Sofistas, é apresentada em segundo plano na retórica aristotélica, em que *a teoria da argumentação é a invenção, seus conceitos essenciais são os topoi, materializados no entimema como fato discursivo complexo de lógica, de estilo e de efeitos*⁶ (Plantin: 2005, 01).

Os estudos clássicos organizam suas especulações relativas à argumentação por meio de duas vertentes: de um lado, a Lógica, concebida como a *arte de pensar*, de outro, a retórica, a *arte de bem falar*.

A Lógica clássica categoriza a argumentação como a terceira das *operações do espírito*, responsável pela constituição do *discurso racional*, quais sejam (I) nomeação: apreensão e delimitação de um conceito, (II) juízo: construção de um enunciado, pela possibilidade de predicação, e por fim (III) argumentação: responsável pelo encadeamento dos enunciados.

⁶ *la théorie de l'argumentation est l'invention, ses concepts essentiels sont les topoi, matérialisés dans l'enthymème comme fait discursif complexe de logique, de style et d'affects* (Plantin: 2005, 01).

A Lógica dos predicados está vinculada às duas primeiras operações, enquanto à terceira cabe a Lógica das proposições, cujas regras são especificadas em função de uma *teoria do silogismo*, que constituem as regras da argumentação correta, cuja contraparte é constituída por uma teoria das falácias. De acordo com (Plantin: 2005, 02), *este conjunto retórica/lógica/teoria das falácias forma a base do sistema no qual a argumentação foi pensada desde Aristóteles até o fim do século XIX*⁷.

A retórica clássica categoriza a argumentação como fato de discurso, socialmente significativo, em que a questão pública é considerada, justamente porque *o discurso [é o espaço] da tomada de decisão, do ataque da defesa judiciária e da elaboração contraditória dos grandes princípios*.⁸ (Plantin: 2005, 01).

Plantin (1996) procura restabelecer a importância dos Sofistas para a retórica e para a argumentação, bem como para as categorias com que a noção de argumentação opera; assim, para o autor *é pelos sofistas históricos que a interação linguageira é colocada como a realidade última onde se jogam as relações sociais*⁹ (*id.*: *Ib.*, 07).

Da Antigüidade, por meio da ordenação estabelecida por Aristóteles, a retórica resta como o domínio do provável, plausível, verossímil. A partir da Renascença, a argumentação clássica deixa de ser a base da Retórica, que é excluída dos cursos universitários, em função dos trabalhos em ciências experimentais, que, por necessidade de um pensamento racional, aproximam a argumentação de uma noção lógica matemática, buscando garantir-lhe uma autonomia e um caráter de veridicção; surge assim a Lógica Formal, à qual a argumentação é atrelada.

Com a publicação dos trabalhos de Gottlob Frege, em 1879, a Lógica deixa de ser a *arte de pensar* e passa a ser considerada a *arte de calcular*, enquanto a

⁷ *cet ensemble rhétorique/ logique/ théorie des fallacies forme la base du système dans lequel l'argumentation a été pensée depuis Aristote jusqu'à la fin du XIXe siècle* (*id.*: *ib.*, 02).

⁸ *le discours [é o espaço] de la prise de décision, de l'attaque de la défense judiciaire et de l'élaboration contradictoire des grands principes* (*id.*: *ib.*, 01).

⁹ *chez les sophistes historiques l'interaction langagière est posée comme l'ultime réalité où se jouent les rapports sociaux* (*id.* *Ib.*: 07).

argumentação clássica passa a ser considerada somente em textos religiosos. Pensar a argumentação a partir de cálculos de valor de verdade faz com que sua natureza discursiva seja deixada de lado, em função de uma primazia racionalista, fundamentada numa lógica vericondicional.

No pós-guerra, surgem duas obras que reestabelecem a retórica e reafirmam sua relação com a argumentação: são os trabalhos de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996), com seu *Tratado de Argumentação*, e de Stephen Toulmin, com seu *The Uses of arguments* (1958).

Perelman e Tyteca (*id.*) questionam o declínio da argumentação retórica, pois criticam em Descartes os fundamentos do pensamento racional, cuja evidência é a marca da razão, eliminando qualquer possibilidade de considerar opiniões e desacordos, de modo que o traço *necessário* é evidenciado, uma vez que uma *Ciência Racional*, fruto de um pensamento racionalista, deve fundamentar-se em proposições necessárias e evidentes, características do sistema dedutivo.

Assim, questionam a concepção de razão cartesiana, pois retomam a retórica grega e romana, alicerçadas na arte de bem falar, de modo a persuadir e convencer, estabelecendo que a persuasão pode advir do verossímil e da opinião, o que os leva também a reagir contra a identificação entre Lógica e Lógica Formal ou Matemática, estabelecida pelo racionalismo, porque esta consiste em autorizar as conclusões com base em premissas inferíveis a partir de regras formuladas previamente, reduzindo a demonstração a um cálculo formal. Para Perelman e Tyteca (*id.* 04):

é a *idéia de evidência*, como característica da razão, que cumpre criticar, se quisermos deixar espaço para uma teoria da argumentação que admita o uso da razão para dirigir nossa ação e para influenciar a dos outros. A evidência é concebida, ao mesmo tempo, como a força à qual toda mente normal tem que ceder e como sinal de verdade daquilo que se impõe por ser evidente. A evidência ligaria o psicológico ao lógico e permitiria passar de um desses planos para o outro.

Para Perelman, *argumentar consiste em fornecer argumentos, ou seja, razões a favor ou contra uma determinada tese* (Perelman: 1987, 234), por isso o

objeto da Nova Retórica consiste no *estudo de técnicas discursivas que permitam provocar ou ampliar a adesão às teses que se apresentam* ao assentimento do auditório (Perelman & Tyteca: 1996, 05).

Os autores (*id.: ib.*, 07) propõem-se abordar também o que chamam de *discussão com um único interlocutor* ou *deliberação íntima*, fazendo com que a noção de argumentação abordada n' *A Nova Retórica* seja ampliada em relação àquela formulada por Aristóteles. Assim, se valem das expressões estabelecidas pelo autor da *Retórica*, ajustando-as às necessidades de desenvolvimento do texto proposto; com isso, re-categorizam *discurso* como *argumentação*. Ainda com relação à Retórica clássica, os autores se propõem a abordá-la sob a ótica de Platão, para quem a importância dos *recursos discursivos* deveria sobressair relativamente às rápidas conclusões ou ao fácil convencimento de auditórios ignorantes, tendo em vista que Perelman e Tyteca (*id.: 09*) interessam-se *menos pelo desenrolar completo de um debate do que pelos esquemas argumentativos empregados*.

Contrariamente à perspectiva clássica de Aristóteles, *A Nova Retórica* não se propõe à formação de oradores eloqüentes e por isso não se restringe ao discurso oral; antes enfatiza mais o texto escrito, justamente por sua importância na sociedade contemporânea, buscando sobretudo analisar a organização com que a estrutura argumentativa mesma se constitui. Entretanto, comunga com a tradição, que *é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve* (Perelman & Tyteca: *id.*, 06), pois o *contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela* (*id.: ib.*, 21), é preciso considerar tal auditório como determinante da linha argumentativa a ser desenvolvida.

Por sua vez, a obra de Toulmin *busca colocar as bases de uma lógica do discurso ou preferencialmente de uma racionalidade de um **logos** discursivo*¹⁰ (Plantin: 2005, 04). Para o autor, a argumentação consiste numa constelação de enunciados sistematicamente ligados, de onde o discurso retira sua coerência

¹⁰ *cherche à poser les bases d'une logique du discours, ou plutôt d'une rationalité d'un logos discursif*

racional, em oposição à perspectiva formalista que o antecede. Assim, a argumentação se dá a partir de uma prática lógica, que mobiliza os argumentos substanciais, relativamente ao domínio considerado, em que o modelo é a prática jurídica e em que o ponto inicial é a justificativa.

As obras de Toulmin e de Perelman se opõem e se complementam em função do lugar que reservam para uma teoria própria de argumentação:

1. Toulmin: apresenta uma teoria pobre, baseada em um esquema rudimentar, suficiente apenas para exprimir as articulações essenciais, cuja “substância real” advém dos domínios científicos particulares em que se aplica.

2. Perelman & Tyteca: propõem uma teoria “central” bem desenvolvida para a argumentação, fundamentada num conteúdo de descrição empírica incomparável, com mais de oitenta modelos de argumentos diferentes e mais de sessenta e cinco figuras também diferentes.

Ao propor o estudo de técnicas discursivas como objeto de sua teoria de argumentação, Perelman & Tyteca, explicitamente, fazem da argumentação uma parte das ciências da linguagem; entretanto, a teoria que apresentam quase não se preocupa com a linguagem propriamente, orientando-se, no mais das vezes, para uma dimensão puramente psicológica da argumentação, passando, assim, de uma argumentação formal, para uma perspectiva mais psicológica. Além disso, ao visarem *provocar* e *aumentar* a adesão de um auditório, introduzem uma perspectiva de *força do argumento*, noção que será cara aos estudos ducrotianos.

Enfim, tanto para Perelman e Tyteca, quanto para Toulmin, o projeto de constituição de uma nova reflexão sobre o *logos*, sobre a racionalidade do discurso ordinário, é fundamental.

Tchakotine (*apud* Plantin: 2005, 05) propõe uma distinção entre *senso-* e *ratio-propagande*, em que a primeira estaria vinculada a regimes totalitários, nos quais a propaganda estaria fundamentada no apelo ao instinto, enquanto na segunda perspectiva, a propaganda estaria vinculada aos regimes democráticos, nos quais se fundamentaria na razão.

Essa nova divisão e estruturação autônoma dos estudos da argumentação podem ser consideradas como uma das modalidades de rejeição dos discursos

totalitários europeus, nazista e stalinista, que efetivamente contribuíram para a reconstrução da argumentação, dentro deste contexto ideológico. Conley (*apud* Plantin: 2005) afirma que, à mesma época, nos Estados Unidos, o campo da retórica foi retomado com vistas à elaboração de uma ideologia do “mundo livre”.

Nos anos 70, há o apogeu de um momento lógico-lingüístico relativo aos estudos sobre argumentação, cuja natureza é estruturalista e está vinculado às ciências sociais, que se inicia com os trabalhos da primeira escola francesa de análise do discurso e com a obra de Oswald Ducrot, e sua Teoria da Argumentação na Língua. Em contrapartida, Grize propõe um modelo de lógica natural, com o intuito de estudar os aspectos cognitivos da argumentação. Nesse sentido,

A argumentação reaparece na França não no campo do discurso político, como prática crítica, mas no campo do estruturalismo, da lógica lingüística, do cognitivismo. A argumentação não é um meio de regulação racional das diferenças de interesses, de apreciação; **ela está na língua**. Por outro lado, problemas como o estatuto dos efeitos e a ligação com a demonstração não foram colocados¹¹ (Plantin: 2005, 05-06) [grifo meu].

Afirmar que a argumentação *est dans la langue* (interna à língua) estabelece um movimento relativo a seu estatuto, uma vez que, desde sua vinculação com a retórica clássica, a argumentação era sempre apresentada e descrita como um fato de discurso, ao passo que, nos trabalhos de Ducrot, passa a ser considerada fato de língua – portanto, como interior ao sistema lingüístico.

Frente a este panorama, é necessário especificar mais pontualmente os termos com que a categoria enunciação é utilizada nesta tese, tarefa de que busco dar conta no próximo capítulo.

¹¹ *l'argumentation reparu en France non pas le champ du discours politique, comme pratique critique, mais dans le champ du structuralisme, de la logique linguistique, du cognitivisme. L'argumentation n'est pas un moyen de régulation rationnel des différences d'intérêts, d'appréciation; elle est dans la langue. En conséquence, des problèmes comme le statut des affects et le lien avec la démonstration n'ont pas à être posés* (Plantin: 2005, 05-06).

2.2 Argumentação e enunciação: questões semânticas e pragmáticas

Ao propor um estudo de natureza enunciativa em relação à argumentação, permito-me abrir mão de abordar os estudos de semântica notadamente formal – não por negar sua importância para a compreensão dos fenômenos semânticos, mas antes por predicar minha investigação como enunciativa, o que me faz caminhar, cada vez mais, em direção a fenômenos lingüísticos de ordem enunciativo-discursiva, como *interação*, por exemplo; ou seja, fenômenos que possibilitam investigar a língua em seu funcionamento, o que, por sua vez, ressalta a importância de um *corpus* de linguagem ordinária.

Estabelecidas estas questões, é possível apontar indagações relativas à natureza do auditório, aos papéis atribuídos aos interlocutores, à própria situação enunciativa e à performatividade da língua, no sentido de buscar compreender por meio de que recursos argumentam as pessoas com afasia.

Convocar a enunciação para o escopo das pesquisas lingüísticas faz com que a importância atribuída ao estudo do enunciado, fora de contexto, perca o posto de destaque que ocupava até a Lingüística tomar para si a enunciação enquanto categoria de análise. Nessa medida, os estudos relacionados ao estabelecimento do sentido passam a ocupar um lugar central nas pesquisas lingüísticas, sobretudo pelas categorias de análise que apresentam.

Esse movimento somente é possível a partir dos trabalhos de Bakhtin, Benveniste e outros, que possibilitam o desenvolvimento de teorias sociais da enunciação, a partir da inclusão do sujeito na linguagem, marcando a subjetividade na língua - fenômeno que instaura os fundamentos da enunciação, a saber, as marcações dêiticas de *pessoa*, *espaço* e *tempo* referentes ao discurso.

Para Bakhtin, a enunciação requer um posicionamento responsivo entre os sujeitos envolvidos na interação, porque não considera apenas a relação do enunciador com a língua, mas sim a relação do enunciador com a língua e seu interlocutor, de maneira circunstanciada - em que estão envolvidos os papéis dos interlocutores, as imagens que fazem e que pretendem constituir de si e do outro,

suas intenções discursivas e toda sorte de elementos articulados no proferimento do enunciado.

De acordo com Cervoni (1989), o estudo do sentido deve levar em conta suas condições de produção, e estas somente podem ser especificadas se consideradas contextualmente, já que o próprio contexto contribui para o sentido do enunciado, na medida em que interfere, entre outras coisas, em sua aceitabilidade. Assim, (*id.*: 99) *a interpretação [do sentido] decorre de uma interrogação que se refere não ao enunciado, mas à enunciação.*

É nessa interface, entre os mecanismos, as ferramentas lingüísticas, que constituem aquilo que Benveniste (1995) denomina *o aparelho formal da enunciação*, e suas condições de uso - no funcionamento da linguagem - e nos contextos de interação, que a determinação do sentido se relaciona com a *problemática da enunciação* (Cervoni: 1989).

Além de Cervoni, outros autores apresentam questões importantes relacionadas ao estudo da enunciação, como Fuchs (1985), que retoma a relação entre enunciação e retórica, gramática e lógica. A autora parte da noção aristotélica de retórica, e a relaciona com discurso, enquanto aproxima gramática de língua, e lógica de linguagem - apresentada como uma *re-descoberta da enunciação* (Fuchs: *id.*, 111).

Assim como a retórica aristotélica, a perspectiva enunciativa está atrelada ao papel assumido pelo orador - *ethos* -, às imagens, ou paixões, que pretende despertar no auditório - *pathos* -, e à organização das partes do discurso - *taxis* -.

Esses passos são todos constituídos em função da enunciação, dos mecanismos envolvidos na produção do discurso, que, em última medida, seriam responsáveis pelo funcionamento desse discurso.

As questões enunciativas impostas à gramática são aquelas referentes à problemática do sujeito e também as responsáveis pelo funcionamento da língua, como a dêixis e a modalidade verbal. Assim, Fuchs (*id.*: *ib.*) retoma Benveniste, que categoriza as unidades dêiticas e modais como *índices*, enquanto Jakobson (1957) as categoriza como *shifters*, *embreantes* - que estarão na base da semântica greimasiana.

Essas categorias fundamentam a propriedade que a língua tem de ser auto-referencial e auto-reflexiva, a partir da atualização discursiva constantemente operada pela enunciação.

As condições de emprego das formas não são, em nosso modo de entender, idênticas às condições de emprego da língua. (...) o emprego da língua, (...) de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira. (...) A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização (Benveniste: 1985, 81-82).

Assim, o discurso seria uma manifestação da enunciação, já que *a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. (id.: ib., 83).*

O estudo da enunciação a partir de uma perspectiva lógica está atrelado à semântica de mundos possíveis, ou à semântica intensional, e às filosofias que tomam como objeto a linguagem ordinária, como o faz a Escola de Oxford, por exemplo. São essas as duas formas com que a enunciação pode estar atrelada à lógica. A semântica intensional tem seu expoente em Frege, que estabelece distinção entre sentido e referência, enquanto os estudos filosóficos ligados à linguagem ordinária estão relacionados aos atos de linguagem, de discurso, ou ainda, de fala, resultando uma Pragmática lingüística.

Lingüistas como Culioli e Ducrot recusam a independência hierárquica que Morris e Carnap atribuem à sintaxe, semântica e pragmática, apontando, assim, para um viés de estudos lingüísticos, em que a pragmática constituiria uma disciplina integrada à semântica (Moeschler: 1985).

Nesta perspectiva, a enunciação, em sentido estrito, por um lado, está relacionada aos mecanismos conversacionais, responsáveis pelo funcionamento da linguagem, a partir de unidades da própria língua. Trata-se de uma visão neo-estruturalista, como a de Ducrot, que se limita à relação do sujeito enunciador com a língua. Por outro lado, o estudo da enunciação também se dá a partir de relações lógico-lingüísticas fundamentadas em ações lingüísticas, nos atos de

linguagem, na performatividade da língua - visão pragmaticista, mas que também se limita à relação do sujeito com a língua.

Apesar de limitados à relação entre enunciador e língua, os trabalhos neo-estruturalistas ampliam a noção de categoria enunciativa, ao estenderem seus estudos das unidades lingüísticas à investigação do enunciado. As categorias enunciativas são concebidas como sistemas de correspondências entre conjuntos de operações e de marcas lingüísticas. O contexto passa a exercer, no discurso, o papel de situação, de ponto de referência para a enunciação seguinte (como na Teoria da Argumentação na Língua); com isso, o conjunto das operações constitutivas do enunciado, integradas ao campo enunciativo, também passa a ser considerado.

Nessa medida, todos os estudos estão subordinados à enunciação, passando das categorias formais às categorias nocionais e das operações estritamente enunciativas ao conjunto das operações constitutivas do enunciado - construindo modelos enunciativos de linguagem. O desafio dessas teorias consiste justamente na possibilidade de ampliar seu campo de análise sem que sua capacidade operatória seja perdida.

A passagem do estudo de categorias formais para o estudo de categorias nocionais resguarda a noção de marcas lingüísticas, ainda que de maneira mais tênue, em função da ampliação do conceito de categoria enunciativa. Esse movimento pode ser exemplificado pela passagem do estudo do “eu”, dêitico, à categoria de pessoa, do estudo de “aqui”, também dêitico, à categoria de espaço, e assim por diante.

A noção de categoria enunciativa visa tornar possível a inserção da categoria “sujeito” no interior do sistema lingüístico, mas procurando manter, ainda, sua qualidade operatória.

Os estudos pragmáticos, de base enunciativa, são aqueles desenvolvidos por Austin, na Teoria dos Atos de Fala, em que importa destacar as distinções postas pelas categorias *constatativo/ performativo* e *ilocutório/ perlocutório*, e por Grice, com as Máximas Conversacionais, em que importa extrair as regras conversacionais que arbitram as relações discursivas.

A pragmática, por sua vez, percorre o caminho inverso àquele das correntes neo-estruturalistas, uma vez que busca, a partir de aspectos nocionais e discursivos, chegar às marcas lingüísticas que os constituem – o ponto comum entre as duas abordagens é relativo justamente ao propósito de ambas: dar conta do todo da linguagem, constituírem uma Teoria Geral da Ação Lingüística. Assim, contrariamente à pragmática lógica, a pragmática lingüística subordina o dito aos modos de dizer, privilegiando os implícitos, os subentendidos, em lugar do explícito, do posto, do conteúdo enunciado.

Desse modo, a enunciação pode ser tomada, segundo sua problemática teórica, a partir de três eixos de reflexão, quais sejam, *o questionamento da oposição língua/ fala, a concepção de semântica com que trabalha, e o papel do sujeito* (Fuchs: *id.*, 120).

Para a autora, *o sujeito está sempre presente em tudo, mesmo quando se mascara* (Fuchs: *id.*, *ib.*), portanto, não há sentido em separar a língua de seu funcionamento, e mesmo, separar o sujeito da língua - o movimento mais adequado parece consistir, justamente, em superar tais dicotomias.

Se por um lado Morris (1948) apresenta a pragmática como último componente na relação linear que estabelece entre sintaxe, semântica e pragmática, por outro lado, a diferença de concepção entre a noção de enunciação *stricto sensu*, ou *lato sensu*, também faz com que sua relação com a língua ou com a linguagem seja posta em termos distintos.

Admitida a concepção de enunciação em sentido largo, essa será a perspectiva que instaura interior/ exterior lingüístico como auto-constitutivos; enquanto, admitir enunciação a partir de uma concepção *stricto sensu* mantém a dicotomia relativa à língua, tomando-a enquanto sistema autônomo, a partir do qual as operações enunciativas se instauram para colocar a linguagem em funcionamento e, com isso, trabalhar para a constituição do sentido.

Se considerada uma teoria enunciativa pragmaticamente investida, *lato sensu*, a enunciação rompe com a dicotomia interioridade/ exterioridade lingüística, porque questões de ordem pragmática, de fora da língua, relativas a seu uso, vão constituir a língua, estabelecendo uma relação de interdependência e

de constituição mútuas. Nesse caso, a interação e o reconhecimento mútuo dos papéis atribuídos aos interlocutores estão a serviço da produção do sentido.

De acordo com Koch (2004: 11), *a visão da linguagem como ação intersubjetiva deriva de dois grandes pólos: de um lado, a Teoria da Enunciação; de outro lado, a Teoria dos Atos de Fala*, a grande responsável pelo que a Lingüística denomina “virada pragmática”, relativamente aos estudos sobre a linguagem.

No contexto das afasias, a dificuldade de expressar-se é decorrente não somente da lesão cerebral, mas também da situação de interlocução - se estabelecida uma abordagem da afasia não como um problema circunscrito ao cérebro lesado, mas também como uma questão de linguagem, ou seja, de interação social mediada por semioses comuns, que garantem ao sujeito instanciar-se discursivamente.

Estabelecer um estudo produtivo a partir de uma perspectiva enunciativa requer não apenas estudar quais são as unidades da língua e as relações que estabelecem nas operações argumentativas, mas antes, ver de que maneira essas unidades assumem funções lingüísticas a partir das relações interativas estabelecidas pelos interlocutores. A enunciação aparece então como eixo que articula a relação entre semântica e pragmática, entre aquilo que é da língua *stricto sensu* e aquilo que seria relativo a seu exterior discursivo.

Aproximar argumentação e enunciação possibilita explorar as relações existentes entre semântica e pragmática, bem como perscrutar as fronteiras em que se tocam, liame a partir do qual a fluidez da relação interior e exterior lingüístico é mais uma vez posta em evidência.

É preciso lembrar que, na interação, os interlocutores manipulam não somente ferramentas argumentativas colocadas à disposição pela língua, como também uma série de regras pragmáticas, discursivas, relativas à sua possibilidade de estabelecimento e de desenvolvimento.

Pari passu caminham as operações lingüísticas estabelecidas sobre a materialidade da língua, e as regras pragmáticas envolvidas na interação. Nessas

operações, os sujeitos são chamados a jogar o jogo, a aderir às regras que os diferentes gêneros lingüísticos estabelecem nos espaços de interação.

Procuro alocar minhas questões sobre argumentação justamente neste espaço de relação ente linguagem e discurso, sempre com vistas a perscrutar qual o papel das relações argumentativas para a constituição da significação, sem deixar de considerar o caráter normativo envolvido na produção do sentido.

Esse caráter normativo está ligado à obediência de regras lingüísticas, como as noções chomskyanas de boa formação gramatical e de aceitabilidade, e ainda às regras pragmáticas, como as noções de leis discursivas, relacionadas à cooperação entre os interlocutores e à relevância conversacional - ou àquelas relacionadas aos implícitos, aos inter-enunciados, à polifonia, à performatividade da língua (o que se diz e os efeitos que o dizer produzem). Há ainda que observar noções semânticas como acarretamento e inferência, estabelecidas com base nas noções de contexto, relativo à situação enunciativa, e cotexto, relativo às marcas textuais.

A abordagem enunciativa, aqui proposta, ancora-se no postulado de que a significação não é somente signo, mas antes enunciação, quer seja entendida enquanto categoria de representação da língua, quer seja tomada enquanto processo, como nos estudos de Ducrot, em que a situação enunciativa é responsável pela constituição dos inter-enunciados e dos implícitos.

A enunciação está ligada ao momento de proferimento do enunciado, conseqüentemente, ao contexto de produção; contudo, é importante não tomar *contexto de produção* como elemento que constitui uma relação de figura e fundo, em que o enunciado seria a unidade central, a figura, e o contexto seria estabelecido como fundo, como a paisagem onde uma cena se desenvolve. Antes, a relação deve ser pensada nos termos em que Ducrot a coloca, para quem a enunciação credita informações a respeito do enunciado.

Somente dessa forma a enunciação toma relevo e pode servir como aporte para o postulado de uma Lingüística Pragmática, sob a qual estariam abrigados os estudos relativos à dimensão discursiva da linguagem. Por isso que postular a enunciação enquanto categoria orientada pragmaticamente implica considerar que

o estudo do sentido deve levar em conta suas condições de produção, ou ainda, que no sentido do enunciado está contida a enunciação.

A semântica que faz Ducrot atrela a enunciação ao evento histórico e particular responsável pelo aparecimento de um enunciado, enquanto o enunciado (que constitui um discurso mínimo, uma unidade mínima de análise) corresponde à ocorrência particular de uma frase. Com esse movimento, o *pragma* é alocado no interior da língua, em suas relações de significação mais básicas - por meio de mecanismos gramaticais constituídos pelos operadores e conectivos argumentativos, pelas marcações morfo-sintáticas que sustentam a pressuposição e pelas unidades introdutoras de *topoi* (e mesmo pelos *topoi* lexicais, em que a predicação *topoi* intrínseco e extrínseco implica operações enunciativas estabelecidas com base nas marcas de significação atreladas ao léxico a partir da enunciação).

A Lingüística Textual e a Análise da Conversação, porém, têm um caráter mais pragmático-discursivo, ao se valerem, por exemplo, da Teoria dos Atos de Fala e das Máximas Conversacionais, para ancorarem o *pragma* como elemento exterior à língua, responsável por seu funcionamento discursivo.

Com base na enunciação, a linguagem é duplamente circunstanciada, quer pelas relações dêiticas, espaciais e temporais, quer pela subjetividade, por meio das funções e papéis assumidos e atribuídos aos interlocutores.

A linguagem, ao ser circunstanciada pela enunciação, não o faz apenas em função da colocação do enunciado em um contexto discursivo, mas sim em função da subjetividade, também atrelada às relações dêiticas - porque não existe um *aquí* agora, um *presente* e *passado* que se estabeleçam com base numa enunciação que não considere a subjetividade na língua, fundamentada na figura dos interlocutores envolvidos na situação enunciativa.

São as categorias enunciação e interação que orientam o funcionamento da língua, as relações operadas pelos sujeitos no exercício de seu uso; operações essas que convergem para o discurso, e, portanto, para todos os efeitos de sentido passíveis de constituição quando a língua é colocada em funcionamento.

Os estudos que tomam, entretanto, as relações enunciativas e interativas dessa forma não deixam de alojar o *pragma* fora da língua, ainda que ancorado na escassa e fluida linha que separaria o interior e o exterior lingüístico. Uma afirmação de tal natureza parece conduzir a uma contradição, na medida em que nesta tese é assumida uma perspectiva enunciativa relativamente à linguagem, ou seja, em que as análises propostas se dão justamente a partir de seu funcionamento.

Do ponto de vista teórico-metodológico, é mais funcional e melhor explicativo postular interior e exterior lingüístico como um contínuo, que se inter-relacionam justamente por meio da enunciação, responsável pela circunstancialização da língua e pelas relações discursivas - ambas auto-constitutivas.

É nesse eixo, nessa borda enunciativa, que os interlocutores exibem suas habilidades no manuseio de categorias da língua e de categorias postas pela enunciação; categorias marcadas notadamente no sistema gramatical da língua e categorias relativas ao seu funcionamento discursivo, respectivamente.

A noção de pragmática integrada estabelece um amálgama entre a constituição da significação (objeto mesmo da semântica) e os efeitos que o sentido pode produzir, por meio de implícitos, por exemplo, bem como o estatuto de sua arquitetura formal, uma espécie de “gramática do discurso”, em que categorias como enunciação e interação seriam partes de sua organização.

Cabe lembrar que a este estudo interessa (ao propor uma investigação enunciativa relacionada à argumentação) buscar compreender como a linguagem põe e dispõe de categorias próprias para a argumentação; e mais, como se efetua e efetiva a manipulação dos recursos lingüísticos e discursivos no interior do ato enunciativo. Minha expectativa é de que um *corpus* constituído por dados de afasia possibilite não somente a investigação em linguagem ordinária (da linguagem em uso), mas também a explicitação dos mecanismos envolvidos no ato enunciativo, justamente por causa das restrições lingüístico-discursivas impostas pela afasia.

Nesse sentido, as qualidades interativas do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) são substantivas para um bom desempenho por parte dos afásicos, uma vez que os sujeitos não-afásicos ali envolvidos têm por meta justamente fazer com que o afásico disponha das melhores condições possíveis para se expressar. A relevância do auditório com que lida um afásico no CCA consiste justamente no conhecimento dos pesquisadores nele envolvidos, no conhecimento dos diferentes sujeitos afásicos entre si, na história que constitui o grupo. Essas relações fazem com que haja um cuidado especial às leis discursivas, como *seja cooperativo*, à manutenção ou concessão de turno conversacional, por exemplo, além do papel mediador relevante de recursos como o *prompting*.

Assim como a afasia não deve ser considerada apenas um problema circunscrito ao cérebro, também não deve ser tomada somente como questão de metalinguagem, porque, como pode ser observado nos encontro do CCA, os sujeitos afásicos argumentam, apesar das restrições que lhes são impostas. A afasia deve, então, ser considerada em sua dimensão social¹², uma vez que afeta as relações de interação social de que participam os sujeitos afásicos.

Como já apontei, as dificuldades com a linguagem decorrem não somente da lesão cerebral, mas também da situação de interlocução (favorecidas pela especificidade das práticas de linguagem desenvolvidas no CCA). As restrições com a linguagem são devidas, ainda, ao grau de escolaridade e de letramento, e mesmo às atividades e aos papéis sociais que os sujeitos mantinham antes da lesão cerebral - que os constituíam ou em que eram constituídos socialmente.

Enfim, no que diz respeito às questões postas até aqui, elas podem ser resumidas da seguinte maneira: (i) argumentar requer uma competência lingüística e/ou pragmática?, ou (ii) argumentar requer uma competência mais abrangente, predicável como enunciativo-pragmática?, ou ainda, (iii) argumentar envolve o amálgama de *diferentes saberes operativos em relação à linguagem*,

¹² O livro *Sobre as afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos* (Morato et alli: 2003) aborda a questão da afasia justamente a partir da consideração desses três aspectos: cérebro, linguagem e sociedade.

predicáveis como competências lingüística, pragmática, discursiva, sociointeracional?

Para dar conta de fenômenos lingüísticos dessa natureza, é necessário o desenvolvimento de uma análise mais detalhada relativa às questões envolvidas na noção de competência, trabalho que procuro desenvolver no próximo capítulo.

3. Competência

Minha questão neste trabalho centra-se na reflexão crítica acerca da existência de uma competência, ou de um domínio específico de competência, predicada como argumentativa, uma vez considerado que a categoria pontua questões centrais na literatura lingüística. Para os efeitos deste estudo, é necessário discutir aqui os termos em que a noção tem sido levada em conta, já que a competência chomskyana não tem como abrigar uma noção de afasia sem reduzi-la a um problema de ordem metalingüística *stricto sensu*.

Embora seja necessário reconhecer que a competência é também uma categoria encontrada no sistema nocional de outras áreas, tais como a Psicologia e a Sociologia, ressalto que a discussão aqui encerrada assume os impactos que ela tem no campo da Lingüística (como pode ser visto nas reflexões feita por Chomsky e Hymes quanto a essa categoria).

Considerar a afasia enquanto problema lingüístico relacionado à metalinguagem implica assumir que um sujeito afásico estaria desprovido de uma competência relativa não somente a processos lingüísticos e metalingüísticos, mas também que estaria desprovido de uma competência relacionada a processos mentais e subjetivos, ou seja, cognitivos. Nesse sentido, é com base numa concepção sócio-cognitiva que relaciono competência e argumentação, admitindo que para argumentar não basta somente saber operar mecanismos ou instrumentos lingüísticos.

Na base de uma problematização dessa natureza, está a questão já adiantada nos capítulos anteriores, qual seja: existiria uma competência específica para a linguagem, ou a linguagem disporia de uma competência mais geral que possibilitasse, entre outras operações que autoriza, argumentar?

As questões com que trabalho nesta tese estão abrigadas nas reflexões desenvolvidas nos projetos de pesquisa *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)* (Morato *et alli*: 2006a), e *Competência e*

metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não-afásicos, (Morato *et alli*: 2006c) - ambos apoiados pela FAPESP.

No primeiro projeto, a noção de competência é organizada em função do caráter pragmático-discursivo com que foi pautada; por esse motivo

pode ser entendida como um fenômeno sócio-cognitivo por explicitar enunciativa, pragmática e inter-semioticamente os processos de significação nela envolvidos; por ser constituída por instâncias sócio-culturais que presidem a utilização da linguagem e demais situações humanas; por ser marcada pelos aspectos interacionais, intersubjetivos e sociais das condições de emergência que são próprias das ações na qual é requerida (Morato *et alli*: 2006a, 14).

No segundo projeto, o avanço nas investigações se dá a partir da relação proposta entre metalinguagem e competência, ampliando, assim, os percursos relativos aos estudos sobre essa categoria, à qual o grupo de pesquisadores envolvidos em ambos projetos tem se dedicado. Nele, a relação entre competência e metalinguagem é estabelecida com base na

análise consistente de processos meta na linguagem de afásicos [que] poderá levar-nos a admitir que eles deixam entrever uma competência relativamente à linguagem ao atuarem interativa e sócio-cognitivamente com vários processos de significação. A reflexão sobre essa ação reflexiva dos sujeitos em meio às práticas de linguagem poderá nos conduzir a um melhor entendimento da relação – não meramente complementar ou psico-técnica entre linguagem e cognição, cujo vetor acaba sendo a própria condição na qual essa relação se estabelece, isto é, o contexto enunciativo e suas circunstâncias de ordem lingüístico-interacional (Morato *et alli*: 2006c, 06).

Com o propósito de me ater à questão argumentativa em relação à competência, limito-me à retomada e à revisão do percurso de dois movimentos que são encontrados na literatura lingüística acerca da abordagem de competência.

Primeiro, procuro cotejar a noção de competência posta pelo gerativismo (cujos fundamentos estão no postulado inatista e na centralidade da sintaxe)

relativamente a categorias como *enunciação*, *discurso*, *subjetividade*, *interação*. Esse movimento me permite considerar a plausibilidade de atribuir o predicado *argumentativa* à noção de *competência* – já que encontro, na literatura lingüística, atributos como comunicativa, discursiva, pragmática, entre outros, a ela atrelados.

Segundo, em função das considerações referentes às diversas concepções de competência, oriento minha discussão no sentido de averiguar se, heurísticamente, há ganhos explicativos em postular (ao invés de considerar diferentes predicções para competência) um falante competente relativamente às mais diferentes necessidades postas pela interação.

Estabelecidas estas considerações, assento minha discussão sobre a questão relativa a uma competência argumentativa ou a uma competência para argumentar, tendo em vista que é justamente em função da concepção de argumentação estabelecida nesta tese que a noção de competência poderá ser predicada.

É com base na Teoria da Argumentação na Língua que estabeleço as primeiras considerações de caráter enunciativo, relativamente à argumentação, por considerar a enunciação enquanto elemento constituinte da significação - o nível mais profundo de análise, do qual o valor informativo dos enunciados pode ser derivado, mas nunca o contrário. O caráter dessas considerações orientou-me para uma concepção de língua que abarcasse, em seu interior, a significação, fazendo com que meu distanciamento de Chomsky possa ser amparado sobretudo a partir dessa posição.

Minha expectativa é de que essa preleção teórica inicial me permita perscrutar o que tem sido dito e ainda pode ser dito a respeito de *argumentação*, *competência* e *afasia*.

É possível encontrar não somente em Hymes, mas também em outros autores, variadas e diferentes denominações para uma competência da fala, como *competência discursiva*, utilizada para designar a aptidão em controlar as regras

*de uso da língua na diversidade de suas situações*¹³ (Maingueneau e Charaudeau: 2002, 113). Segundo os autores, essa noção de competência discursiva deveria ser ainda re-considerada, em função do que se compreende por discursivo, uma vez que os próprios autores não apresentam uma noção de competência discursiva única, pois a contrapõem a outras competências diferentes.

Restam ainda questões que preciso abordar, como: quais fenômenos evidenciariam uma competência argumentativa? e que elementos, assim como os introdutores de *topoi*, no interior da Teoria da Argumentação na Língua, podem ter um papel significativo na constituição da argumentação de afásicos? Por esse motivo, a Teoria da Argumentação na Língua tem papel importante em minhas investigações, já que aborda a constituição do sentido a partir de uma perspectiva de argumentação investida enunciativamente.

Nesse sentido, o Centro de Convivência de Afásicos, por suas práticas interativas envolvendo afásicos e não-afásicos, possibilita um estudo substantivo relativamente às práticas de linguagem - uma vez que as interações que ali se dão constituem práticas lingüísticas em que os sujeitos nelas envolvidos exibem suas mais diversas competências (lingüísticas, cognitivas, sociais), para fazer parte das atividades interativas instauradas. A competência, portanto, é entendida como uma prática, de naturezas diversas, e não como uma faculdade - recusar a noção de competência enquanto faculdade implica concebê-la enquanto prática socialmente constituída.

É importante especificar a predicação atrelada à noção de competência, à medida em que influencia a própria maneira com que a noção de afasia é tomada. Tradicionalmente, a literatura lingüística apresenta a afasia enquanto comprometimento de linguagem relativo às operações de caráter metalingüístico (Morato *et alli*: 2006a), e a noção de competência (a partir do postulado chomskyano) enquanto faculdade inata, à qual está relacionado o conhecimento gramatical de um “falante-ouvinte ideal”.

¹³ *pour designer l'aptitude à maîtriser les règles d'usage de la langue dans la diversité des situations* (Maingueneau e Charaudeau: 2002, 113).

Conceber competência dessa forma faz com que não sejam considerados os saberes cognitivos e subjetivos dos sujeitos com afasia, já que seu conhecimento metalingüístico estaria comprometido – em termos chomskyanos, a competência não estaria íntegra em um sujeito afásico.

Para postular que a competência não está perdida nem destruída na afasia, é necessário que seja considerada um conhecimento de natureza sócio-cognitiva, o que, por sua vez, possibilita conceber que

considerando-se a competência relativamente à linguagem a partir de uma perspectiva sócio-cognitiva, não a reduzindo a uma capacidade metalingüística ou metacognitiva *stricto sensu*, não se pode dizer absolutamente que ela se perde ou se destrói nas afasias. Pelo contrário, está presente, se reorganiza e se refaz em instâncias interativo-discursivas e no decorrer de diversas ações psico-sociais nas quais se engajam colaborativamente o afásico e seus interlocutores (Morato *et alli*: 2005a, 04).

Atrelar à afasia a noção de competência apresentada por Chomsky implica dizer, de um sujeito afásico, que ele não é competente relativamente à língua, portanto, seria necessário dizer que não resta linguagem na afasia. Nessa medida, o CCA, porque propõe variadas dinâmicas interativas, possibilita ao afásico um ambiente adequado para mostrar e evocar seus *saberes* lingüísticos. No CCA, os sujeitos afásicos são, antes de mais nada, convocados a falar, a exhibir os recursos, lingüísticos ou não, de que se valem nas práticas discursivas, seja com outros sujeitos afásicos, seja com sujeitos não-afásicos. Assim, os diferentes processos e dinâmicas interativas nele desenvolvidos permitem uma abordagem da competência enquanto prática sócio-cognitiva, com conseqüências para a própria concepção de afasia.

É necessário compreender se os sujeitos afásicos se valem de diferentes competências para dar conta de sua habilidade interativa ou se o sujeito é competente, no sentido em que desenvolveu socialmente uma prática de linguagem, que lhe permite, entre outras coisas, argumentar, mostrar de alguma forma as estratégias argumentativas, lingüísticas ou não, a que recorre.

Todas as atividades desenvolvidas no CCA convocam o sujeito a estar na linguagem, ainda que de diferentes maneiras, como indicam as atividades desenvolvidas no Programa de Linguagem e de expressão teatral¹⁴. Essa convergência de fatores possibilita tomar os estudos relativos à noção de competência a partir de um domínio empírico.

3.1 Competência: questões cognitivas

As atividades desenvolvidas no CCA se caracterizam por não considerar as afasias apenas como uma questão metalingüística, porque não toma a linguagem enquanto elemento unicamente verbal, relativa, por exemplo, a problemas de acesso ou processamento semântico-lexical, ou ainda à desorganização sintática ou fonológica, mas, antes, por respeitar as diferentes semioses envolvidas na interação.

Dessa forma, é mais produtiva a consideração de um contínuo entre linguagem normal e patológica, de certa *gradiência* relativa às habilidades lingüísticas, que de um rompimento - o que implicaria dizer onde há e onde não há língua, principalmente se considerada a linguagem em seu funcionamento - por isso importa estudar as relações entre língua e linguagem com base na consideração de categorias como *interação*, *cognição*, *enunciação*.

A seguir, a fim de aprofundar a discussão ensejada nesta tese, apresento algumas concepções de competência que me possibilitam entrever o movimento que abriga a passagem da noção de competência enquanto faculdade à noção de competência enquanto prática.

Começo por Chomsky que em *Aspects of the theory of syntax* (1965), apresenta a noção de *falante-ouvinte-ideal*, ao qual atribui uma faculdade de linguagem inata, biologicamente determinada, a que chama de *competência lingüística*. Essa competência possibilita ao falante nativo reconhecer e gerar

¹⁴ Remeto novamente o leitor ao livro *Sobre as afasias e os afásicos*, referido em nota à página 28.

frases gramaticalmente bem-formadas em sua língua materna; logo, a competência constitui um saber racional, uma capacidade inconsciente do falante, que lhe garante a possibilidade de falar, de demonstrar sua *performance* - entendida como o uso efetivo da linguagem. A competência é a categoria que legitima a *ação* lingüística, demonstrada na *performance*.

A competência, aceita como faculdade humana, permite ao falante-ouvinte-ideal o reconhecimento de propriedades universais relativamente à organização gramatical de sua língua-materna. Assim, uma vez exposta à língua, uma criança tem a possibilidade de, a partir de estímulos pobres¹⁵, inferir as regras de parametrização da gramática de sua língua materna. Essa capacidade é denominada por Chomsky como *criatividade*, relativa à possibilidade que toda criança tem de reconhecer e construir (gerar) um número infinito de sentenças, mesmo que nunca as tenha ouvido, a partir de um número finito de regras, justamente porque infere as regularidades que servem de parâmetro para a gramaticalidade de suas construções; a natureza dessas operações faz com que o modelo apresentado por Chomsky seja predicado como internalista.

Em resumo, a possibilidade de reconhecer e gerar sentenças bem-formadas constitui o que Chomsky denomina *competência*, enquanto a realização efetiva da língua constitui a *performance*.

Chomsky (1980 *apud* Hymes 1984) não deixa de reconhecer a possibilidade de postular uma competência pragmática, mas também não deixa de manter a competência lingüística como ontologicamente anterior e central, à qual subordina qualquer outra concepção de competência. Nos estudos de Chomsky, a noção de competência lingüística (e com ela o inatismo) e a hipótese de centralidade da sintaxe são mantidas em todas as versões por que passa a teoria gerativa.

Hymes (1984), por ser o primeiro a dialogar diretamente com a noção apresentada por Chomsky, chama atenção para a quantidade e variedade de atributos com que a noção de competência é predicada. Essa importância às

¹⁵ De acordo com Chomsky.

considerações de Chomsky demonstra a inquietação, provocada na comunidade lingüística, pelo postulado de uma competência de domínio da lingüística, relativa a um conhecimento inato da língua (que deixa de lado questões que impliquem sua utilização, a subjetividade e o estabelecimento de sentido). É nesse panorama que surge o famoso exemplo chomskyano, *colorless green ideas sleep furiously*, para demonstrar a diferença entre os conceitos de gramaticalidade e de aceitabilidade.

Hymes (*id.*: 120), ao retomar e referir toda sua produção lingüística, desde os anos 50, apresenta dois argumentos para sustentar o aparecimento da expressão *competência de comunicação*, como uma primeira contraposição àquela noção de *competência* postulada por Chomsky. Esses argumentos teriam origens distintas, mas acabam por se imbricar.

O primeiro argumento seria justamente aquele de contraposição à noção de competência lingüística apresentada por Chomsky, enquanto o segundo estaria vinculado às pesquisas em etnografia da comunicação, com a qual o autor vinha se envolvendo cada vez mais. O imbricamento dessas noções se daria por meio de um ponto comum, qual seja, a capacidade de utilização de uma língua.

Hymes (1984) retoma um texto de 1962, em que apresenta a noção de etnografia da fala, com o propósito de estabelecer relação entre língua e cultura, buscando chamar atenção para a necessidade de respeitar as implicações teóricas advindas de um estudo com tal natureza. O autor aponta, ainda, abstrações equivocadas dessa relação, que estudavam, de um lado, a língua tão somente enquanto gramática (como a proposta de competência lingüística), e de outro a análise cultural, como objetos totalmente distintos, livres de implicações mútuas.

Com isso, Hymes apresenta um novo enfoque, que teria por objeto o estudo da organização da fala no interior de comunidades específicas, considerando questões etnográficas como determinantes para a organização da fala dos sujeitos dessas comunidades.

Surge, assim, a primeira predicação relativamente à competência, com o intuito de se contrapor à noção de competência lingüística chomskyana. Hymes

lembra, contudo, que a expressão *competência de comunicação* é introduzida no uso geral sem que seja necessário atribuí-la a um autor particular, mas lembra ainda que as citações feitas pelos lingüistas geralmente fazem referência a suas publicações, e, mais freqüentemente, ao texto *Vers la compétence linguistique*, de 1973¹⁶.

Hymes chama atenção, também, para o quanto a noção de competência de comunicação utilizada é empregada de maneira vasta e variada, ou seja, muito pouco específica e controlada teoricamente, exemplificando a questão com os trabalhos de Campbell e Wales (1970), que se valem dessa *competência* para referir o estudo da aquisição de linguagem (assim como Slobin, Gumperz e tantos outros). Para Hymes, *competência de comunicação* passa a ser utilizada paralela e independentemente, por paradoxal que possa parecer, no domínio de aprendizagem e de ensino de línguas, culminando com a utilização feita hoje pela Lingüística Aplicada.

Nesse sentido, Paulston (1974/ 79 *apud* Hymes: 1984) propõe que a noção de competência de comunicação teria dois sentidos diferentes: um primeiro seria aquele de que se valem os trabalhos com o ensino de língua estrangeira nos EUA, que a utilizam para designar uma capacidade do indivíduo de entrar em interação espontânea na língua alvo. Um segundo sentido seria aquele utilizado pelas pessoas que trabalham com inglês como segunda língua, que tendem a se valer de competência de comunicação no sentido mais estritamente proposto por Hymes, considerando não somente as formas lingüísticas, mas também suas regras sociais, como saber quando, como e com quem seria apropriado utilizar certas formas.

A questão resume-se, para Hymes, no fato de que diferentes autores passam a falar não mais em *capacidade* ou *hábito* de utilização da língua, mas em *competência*, justamente para contraporem-se a Chomsky e alargar o sentido da palavra e, conseqüentemente, o de língua e de gramática por ela implicados.

¹⁶ Texto que originou *Vers la compétence de communication*, de 1984.

Com isso, começa a proliferar uma significativa predicação sobre competência - que sempre dialoga com o postulado chomskyano – o que testemunha sua força e seu alcance na comunidade lingüística mundial.

Kerbrat-Orecchioni (1986), a partir de uma noção de quadro de interação verbal, referente à língua em uso, centrada no ponto de vista da decodificação, propõe um estudo que busca *compreender como os enunciados são compreendidos*¹⁷ (id.: 1986, 09), ou seja, busca saber como os alocutários¹⁸ interpretam as mensagens; para tanto, adianta que deles é suposta uma *hiper-competência*, que abarcaria as quatro competências de que se valem, quais sejam, lingüística, enciclopédica, retórico-pragmática e, finalmente, uma competência lógica.

Nesse quadro, cabe à competência lingüística a possibilidade de codificação e de decodificação dos enunciados; esta competência respeita, portanto, o cotexto, as regras gramaticais da língua, a prosódia, o *status* de informação intra-textual, que permite extrair as informações intra-enunciativas, ou seja, seu funcionamento respeita o suporte significante da língua.

À competência enciclopédica são atribuídas as responsabilidades relativas ao contexto e à enunciação - aqui entendida como a *contextualização do enunciado*, mas somente na medida em que coloca o enunciado em um contexto específico, não havendo nenhuma remissão à perspectiva de que a enunciação constitui, ela também, a significação expressa pelo enunciado, como o faz a Teoria da Argumentação na Língua, por exemplo.

Cabe a essa competência as informações contextuais que constituem *uma vasta reserva de informações extra-enunciativas centradas sobre o contexto, conjunto de saberes e de crenças, sistema de representações, interpretações e avaliações do universo referencial*¹⁹ (id.: 1986, 162).

¹⁷ *comprendre comment les énoncés sont compris* (Kerbrat-Orecchioni: 1986, 09).

¹⁸ Em todo o texto, a referência aos participantes do “circuito enunciativo” é feita com os termos locutor e alocutário.

¹⁹ *un vaste réservoir d'informations extra-énoncives pourtant sur le contexte, ensemble de savoirs et de croyances, système de représentations, interprétations et évaluations de l'univers référentiel* (Kerbrat-Orecchioni: 1986, 162).

Essas duas primeiras competências estariam mais imbricadas, e seriam responsáveis pela possibilidade de codificação e de decodificação dos enunciados, bem como de sua contextualização, constituindo-se como competências relativas à língua propriamente dita.

Para a autora, cabem à competência retórico-pragmática atribuições de natureza discursiva, relativas ao papel desempenhado pelas próprias leis do discurso, como as noções de máximas conversacionais, de Grice, a Teoria dos Atos de Fala, de Austin, a noção de leis do discurso, de Ducrot e os postulados de conversação, de Lakoff e Gordon, entre outros. Desta competência é esperada a possibilidade de aferir a pertinência discursiva do enunciado já contextualizado - o seu funcionamento discursivo. Nessa medida, a competência retórico-pragmática

constitui o conjunto dos saberes que um sujeito falante possui sobre o funcionamento destes “princípios” discursivos que sem ser imperativos da mesma forma que as regras de boa formação sintático-semântica, [esses princípios discursivos] devem ser observados por quem quer jogar honestamente o jogo da troca verbal²⁰ (Kerbrat-Orecchioni: 1986, 194).

À competência lógica (natural) cabem mecanismos lógicos como inferência, silogismo, implicação, acarretamento - os implícitos. À esta competência parecem ser atribuídas propriedades de interpretação semântica, mas de natureza lógica, ainda que de uma lógica relativa à língua natural, e não de características enunciativas ou discursivas, como as alocadas na competência retórico-pragmática.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (*id.*), o conjunto dessas quatro competências, articuladas entre si, em planos hierárquicos distintos, e com atribuições específicas, é o que constitui a hiper-competência, da qual se vale todo alocutário para realizar as operações de cálculo interpretativo.

Essas competências orientariam os passos, as *démarches* que devem ser seguidas para o estabelecimento do cálculo interpretativo do sentido. Seu

²⁰ *constitue l'ensemble des savoirs qu'un sujet parlant possède sur le fonctionnement de ces "principes" discursifs qui sans être impératifs au même titre que les règles de bonne formation syntatico-sémantique, doivent être observés par qui veut jouer honnêtement le jeu de l'échange verbal* (Kerbrat-Orecchioni: 1986, 194).

argumento se fundamenta em função da seguinte afirmativa: *interpréter un énoncé, é simplesmente, quer se trate de seu conteúdo explícito ou implícito, aplicar suas diversas “competências” aos diversos significantes inscritos na seqüência, de modo a extrair dela os significados*²¹ (id.: 1986, 161).

Dessa forma, todo texto é dirigido no sentido de equacionar a interpretação dos enunciados, evocando sobremaneira a figura do alocutário e muito pouco referindo-se ao trabalho realizado pelo locutor, uma vez que estabelece sua orientação no sentido de interpretação e compreensão, ou seja, na habilidade que denomina decodificação (*décodage*).

Kerbrat-Orecchioni reconhece a dificuldade de atribuição de domínios, de estabelecimento do alcance das diferentes competências, mas apresenta a competência lingüística necessariamente como central, em função da qual as demais seriam articuladas. Seu argumento se fundamenta no postulado de que a competência lingüística é indispensável tanto para codificar quanto para decodificar os enunciados; a ela é atribuído papel central, uma vez que os sujeitos envolvidos no circuito enunciativo podem dispor mais ou menos das demais competências, o que não impediria sua possibilidade de interação.

Entretanto, não poderiam de forma alguma participar de qualquer interação discursiva se não conhecessem os elementos que constituem sua competência lingüística, quais sejam, aqueles relativos às unidades da língua e às regras de boa-formação das sentenças.

A perspectiva com que a noção de competência é postulada mantém a competência lingüística como nuclear, não superando, portanto, a dicotomia interior/ exterior lingüístico.

Esta posição preserva a noção chomskyana de competência lingüística e apresenta as demais enquanto competências que com ela articulam o funcionamento da língua, desde que respeitada a competência lingüística enquanto eixo que autoriza e agencia o funcionamento das demais competências. O estabelecimento da relação entre as competências se dá de maneira

²¹ *Interpréter un énoncé, c’est tout simplement, qu’il s’agisse de son contenu explicite ou implicite, appliquer ses diverses “compétences” aux divers signifiants inscrits dans la séquence, de manière à en extraire des signifiés* (id.: 1986, 161).

hierárquica, o que, mais uma vez, reforça a idéia de que a organização da língua gira em torno e é determinada por sua sintaxe.

Em resumo, mesmo que postulada uma hiper-competência, produto da articulação das quatro competências citadas, à competência lingüística necessariamente é reservado o papel central, garantindo à sintaxe o papel de núcleo da língua. Dessa forma, a noção de hiper-competência funcionaria como uma arqui-lei do discurso (*archi-loi de discours*), à qual caberia descrever o trabalho interpretativo que consiste em combinar

as informações retiradas do enunciado (competência lingüística) e certas informações que dispomos “previamente” (competência enciclopédica), de tal modo que o resultado se conforma às leis de discurso (competência retórico-pragmática) e aos princípios da lógica natural (competência lógica), para construir a partir do enunciado uma representação semântico-pragmática coerente e verossímil²² (*id.*: 1986, 299).

Kerbrat-Orechhioni apresenta quatro noções de competência, cujo funcionamento conjunto é responsável pela codificação e decodificação das estruturas lingüísticas. Entretanto, sua proposta também não autoriza um estudo enunciativo, já que todas operações lingüísticas são organizadas com base em uma competência lingüística.

Em contraposição a esse ideal chomskyano, de uma competência lingüística tomada como eixo das relações de linguagem

a Sociologia e à Psicologia têm cabido interrogar-nos a respeito das propriedades do “savoir-faire” e suas relações com a competência ou outras formas de conhecimento ou de saber. Se a competência é antes uma prática que uma faculdade, é porque a noção de prática no campo da Sociologia (como nas abordagens pragmáticas e discursivas no campo da Lingüística) imbrica atos de linguagem e ações sociais (Morato *et alli*: 2005a, 13).

²² *Les informations extraites de l'énoncé (compétence linguistique) et certaines informations dont on dispose "préalablement" (compétence encyclopédique), et de telle sorte que le résultat se conforme aux lois de discours (compétence rhétorique-pragmatique) et aux principes de la logique naturelle (compétence logique), à construire de l'énoncé une représentation semântico-pragmatique cohérente et vraisemblable (id.: 1986, 299).*

Para investigar as propriedades concernentes à competência, Morato parte das relações entre Lingüística e Sociologia, enquanto Chomsky o faz a partir de operações cognitivas elementares, que determinam a *performance*, fazendo com que seus estudos sejam alocados no campo da Psicologia Cognitiva.

Na mesma direção, para Bourdieu (1998), a “ilusão da Lingüística” apresentada por Chomsky configura-se na perspectiva de língua homogênea, que não reconhece um desenvolvimento “competente” da língua pelos indivíduos, deixando de considerar suas condições de apropriação social. O autor considera a necessidade de reconhecimento de uma *competência legítima* atrelada à noção de *língua legítima*, por sua vez, relativa às distinções simbólicas e sociais que a língua e seu uso instauram.

Às minhas investigações importa, particularmente, o movimento que ancora a passagem da noção de competência enquanto faculdade inata à consideração de competência enquanto prática, porque a noção chomskyana não dá conta das questões relativas à variedade lingüística, bem como as relativas à aquisição da linguagem (Ogien: 2001), já que a relevância destas questões compromete a qualidade explicativa da teoria gerativa.

A porta aberta por Hymes leva a considerações de diferentes categorizações para a noção de competência, assim:

é preciso reconhecer de antemão que o termo competência ganha sentido sempre dentro do discurso no qual ele é proferido. A construção do sentido de competência em campos tão diversos quanto os da Lingüística, da Sociologia ou da Psicologia não deixa de manter uma idéia geral que o relaciona com situações práticas onde o conceito pode ser empiricamente aferido, como ambientes profissionais, contextos de vida cotidiana, situações de uso social da linguagem *etc.* (Morato *et alli*: 2005a: 13).

A noção de competência tem sido categoria de investigação para diferentes áreas, como Sociologia, Psicologia, além das aplicações lingüísticas como Sociolingüística, Lingüística Aplicada e Psicolingüística, sobretudo nos estudos de

natureza sócio-cognitiva, e ainda a partir de considerações que envolvem as noções de *discursividade*, *enunciação*, *subjatividade* e *interação*.

Os estudos de Hymes (1984), apesar de serem mais estreitamente ligados à Etnografia, podem ser relacionados a uma perspectiva sociolingüística, pois são os primeiros passos da Lingüística em direção ao exterior lingüístico, considerando o diálogo que estabelece com a noção internalista chomskyana.

O caminho estabelecido por Hymes inclui o falante em uma comunidade de fala que de forma alguma pode ser considerada como homogênea, o que, inevitavelmente, implica a rejeição da hipótese de um falante-ouvinte-ideal. Admitir um falante em sua comunidade de prática social implica acentuar a noção de competência muito mais no uso que os falantes fazem da língua, que numa suposta língua homogênea pré-estabelecida.

A Sociolingüística surge justamente em função do postulado de uma competência comunicativa, pois que essa não poderia deixar de considerar o uso da língua em situações sociais, em que toda sorte de assimetria e desigualdades relativamente à competência lingüística se manifestam em sua *performance*, em seu uso.

Assim, Hymes postula a existência de diferentes competências - que funcionariam em conjunto nas situações de práticas lingüísticas – o que o leva a não recusar a noção de Chomsky, mas apenas propor outras noções de competência que seriam complementares a ela -.

O movimento operado por Hymes consiste em estabelecer uma comunidade de fala enquanto objeto, e não a língua enquanto faculdade cognitiva inata, pois o autor (1984: 12), *continuará a considerar a gramática como o quadro de referência no interior do qual os meios lingüísticos são organizados, mais do que considerar que eles se organizem, esses meios, em estilos e em repertórios ligados às situações*²³.

²³ *continuera à considérer la grammaire comme le cadre de référence à l'intérieur duquel les moyens linguistiques sont censés être organisés, plutôt que de considérer qu'ils s'organisent, ces moyens, em styles et en répertoires liés à des situations* (Hymes: 1984, 12).

A competência comunicativa proposta por Hymes está atrelada às situações de uso efetivo da língua, aos mecanismos de natureza social, determinantes para essa noção de competência.

Considerada do ponto de vista da Sociologia, a noção de competência é tomada antes como um exercício, uma prática social, envolvidos na realização de rituais sociais – é dessa relação com as práticas sociais que deriva o caráter regulador da competência. A Sociologia busca, assim, compreender o alcance explicativo da noção de competência, para tanto, não deixa de reconhecer que a noção é constituída por um discurso racionalista, mas que, ao contrário da competência lingüística, fundamenta-se muito mais sobre uma noção pragmática, que postula a competência enquanto ação coletiva, que sobre uma faculdade biológica inata, que deve ser exibida pelos sujeitos.

É necessário, assim, reavaliar se é heurísticamente mais produtivo postular a existência de um domínio específico da competência, e a ela atrelar predicções relativas aos saberes que abrange²⁴, ou atribuir aos falantes uma capacidade sócio-cognitiva, inter-semiológica, um *saber-fazer* que os torna competentes para atividades específicas, como, neste estudo, argumentar.

Se considerada a primeira perspectiva, será mantida uma noção de competência lingüística, ainda que não seja central em relação às demais competências, e ainda que seja tomada com sentido diferente daquele especificado pela teoria gerativa. Entretanto, se considerada a segunda perspectiva, é necessário postular que os indivíduos podem participar de atividades específicas de maneira competente; ou seja, que conjuntamente, nas relações sócio-interacionais em que se envolvem, os sujeitos negociam e arbitram saberes relativos às diferentes exigências da relação sócio-interativa de que participam.

A competência, assim, é constituída a partir do uso que os sujeitos fazem da língua, situação em que estão submetidos a toda sorte de regras e de leis

²⁴ Resta, ainda, estabelecer se a noção de competência lingüística será tomada como eixo em função do qual as demais competências se organizariam, de acordo, por exemplo, com o postulado de Chomsky, ao falar de competência pragmática e também de Kerbrat-Orecchioni, ou se será considerada uma noção de competência sem que seja estabelecida uma relação hierárquica, em que todas noções seriam complementares e mutuamente constitutivas.

gramaticais, discursivas, pragmáticas e sociais, envolvidas nas atividades de interação lingüística.

Nesse sentido, não cabe, de uma perspectiva sociológica, qualificar competência enquanto faculdade inata, mas antes como atributo, derivado das relações de práticas sociais, nas quais toda ação é regulada e reguladora, por isso avaliativa. As práticas sociais envolvem os sujeitos em interação, e as negociações nela operadas, que não deixam de mostrar um discurso sobre a própria interação.

Para Ogien (2001), a noção de competência utilizada em sociologia designa as habilidades demonstradas pelos indivíduos relativamente ao reconhecimento de diferentes mundos de ação – ou modelos de contexto, diferentes *frames* e *scripts* (Van Dijk: 1992) – e sua capacidade de adequação a eles. Os sujeitos são considerados competentes por agirem de maneira adequada, por reconhecerem e seguirem adequadamente os rituais sociais postos e impostos nas diferentes práticas sociais; ou ainda por sua capacidade de adequação a práticas sociais novas ou desconhecidas a que possam ser submetidos.

3.2 Competência e argumentação

De acordo com Castro (2001: 62-63),

a apreensão dos fatos da ordem discursiva dá-se pela sua relação com a ordem da língua e reciprocamente. Se não se pode negar que a argumentação é uma fala dirigida a um outro, não é menos verdade que o valor argumentativo desse tipo de enunciado se constitui no âmbito do texto, [porque é o enunciado que] introduz o falante na sua relação com a língua e as conseqüências que isso acarreta.

A autora recupera uma citação de Carel e Ducrot (*apud* Castro: 2004, 64) para mencionar a importância da argumentação diante da tensão com que o texto se constitui, que é, o tempo todo, espaço de coesão e de ruptura. Para eles, a argumentação evocaria encadeamentos discursivos, que seriam constituidores de

sentido para uma unidade lingüística; uma argumentação seria, portanto, um discurso ou um encadeamento discursivo, sendo assim o próprio tecido do texto.

Trabalho nesta tese com a perspectiva de que falar de argumentação implica falar de reconhecimento de intenções (Sperber & Wilson: 1986) e de inter-subjetividade, e também de enunciação e de enunciado; conseqüentemente, falar em argumentação implica uma atitude de objetivação, de direcionamento da significação, e é esta última concepção que tomo como suporte de minhas investigações.

É necessário considerar a operação estabelecida pelo ato enunciativo²⁵: o que ele faz, o que assinala, discursivamente. Se admito que haja uma competência relacionável às mais diferentes facetas da linguagem, é possível postular que uma competência desta natureza esteja na base das configurações textuais em que a argumentação se dá.

Em outras palavras, a argumentação está assinalada na própria gramática, por meio de marcadores lingüísticos, como os operadores argumentativos, os indicadores de pressuposição, os índices de modalidade e de polifonia, os tempos verbais, entre outros. É este *assinalar* que aponta, que direciona o encadeamento argumentativo, que somente pode ser equacionado a partir da enunciação, ou seja, a enunciação é o eixo a partir do qual a interação, e com ela o discurso²⁶, torna-se possível.

Na interação, os sujeitos são convocados a trabalhar, a efetuar toda sorte de operações lingüístico-enunciativas necessárias para que a enunciação cumpra seu papel de colocar a língua em funcionamento. É na interação que as estratégias lingüístico-enunciativas (como a utilização de implícitos, de pressupostos e de subentendidos, de inferência, de acarretamento, de ironia, de paródia, entre outros) fazem com que a argumentação de fato se efetive, que os índices gramaticais circunstancializem a objetivação da significação, para que alcancem sua função discursiva.

²⁵ Considero, neste trabalho, *ato enunciativo* como sinônimo de *enunciação*.

²⁶ Retomo aqui a citação de Benveniste (1985: 83), à página 21, para quem *a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso*.

Argumentar, enfim, é algo que a língua faz, mas somente o faz enunciativamente, colocando os sujeitos e suas ações *com* e *sobre* a linguagem como vetores da significação.

Dessa forma, os rituais sociais, as normas pragmáticas e discursivas, envolvidas na estrutura da conversação²⁷, ratificam que na interação são utilizadas mais que somente categorias verbais.

Frente a este paradigma, caminho no sentido de considerar que, em relação aos propósitos conversacionais ou discursivos, *argumentar*, e *argumentar bem*, ou *argumentar de forma competente*, está diretamente relacionado a um *domínio* (*saber utilizar*, *saber fazer*) maior ou menor dos elementos envolvidos na argumentação, quer estejam vinculados a marcas gramaticais, quer estejam vinculados a marcas enunciativas.

Circunscrevo, assim, meu espaço de análise tendo em vista que é requerida, dos sujeitos envolvidos na interação, uma competência relativa ao funcionamento discursivo da linguagem²⁸, em que diferentes *saberes* estão envolvidos.

Esses diferentes *saberes* são marcados de acordo com os propósitos conversacionais, com a inter-subjetividade, com o reconhecimento de intenções (Sperber & Wilson: 1986); enfim, com os elementos lingüísticos de base gramatical e discursiva: pela adequação lingüístico-interacional.

²⁷ Utilizo-me aqui da expressão *estrutura da conversação* sabendo que com ela evoco uma área de pesquisa específica em Lingüística. Recorro a esta categoria justamente pela natureza do *corpus* com que trabalho. Um *corpus* de linguagem ordinária, de linguagem oral. A utilização desta categoria torna-se pertinente na medida em que não contraria a proposta de análise que apresento nesta tese, qual seja, a de um estudo enunciativo relativamente a um *corpus* de afasia.

²⁸ *há uma competência para a linguagem relacionável às mais diferentes facetas desta linguagem* (cfe. p. 46).

4. Metodologia e análise de dados

No trabalho com os dados, valho-me de diferentes possibilidades de análise, que me permitem perscrutar o papel da língua na argumentação, bem como a relação que estabelece com aspectos não-verbais - uma vez que a língua, sozinha, não dá conta das diversas operações envolvidas nas condutas argumentativas encontradas nos dados.

Saliento que os aspectos não-verbais não são, em momento algum, considerados enquanto semioses compensatórias relativamente às restrições lingüísticas que a afasia impõe. Contudo, é necessário reconhecer que, no contexto de linguagem patológica, tais aspectos são enfatizados, porque a instabilidade de linguagem advinda da afasia ressalta a busca de mecanismos que sustentam a construção argumentativa, para que ela possa alcançar os efeitos de sentido esperados.

4.1 Apresentação do *corpus*

O *corpus*²⁹ em que fiz o recorte dos dados analisados é constituído a partir de encontros semanais, entre sujeitos afásicos e pesquisadores, realizados no Centro de convivência de Afásicos³⁰ - cujas atividades são coordenadas pela professora Edwiges Morato.

Esses encontros são organizados em função de um Programa de Linguagem e de um Programa de Teatro. Um e outro programas são separados por uma pausa, em que o grupo é chamado a participar de um ritual social: a preparação conjunta de um café:

o grupo faz uma pausa de mais ou menos 20 minutos, algo que integra nosso método de trabalho, que consiste em evocar as rotinas significativas da vida em sociedade: preparamos

²⁹ Em anexo, apresento o sistema de notação que serve de base para a transcrição do *corpus* do acervo do CCA. Este sistema de notação resulta do projeto FAPESP I.

³⁰ No item 1.2, à página 6, o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), sua organização e estrutura está descrito com mais detalhes.

nosso café, compartilhando as cenas que caracterizam esse tipo de prática social: as atividades lingüísticas cotidianas, de onde vão surgindo traços de fortalecimento inter-pessoal, de autoconfiança, de afinidades eletivas entre os membros do grupo, de consolidação de um conhecimento compartilhado (portanto, de uma memória comum, tipicamente social e comunitária), *etc* (Morato: 2002b, 55-56).

O grupo é constituído por sujeitos afásicos³¹ e também por pesquisadores lingüistas, fonoaudiólogos e outros, de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado – todos orientados pela professora Edwiges Morato; e ainda pela atriz e diretora responsável pelo Programa de Teatro.

Os encontros são gravados por duas filmadoras, uma digital e outra analógica, e por um sistema de captura em fita cassete, através de microfones incrustados no teto. Tópicos e/ ou observações sobre as atividades desenvolvidas são ainda registrados em um caderno de anotações, que fica sob a responsabilidade de algum pesquisador da equipe.

Essas anotações são organizadas em um arquivo digitado e acabam servindo como um complemento do acervo, porque, em muitas ocasiões, as anotações servem como guia para os pesquisadores constituírem o *corpus* com que vão trabalhar.

O Programa de Linguagem é digitalizado em DVD e transcrito. Assim, o grupo de pesquisadores pode contar com a imagem, com o áudio gravado também em cassete e com a transcrição, que constituem o acervo - o que possibilita o recorte do dado a partir da avaliação destas diferentes formas de captura e, sobretudo, da pergunta que orienta o trabalho do pesquisador.

Os recursos de que dispõe hoje o acervo permitem, justamente, o estudo mais detalhado dos aspectos não-verbais envolvidos nas mais diversas situações interativas de que participam os afásicos, porque são registrados gestos, olhares, formação de sub-grupos, a relação do afásico com os pesquisadores ou com outro afásico, a utilização de recursos como jornais, revistas, agenda ou ainda um quadro e uma prancheta com folhas para que o afásico possa desenhar ou

³¹ Encaminhados ao Laboratório de Neurolingüística, local que abriga o CCA, pela Faculdade de Ciências Médicas, que prestou atendimento clínico aos afásicos por ocasião do evento neurológico que os tenha vitimado.

escrever aquilo que não consegue dizer. Todo esse material enriquece a composição do dado.

A organização desse acervo está vinculada ao Projeto de Pesquisa *Tratamento de dados multimodais em práticas interativas de pessoas afásicas e não-afásicas registradas em áudio e vídeo no Centro de Convivência de Afásicos (Laboratório de Neurolingüística-IEL/UNICAMP)/Aphasiacervus* – CNPq (Edital 032), finalizado em 2006³².

O CCA tem seu espaço de funcionamento junto ao Instituto de Estudos da Linguagem, justamente para que a afasia não seja tomada somente como questão clínica, restrita ao funcionamento cerebral, mas também como uma questão de linguagem e, portanto, de interação social. Nessa medida, o estudo da dimensão pública da linguagem e seu papel nas atividades sociais também é objeto de consideração.

A singularidade de um *corpus* organizado a partir do contexto patológico fundamenta-se na explicitação das dificuldades que o afásico tem para manipular os recursos, lingüísticos ou não, na intenção de instanciar-se discursivamente.

A riqueza do acervo consiste, entre outros aspectos, nos fatores de subjetividade que podem ser evidenciados, porque captura, em imagem e áudio, o sujeito manipulando a linguagem, exibindo tanto as marcas desse sujeito na língua, quanto as marcas de seu manipular a língua. Fica ainda o registro do sujeito em sua relação com a língua e com seus interlocutores – esta é pontualmente a concepção que desejo apreender no conceito de enunciação com que procuro orientar minhas questões, no propósito de direcioná-las à instanciação interativa. É nesse sentido que os dados de afasia permitem uma análise particular, original e instigante entre as noções de competência e de argumentação.

O CCA permite práticas discursivas e cognitivas diversas, com distintas configurações textuais, tais como diálogo, narrativa, explicação, entre outras, que

³² E ainda aos projetos *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o centro de convivência de afásicos (CCA-IEL/UNICAMP)*, Projeto de Pesquisa FAPESP II/ 2003-2005; *Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não-afásicos*, Projeto de Pesquisa FAPESP III/ 2006-2008.

convocam o locutor/ interlocutor a assumir diferentes posições enunciativas. Assim, os aspectos intersubjetivo da linguagem e de outros processos cognitivos envolvidos na percepção e na memória são ressaltados.

Por todos esses motivos, não me valho do acompanhamento de nenhum sujeito afásico³³ especificamente, nem tampouco empreendo uma investigação longitudinal.

4.2 Os dados e suas análises

Para investigar o funcionamento argumentativo em língua falada, considero, entre outras, categorias propostas pela Lingüística Interacional, como, por exemplo, a noção de *tópico discursivo*, justamente porque me interessa o funcionamento enunciativo de aspectos verbais e não-verbais, relacionados aos processos conversacionais. Com isso, o estudo enunciativo que empreendo busca categorias lingüísticas específicas, particulares, relativamente a um *corpus* de linguagem ordinária.

Em função dessa perspectiva, proponho a análise de segmentos maiores, organizados a partir de tópicos discursivos específicos, observando também os marcadores conversacionais envolvidos na manutenção, passagem ou assalto ao turno conversacional. Faço essa opção porque a enunciação somente pode ser trabalhada enquanto categoria de análise se considerada a interação, momento em que os interlocutores, conjuntamente, organizam e constituem o discurso. Este organizar o discurso requer a consideração dos diferentes elementos envolvidos no agenciamento operado pelas categorias *enunciação* e *interação*.

Na análise dos dados, procuro chamar a atenção para as relações estabelecidas pela tomada de turnos conversacionais, bem como para a inserção de novos tópicos, que agenciam o funcionamento lingüístico-discursivo da argumentação.

³³ Os afásicos *MG, NS, SP, EF, SI, CI, JM, MN, MS* e os pesquisadores *EM, ET, JC, RN, MC, HM, JT, SC* participam das interações em meus dados.

No trecho a seguir, que recorto como dado I (09/09/2004), chamo a atenção para a maneira como as relações tópicas e argumentativas estabelecem a progressão discursiva. Nele, ET concede o turno conversacional para MG, que insere um novo tópico.

ET: a MG não falou pra gente como tava lá em...Bertioga...quanto tempo ficou lá MG...duas...três semanas...duas semanas ((MG indica o número dois com os dedos))

MG: eu perto

ET: eu perguntei pra MG como que tava na praia por que ela tava em Bertioga ...por que ela tava na praia né ela ficou duas semanas lá

JC: é bom lá em Bertioga uma época dessa

NS: nada mémo...quero ver nada fala ((risos de MG))

MG: eu fui

NS: sozinha?

MG não...

NS: não

MG: ...eu estava sozinha

JC³⁴: easy rider ((JC canta “infinita highway”))

-----→ ((estende o braço e MG repete em seguida o mesmo gesto))

ET: é gaúchos

JC: gaúchos

MG: eu fui

MS: (SI) ((JC ri, aparentemente MS parece dizer um palavrão))

MG:...três dias...eu fiz..ex-cor-são

-----→ ((indica com os dedos))

JC: você não foi dirigindo

ET: não ela tinha falado

JC: ela falou ela falou

ET: a gente obliterou

JC: obliterou exatamente...eu gostei desse obliterou

ET: dá pra formar

JC: um neologismo aí

MG: nessas...daí foi...

((JC auxilia SI a abrir algumas embalagens dos alimentos do café que estão dispostos na mesa, e por causa disso JC e NS conversam paralelamente sobre os alimentos e algumas dificuldades que SI apresenta para mastigá-los)).

ET: tu fostes com a excursão ficaste lá ou voltou?

MG: não eu voltei... três dias...eu vou...((faz movimentos com os dedos sobre a mesa)) eu vi... lhabela

-----→ ((indica o número três))

³⁴ JC estabelece com ET brincadeiras com referências ao Rio Grande do Sul, tópico que inicia este encontro do grupo, por meio de comentários feitos por SP com ET.

ET: nossa... eu quero muito conhecer Ilhabela...quero conhecer muito o litoral de São Paulo
 MG: ah...você deixa...quem sabe você pode ir junto
ET: opa
 MG: guaratubá
ET: Caraguatatuba
JC: Caraguatatuba
 MG: como tá diferen::te
ET: é tá...
JC: limpinho
 MG: e::: ((risos e faz gestos com as mãos))
ET: e o restante que ainda falta
 MG: é

O tópico discursivo que inicia este trecho do dado é estabelecido por ET, quando chama a atenção de todos para o passeio que MG fizera para o litoral paulista. Nesse sentido, a seqüência do tópico evocado se dá por meio da continuidade instaurada pelas unidades dêiticas marcadas em *lá/ Bertioga/ lá* – a amarração seqüencial se organiza, primeiro, a partir de uma catáfora, em que *lá* antecipa *Bertioga*, e continua com uma anáfora, em que *lá* retoma *Bertioga*.

Mas anterior à referência espacial, ET estabelece um pressuposto, ao utilizar *a MG não falou pra gente como tava lá em... Bertioga*. ET se vale de uma informação já compartilhada pelo grupo, de que MG esteve na praia em Bertioga. Neste caso, o tópico discursivo é instaurado também em função do pressuposto que o pretérito marca na forma verbal *tava*. Estes marcadores dêiticos circunstancializam a conversação em termos espaciais e temporais.

Uma das maneiras como a seqüenciação discursiva é operada na interação entre os membros do grupo é pela introdução de um tópico por um dos pesquisadores, neste caso ET, no sentido de construir uma situação enunciativa que exija do afásico a resposta ao encadeamento discursivo instaurado.

Em seguida, MG afirma *eu fui*, que responde de maneira indireta, por meio de acarretamento semântico, ao pressuposto estabelecido por *tava*. Na seqüência, NS pergunta a MG se ela fora sozinha para Bertioga. O modo como MG responde a NS requer uma auto-correção, para que o encadeamento argumentativo seja

especificado. Re-organizo³⁵ abaixo o trecho para que possa ser melhor acompanhado:

MG: eu fui
NS: sozinha?
MG não...
NS: não
MG: ...eu estava sozinha
(...)
MG: eu fui
(...)
MG: ...três dias...eu fiz...ex-cor-são
-----→ ((indica com o dedos))

A auto-correção se dá justamente porque MG percebe que responder *não*, no contexto enunciativo em que se encontram, e da maneira como NS o toma, orienta, de maneira equivocada, a seqüência argumentativa que objetiva. Dessa forma, MG re-formula sua resposta dizendo *eu estava sozinha*, com ênfase em *eu*, em seguida completa sua re-formulação com *eu fui (...) ...três dias...eu fiz...ex-cor-são*. O *frame* mobilizado por *excursão* especifica o sentido que MG espera alcançar, porque possibilita ao interlocutor compreender que MG estava com mais pessoas, numa excursão, mas que não fora acompanhada por alguém que estivesse especificamente com ela. O desencontro no estabelecimento de sentido, neste caso, deriva da ambigüidade com que *ir sozinha* é interpretado.

MG equaciona todas as relações seqüenciais estabelecidas inicialmente por ET e também por NS, ao dar seqüência às questões que o discurso lhe impõe, quais sejam, ter ido para Bertioga, quanto tempo ficou nesta praia e ainda o fato de ter ido em uma excursão, que requer uma especificação quanto a como *ir sozinha* deve ser compreendido.

O encadeamento argumentativo estabelecido por MG é todo construído por meio de relações sintático-semânticas marcadas na língua, como a coesão dêitica instaurada com *lá* e *Bertioga*, e também pelo pressuposto marcado no tempo verbal. MG se vale de mecanismos gramaticais sintático-semânticos que a língua

³⁵ Depois de outros trechos de conversação, irrelevantes para a análise que estabeleço.

lhe oferece, mas em nenhum momento utiliza unidades funcionais, consideradas, por excelência, os operadores gramaticais que tecem as relações argumentativas.

MG compreende a ambigüidade gerada pela resposta dada a NS, quando interrogada sobre ter ido sozinha ou não para a praia, em Bertioga. Justamente porque compreende a ambigüidade que produz, re-organiza sua fala. Esta reformulação demonstra uma competência relacionada à metalinguagem.

Nesse sentido, MG exibe um *saber* relativo às relações sintático-semânticas e pragmático-enunciativas da língua, que lhe possibilita fazer parte de maneira competente da situação interativa. Os recursos não-verbais, como os gestos, os olhares, a indicação de desenhar algo na mesa, a demonstração de quantidade numérica que MG faz com os dedos, juntamente com os recursos verbais, agregam significação à construção discursiva.

Cabe lembrar que os recursos não-verbais não são tomados como complementares ou alternativos aos verbais, à língua; mas antes, que agenciam em conjunto o uso e funcionamento da linguagem.

Para retornar à questão da competência, fica claro que, desde que não seja tomada como uma faculdade inata, um *a priori*, os sujeitos envolvidos nas situações interativas reconhecem, mobilizam e colocam em funcionamento recursos relativos ao uso e ao funcionamento da língua. Nesse sentido, de acordo com a especificidade da afasia de cada participante do grupo, bem como de acordo com sua inserção social, letramento e participação nas relações interativas desenvolvidas no CCA, o indivíduo afásico lança mão daquele recurso que melhor domina, ou mesmo que melhor dominava antes da afasia, e que tenha se mantido.

A maneira de estar na língua, a questão de valer-se mais de determinados recursos que de outros, é um trabalho de que também participam os indivíduos não-afásicos. Entretanto, como já ressaltai, é no contexto das afasias que a busca pelos diferentes recursos envolvidos na interação discursiva são postos em evidência, uma vez que a própria afasia faz com que os sujeitos afásicos sejam olhados de maneira especial, num espaço em que os falantes reconhecem que ali há algo de específico, de diferente, que marca restrições lingüísticas, e que pode

causar estranheza. Essas questões não podem deixar de ser consideradas, já que a linguagem também circunscreve social e publicamente seu falante.

No dado II, diferentemente do dado I, EF toma o turno chamando a atenção do grupo para si. Nesse encontro (24/10/2004), os pesquisadores mostravam em *slides* figuras³⁶ que procuravam retratar expressões formulaicas, brincando com seus sentidos literais.

RN: esse eu tinha achado que era um...depois eu fiquei olhando os provérbios e vi que...

EF: ó...ó

--→ ((faz um gesto *interpretado como* uma mão lavando a outra))

RN: que que é seu EF? ((EF repete o mesmo gesto))

RN: mas é...

((EF desenha, sem que o grupo participe do que está fazendo))

HM: ah é uma mão lava a outra

RN: na verdade a gente tinha visto como lavar as mãos...mas aqui é uma mão lava a outra

[HM:
lava outra

uma mão

RN: esse aqui tem a explicação

JC: tem?....que legal!

HM: assim...é uma mão só que tá lavando a outra

EF: é

JC: porque se fosse lavar as mãos...lavar as mãos é Pôncio Pilatos

RN: é

HM: lavo as minhas mãos...não tenho nada a ver com isso ((HM faz um gesto com as mãos de “não tenho nada a ver com isso”))

RN: agora... uma mão lava a outra...

((EF chama atenção para o seu desenho de uma escova))

RN: ah...por causa da escova...lógico...porque se fosse uma mão lava a outra...

JC: ele desenhou uma escova ((JC fala sobre o desenho de EF))

RN: porque se fosse uma mão lava a outra não teria a escova

HM: é verdade

JC: não...se fosse lavar as mãos...

RN: é...desculpe...se fosse lavar as mãos não teria a escova

HM: mas aqui tá bem assim ((gesto de uma mão lavando a outra))

JC: bem explícito né?...e aqui a mão tá sequinha

³⁶ O *slide* referente a este dado encontra-se em anexo.

Nesta interação, o desenho de uma escova, recurso não-verbal buscado por EF, acrescenta um instrumento na relação figurada pelas mãos, estabelecendo, assim, um elemento que intermedia uma transitividade necessária para a compreensão da expressão (Morato *et alli*: 2006a). O elemento relacional, *escova*, sustenta a re-orientação argumentativa, de maneira diferente daquela que os pesquisadores estavam estabelecendo, e mesmo já tendo rejeitado uma primeira interpretação, *lavar as mãos*.

Os pesquisadores chegaram ao sentido *uma mão lava a outra* sem um elemento que o fundamentasse, enquanto EF agrega significação com o desenho que faz. Ao agregar significação para a interpretação da expressão formulaica utilizada, EF demonstra a distinção entre as duas expressões (*lavar as mãos* e *uma mão lava a outra*) e exibe sua participação ativa na interação, operando diferentes saberes lingüísticos e meta-lingüísticos. O agenciamento desses saberes somente é possível se considerado que EF mantém, apesar de sua condição de afásico, uma competência relativa ao *estar na linguagem*, aos processos enunciativos e interativos nela envolvidos.

Quanto à maneira como a direção argumentativa se constrói nesse episódio, a pesquisadora RN chegou à interpretação *uma mão lava a outra* porque tinha um material em que as expressões eram explicadas RN: *esse eu tinha achado que era um...depois eu fiquei olhando os provérbios e vi que... (...)/ RN: esse aqui tem a explicação/ JC: tem?...que legal!/ HM: assim...é uma mão só que tá lavando a outra*.

Quando EF chama a atenção de RN para o gesto que faz, RN o interpreta apenas como confirmando que EF havia entendido o sentido atribuído ao provérbio. As pesquisadoras RN e HM continuam o discurso com base na informação dada pelo texto que RN tem na mão, texto esse que acompanha as figuras que retratam as expressões formulaicas e que explica o sentido de algumas delas.

Apesar de todo encaminhamento que vinha sendo dado pelas pesquisadoras, RN, mesmo com a explicação da expressão formulaica em mãos, ainda demonstra certo estranhamento, RN: *agora... uma mão lava a outra...* Nesse

momento, EF chama a atenção para si e insiste em mostrar o desenho que fez, somente então RN aceita o sentido atribuído à expressão, RN: *ah... por causa da escova... lógico... porque se fosse uma mão lava a outra.../ ...se fosse lavar as mãos não teria a escova.*

Esse desenho opera, na interação, como elemento constitutivo da linguagem, ao funcionar como elo coesivo, transitivo, relacional, ao possibilitar que a objetivação significativa progrida e que seja re-orientada argumentativamente, pela explicitação de sentido que estabelece.

Este é um dado exemplar para demonstrar a relevância do aspecto não-verbal para a construção argumentativa, entretanto, o resultado somente pode ser obtido por meio do trabalho conjunto entre os membros do grupo, pelo esforço cooperativo em que se envolvem na interação.

O papel enunciativo em que RN se encontra é de dificuldade, porque ela tem em mãos e lê para o grupo o sentido atribuído à figura, embora demonstre não estar convencida da explicação que lê, e ainda porque ninguém do grupo questiona o sentido expresso na explicação. Apenas EF assume posição diferente, não concordando com a explicação por perceber o papel da *escova* no contexto. EF se vale de movimentos pragmáticos, de conhecimento de mundo, para dar sentido à expressão – colocando em evidência que a operação argumentativa não advém do funcionamento isolado da língua.

No dado III, que analiso a seguir, EM chama a atenção do grupo para uma conversa paralela que estava tendo com EF, e os chama a participar do assunto. Antes de passar à análise desse recorte (02/12/2004), situo e apresento o dado.

Os participantes encontram-se tomando café, JC explica a NS a diferença entre língua falada e norma culta; na seqüência, EM faz referência a uma conversa paralela que estava tendo com EF, e assim retoma o assunto com o grupo, introduzindo ela mesma o tópico discursivo, tomando o turno conversacional para si e chamando a atenção de todos para um envolvimento direto na questão que apresenta.

EM: gente... uma coisa é... o seu EF bom a gente tem algumas coisinhas a tratar inclusive do nosso passeio lá em Piracicaba... o seu EF ok?

queria::podemos?

(((para fala paralela de NS com JC)))

EM: ... ó seu EF queria contar né uma::coisa pro grupo ... que tem

EF: [ah::

EM: a ver com esse papel que o senhor tem aí né seu EF... é::

((EM tem o mesmo papel, um *folder*, e o mostra para MS ler))

MS: (gazo de verda)

EM: então... seu EF contou pra nós semana passada que ia num jantar na hípica né com a Sandra sua filha né... a gente tava conversando sobre isso enquanto a gente esperava o grupo chegar... a gente tava conversando sobre... a gente tava contando você perguntou se ele pagou?...o quê que foi aquela estória? ((dirigindo-se a MG, que está a seu lado))

MG: não... se ele... paga

EM: pagou geral o jantar da hípica?

MG: não... pagar o (SI) não

EM: a::

MG: duzentos ô lá

MS: du-zentos mil

EM: tá falando do jantar ou da...

MG: do jantar

EM: a::h paga pra ir no jantar?

MS: [isso

MG: [isso

EM: e foi quanto?

EF: é cem...trezentos

((EF faz movimentos de quem escreve a palavra))

JC: duzentos

EM: é muita coisa... só se foi lá no restaurante francês

((EF acena negativamente com a mão))

EF: vinte cin-co

EM: vinte e cinco ah legal... a gente paga duzentão... duzentos reais num jantar... é aquele jantar... seu EF foi quanto? Vinte::

EF: cinco

((com movimento labial difícil para realizar os fonemas))

EM: vinte e cinco... foi bem tudo lá? divertiu-se? gostou?

((EF afirma com gesto de cabeça))

] [³⁷

EM mas o senhor não foi só neste jantar o senhor tava contando... que teve esse::esse evento aqui... ((aponta no folder que tem na mão)) e apresentação de quem?

³⁷ Utilizo esta notação para marcar a divisão dos dois tópicos principais em que divido o dado.

EF: ne-ta
EM: da sua neta como é que é o nome dela? ((EF tenta apanhar algo em sua carteira para mostrar)) tenta falar seu EF
 MS: [a::h ((fazendo sinal de indicação com a cabeça))
 NS: fala
 MN: falar ((todos se manifestam pedindo que EF fale))
EM: ô dona MN às vezes a escrita ajuda o seu EF inclusive a falar também... então aí ó vai mostrar a
JC:: [Ah:: foto...seu EF ó agora como é o nome dela?
 EF: [l::sso ((para JC))
EM: l::
 EF: é ... za-bela
EM: ôpa
 NS: tá veno
HM: [Seu EF o senhor quer um cafezinho?
EM: ô SI Isabela?
 EF: não ((para HM que lhe oferecia um café, mas acena afirmativamente com a cabeça))
EM: não é o mesmo que o:: da sua?
 SI: é ((e sorri))
EM: ô SI você tem uma netinha chamada Isabela também
 ((MG faz sinal de assentimento para EM que lhe diz ela... ela...))
 SI: tem ((afirmando positivamente com a cabeça e sorrindo))
JC: olha que coincidência ((SI sorri novamente))
 NS: japonesa mesmo hein?
JC: é:: japonesa
 NS: é::
JC: a neta do seu EF também é japonesa
EM: o que foi que houve aqui então... a:: a Isabela a netinha dele que é essa menininha muito bonita aqui...ela se apresentou dançando né cadê a menina tá aqui... ela se apresentou numa coreografia de
 ((EF faz sinal de assentimento e diz "é::"))
 dança de crianças chamada como?
 ((EM mostra o *folder* da apresentação que tem na mão para MS ler))
 MS: travassuras ne o ge-lo ((EF ri. EM mostra a foto para MS))
HM: é isso... travessuras no gelo?
JC: é travessuras no gelo
EM: travessuras no gelo... e aí teve um monte de fotografia/coreografia que beleza hein? ficou contente né seu EF com a menina... e onde foi seu EF a apresentação?
 EF: a::h
 --→ ((ergue os braços e faz movimentos circulares))
EM: onde foi? ((EM se aproxima de EF apontando o local no *folder*))
 EF: japon
 EF: etê ((apontando para o papel))
EM: foi no centro de:: foi no Centro de Convivência no Teatro do Centro de Convivência

MS: a::h ((fazendo sinal de assentimento com a cabeça))
EM: dona NS a netinha dele se apresentou dançando com outras crianças... lá naquele teatro que a gente foi ver a peça do JT lembra?
EM: lembra? ((dirigindo se a MG))
MG: ah é
JC: lembra da peça do JT que a gente foi lá ((dirigindo-se a SI e NS))
EM: então... e foi quando isso seu EF?
EF: é:: é::
EM: vinte e::
MG: vinte e cinco de... ((sacode a cabeça e retoma)) vinte e cinco de novembro
EF: isso
MS: maravilha
NS: faz um mês ((falando com JC))
EM: agora achei meio tarde... olha aqui ó que hora foi ((EF indica com os dedos)) nove? ((HM aponta para NS no folder))
[NS: quase... ((para JC))
NS: oito?
EM: oito e quanto?
NS: oito e meia
EM: oito e meia vinte e trinta não é meio tarde pra coisinha de criança? ((EF estica o braço demonstrando altura))
JC: pro pessoal mais... ((para EF)) ((EF mantém o movimento))
[NS: não oito e quê? ((para HM))
((JC ergue o braço até a altura da cabeça, da mesma forma que EF))
[NS: pensa... pensa... ((indicando sua própria cabeça e rindo))
EM: velho? ((EM faz o gesto com o braço e só então diz “velho”))
((EM faz sinal para NS e diz “legal NS”))

Princípios pragmáticos como cooperatividade e conhecimento compartilhado estão na base do processo interativo em que se envolve o grupo de interlocutores, comprometidos com a manutenção da unidade discursiva; nessa medida, a orientação argumentativa é o fio condutor do direcionamento atribuído à significação.

Os papéis assumidos pelos interlocutores na interação fazem com que o grupo trabalhe em conjunto na construção argumentativa, e não individualmente. Assim, o grupo realiza uma tarefa epilingüística/ metalingüística em conjunto, mas, simultaneamente, re-organiza, o tempo todo, o conhecimento de cada membro que o constitui, pelo aprendizado que a realização da tarefa lhes impõe, bem como reformula cumulativamente a maneira de desenvolver e realizar as práticas discursivas em que se engaja.

Nesse cenário, uma dúvida é instaurada a partir de duas possibilidades de compreensão para a fala de MG: uma primeira relativa ao fato de EF ter pago o jantar para todas as pessoas, como interpreta EM, e uma segunda relativa ao valor cobrado por pessoa para o jantar.

A orientação argumentativa se desenvolve a partir da segunda interpretação, fundamentando-se sobretudo no conteúdo nocional estabelecido pelo léxico - já que na fala dos sujeitos afásicos, envolvidos nesse diálogo, as unidades lexicais funcionais não são manipuladas. Novamente, gestos e olhares, elementos não-verbais, articulam-se com a língua, com o propósito de atender às necessidades discursivas postas pela interação.

O grupo se envolve na questão apresentada por MG, e progressivamente esclarece não somente sua dúvida, como também fala sobre o valor pago pelo jantar. Sub-tópicos vão se construindo por uma série de relações anafóricas que estabelecem coesão formal e, conseqüentemente, coerência de sentido.

O movimento de progressão tópica dá-se sobretudo em função dos campos semânticos mobilizados pelo léxico, possibilitando a ampliação do campo de sentido por meio de informações novas, mas tematicamente coerentes com a unidade apresentada como central. Assim, a progressão tópica é construída pela adesão dos membros do grupo na situação interativa, respeitando o princípio de cooperatividade griceano.

Em função da análise proposta, divido o dado em dois tópicos centrais, quais sejam, a) Jantar do senhor EF com sua filha - de onde derivo os sub-tópicos: EF pagar ou não pelo jantar; valor pago pelo jantar – b) Apresentação da neta do senhor EF – de onde derivo os sub-tópicos: nome da menina; ascendência da menina; tipo de apresentação de que a menina participa; local, data e horário do evento.

Um conhecimento compartilhado específico é evocado no momento em que as referências à neta de EF são feitas, porque primeiro é acordado um pressuposto de existência para, em seguida, por meio das informações compartilhadas, os sujeitos afásicos demonstrarem que sabem que EF tem uma

neta e que seu nome é o mesmo de uma das netas de SI; movimento que contribui com o desenvolvimento da conversação.

O gesto, apresentado por EF e utilizado também por JC e EM, substitui a palavra que EF não consegue aceder, e lhe possibilita levar seus interlocutores a inferir, por meio de acarretamento semântico, que o horário está de acordo com o público adulto (mais alto), portanto, com pessoas *mais velhas*.

Discursivamente, mesmo não utilizando nenhuma unidade lingüística para argumentar, como operadores e modificadores lingüísticos, EF estabelece relações tópicas entre altura/ tamanho e ser mais velho/ maturidade, para justificar a pertinência do horário previsto para a apresentação do evento. Mesmo a investigadora EM somente chega à palavra *velho* depois da repetição do gesto feita por JC e também pelo *prompting*³⁸ de JC para EF, em que diz *mais...*

Essas relações podem ser aferidas unicamente porque abrigo minhas considerações numa concepção de linguagem enquanto ação intersubjetiva (Franchi: 1976), a partir da qual se instanciam os interlocutores relativamente à enunciação. No processo de interação do qual resulta o dado que analiso, é possível perceber como a significação vai sendo construída pelos interlocutores, e também como a orientação argumentativa vai-se estabelecendo com base na objetivação dessa significação.

Na situação de interação do CCA, por sua especificidade, enquanto comunidade de prática³⁹, os fenômenos sociais são determinantes para a constituição e manutenção do diálogo.

A singularidade do ambiente que o CCA proporciona é relativa justamente à familiaridade entre seus membros, o que permite o desenvolvimento de situações de interação fundamentadas em campos conceituais e conhecimento compartilhado, pragmaticamente constituídos e estabelecidos pelo grupo.

No trecho em que o tópico estabelecido é relativo *ao horário marcado para a apresentação de um evento para crianças*, em função do estranhamento que

³⁸ Processo metalingüístico que consiste em um esboço oral (ou “pista fonética”) ou silábico, que tem por objetivo dar aporte ao afásico para suas dificuldades de articulação fonética ou de evocação lexical.

³⁹ Para maiores esclarecimentos quanto à noção de *comunidade de prática* a que me refiro, ver Mira (2006) e Tubero (2005).

provoca, o encadeamento argumentativo é desenvolvido a partir da construção conjunta em que os interlocutores objetivam uma significação específica, orientando, dessa forma, a argumentação. O estranhamento inicial, relativo ao horário estabelecido para que um evento de crianças começasse, é resolvido pela cooperatividade em que se envolvem os sujeitos afásicos; em outras palavras, se resolve na interação, a partir do que a enunciação faz suscitar como informações não claras, não acordadas, que exigem re-formulação, re-negociação de sentido.

Nessa medida, a orientação argumentativa é construída não somente pela utilização das unidades que constituem a materialidade lingüística, ainda que o conteúdo lexical, sempre, assuma papel fundamental na organização do diálogo, mas também pelas informações compartilhadas pelo grupo.

Como já destaquei nos dados I e II, conjuntamente com os elementos lingüísticos, outras semioses contribuem para a constituição da conversação: como os gestos de EF para indicar altura, os olhares com que indica assentimento ou não relativamente ao que o grupo fala de seu dizer, pela escrita, pela foto de sua neta, e, neste caso, também pelo *folder* de que se vale EF.

O dado permite afirmar que é possível argumentar não somente pela utilização das unidades que constituem a materialidade lingüística, mas também pela malha de significação constituída pelas informações compartilhadas pelo grupo. Portanto, é em conjunto que as informações lingüísticas são manipuladas, como também toda sorte de fatores de ordem pragmática e discursiva que restringem e regulam os *jogos de linguagem* de que participam os afásicos, no propósito de objetivação da significação e, conseqüentemente, da orientação argumentativa com que a interação é conduzida.

Este dado (IV) se destaca porque permite ilustrar alguns dos recursos de que o grupo do CCA se vale para estabelecer *tópicos discursivos*. Nesse encontro, alguns tópicos são estabelecidos em função do trabalho com jornais e revistas propostos pela pesquisadora EM, o que chama a participação dos afásicos não

somente para a expressão oral, mas também os chama a ler os textos – tarefa bastante difícil para vários afásicos⁴⁰.

No recorte a seguir (11/03/2004), chamo a atenção para o momento em que o grupo está empenhado em falar sobre um atentado ocorrido na Espanha. Primeiramente, EM resume para JT, que acabara de chegar, a conversa do grupo sobre os recortes de jornais trazidos por ela, e faz ainda referência justamente à proposta de trabalho com jornais, revistas e a agenda individual de cada membro do grupo.

EM: então o que acontece JT... a gente combinou de trazer as notícias ((risos)) da semana e as duas notícias...que até agora apareceram foram essas ((risos)) que eu mesma recortei ((risos de todos))

MN: eu cheguei agora lembrei... eu lembrei de trazer alguma coisa

EM: eram essas... a gente tinha combinado de... prestar atenção numa notícia de trazer o recorte do jornal...

MN: [agora estou sabendo

EM: ou então de anotar...na agenda pra que a gente pudesse...conversar sobre essas notícias...alguém trouxe?

MN: eu trouxe a agenda mas não anotei nada

Na seqüência, JM insere o tópico discursivo referente a um fato ocorrido na Espanha – que havia sido divulgado somente nos primeiros noticiários de rádio, televisão e internet do dia, portanto, muitas pessoas ainda não estavam a par do ocorrido, mesmo a pesquisadora EM.

JM: aconteceu um negócio na Espanha

EM: ah é?...foi, seu SP?

JM: setenta e dois mortos

SP: na na:: basca basca

EM: no País Basco?

JM: é não não sei se é Basco e

SP: é Basco tá na na...tá Basco e a França

-----→ ((aponta pra baixo))

JM: sei sei mas...não sabe se é autoria do

EM: na divisa?...mas foi esse evento aí resultou em setenta e dois mortos

SP: três bomba lá

⁴⁰ A tese de doutorado de Macedo (2005) aborda justamente a questão de leitura e escrita com os sujeitos afásicos do grupo.

EM: bomba? um atentado
 MG: é
 JM: não sei se é al al qaedá
EM: ah al qaeda
 JM: al qaeda e...e se foi...al qaeda e se...foi
 MN: Basco
EM: ou se foi Basco
 JM: isso
EM: será que foi um atentado terrorista árabe ou se foi o ETA
 JM: [ISSO
 SP: [não não
JM: não não sei...setenta e dois mortos
EM: oi
 SP: não não vai
 MN: cento e
 JM: setenta e dois
 MN: foi cento e dois mortos
 JM: setenta e dois mortos entre
 MG: não acho que mais
 MN: eu acho que é cento e dois
EM: mas isso foi ontem muito tarde?
 JM: [[foi foi
 MN: [[foi hoje de manhã
 JM: hoje hoje
 MG: foi hoje
EM: então não sai no jornal
 JM: não sai
EM: vai sair amanhã
 JM: é
EM: você ouviu também ((aponta para MG))
 MG: eu ouvi
 SP: Basco
EM: Basco...então não foi um... atentado árabe foi
 SP: não não
 JM: al qaeda por que...os espanhóis per pertenceram à::: qaeda do Iraque
 SP: não não
 ----→ ((ergue o dedo))
JT: apoiaram
 JM: apoiaram não mandaram soldado
JT: tropa...então existe essa suspeita que pode ser árabe
 JM: pode ser
EM: foi agora de manhã eu tô por fora
 SP: justamente os espanhol ele
 -----→ ((aponta para JM))
EM: foi agora de manhã acho que no noticiário da noite...acho que vai ser falado sobre isso
 JM: ah sim

JT: tão achando que é o ETA sim

SP: sim sim

JT: o senhor acha que foi o ETA

SP: sim Basco Basco

JT: mas é que tem essa suspeita o senhor não acha que foi o... árabes são os árabes

SP: não não não não...Basco lá é isso aqui lá espanhol lá...lá ... lá e um pouquinho de...da França..esse aqui

-----→ ((pega um jornal e simula estar apontando em um mapa))

JT: eles são separatistas né...eles querem um país Basco...mas por conta do apoio que a Espanha deu pros Estados Unidos isso é suspeita... de repente... porque faz tempo que não tem atentado do ETA na...

JM: [é

SP: sim sim

JT: pode ser que seja árabe seu SP

JM: esse aqui vem

-----→ ((aponta para o jornal))

EM: bom também tá aí um notícia que a gente pode acompanhar...pra ter um pouco mais de informação pra semana que vem né o quê que estão dizendo sobre esse atentado

JM: sessenta e dois mortos

EM: nossa

JM: e duzentos e quase feridos

Apesar de não ter trazido nenhum material do que havia sido proposto, JM introduz o tópico discursivo fazendo alusão a algo que ocorreu na Espanha: *aconteceu um negócio na Espanha*. Desse tópico discursivo, derivam vários sub-tópicos, como o número de vítimas do atentado, sua motivação e, conseqüentemente, quem o teria cometido.

SP, um senhor afásico, que nasceu na Itália e aos dois meses de idade passou a morar no sul da França, antes de radicar-se no Brasil, atribui o atentado ao grupo separatista ETA, fazendo referência à região basca, na fronteira entre Espanha e França.

No recorte que estabeleci para este dado, somente os afásicos JM, SP e MG trazem informações sobre o assunto e conversam com os pesquisadores EM e JT. Cabe ressaltar que JM, SP e MG são afásicos bastante letrados, que lêem jornais, revistas, acompanham os noticiários e que viajaram algumas vezes para o

exterior⁴¹, ao contrário de outros membros do grupo. Além desses afásicos, há pequenas participações de MN na conversação.

Nesse sentido, os afásicos envolvidos ativamente na interação têm um conhecimento enciclopédico significativo, relativo ao tópico estabelecido, inclusive sobre questões políticas e geográficas que envolvem a região basca e também a Guerra no Iraque.

Esses sujeitos demonstram um *saber* específico, que lhes possibilita participar do tópico estabelecido por JM e ainda argumentar - de maneira competente - na medida em que agregam novas informações e mesmo demonstram desacordo sobre algumas questões, como por exemplo, a quem atribuir a responsabilidade pelo atentado.

JM introduz o tópico discursivo por meio de um referente extremamente vago, fazendo com que a referência dêitica *Espanha*, seja, em princípio, a unidade lingüística que servirá de aporte para o desenvolvimento da conversação. Vale relembra-lo seu enunciado: *aconteceu um negócio na Espanha*.

À significação de *negócio*, JM acrescenta o número de mortos, e SP toma para si o turno conversacional, para especificar geograficamente o evento e, com isso, responsabilizar o grupo separatista ETA pelo atentado. Nesse momento, instaura-se um mal-entendido entre JM e SP, porque JM diz *não não sei se é basco*, enquanto SP insiste em dizer que a região é basca e faz referência à fronteira entre Espanha e França. JM retoma o turno conversacional e esclarece a questão, afirmando *sei sei mas não sabe se é autoria do*. A dúvida de JM era quanto à autoria do atentado e não quanto à região de que falavam, como interpreta SP.

No contexto lingüístico-discursivo, a preposição e o artigo (... *não sabe se é autoria do*) sugerem uma continuidade no sentido de apontar os responsáveis pelo atentado, mas a continuação se dá por meio da interrogação de EM, que começa a juntar as informações que SP e JM estão dando: região de fronteira, número de mortos, mas sem especificar o referente, pois ainda utiliza uma

⁴¹ MG era proprietária de uma agência de viagem antes do AVC, o que a faz ter um conhecimento geográfico significativo.

unidade lexical vaga: *evento*. Em seguida, SP fala *três bomba lá*, ao que EM retoma e, organizando todas as informações que lhe foram dadas, preenche o sentido, ao dizer *um atentado*, o que é confirmado por MG.

JM e SP conseguem introduzir e fazer progredir um tópico a partir da articulação conjunta de informações que vão agregando, na medida em que o tópico se desenvolve. SP se vale de uma série de movimentos e gestos para fazer referência à localização de fronteira da região basca, justamente pelas restrições lingüísticas resultantes de sua afasia. Esses movimentos e gestos são reconhecidos e interpretados pelos interlocutores, o que demonstra, mais uma vez, o papel significativo das semioses não verbais na constituição de sentido.

A partir desse ponto, outros tópicos discursivos são desenvolvidos. O primeiro é relativo à atribuição de responsabilidade pelo atentado. JM pensa que também o grupo islâmico AL Qaeda pode ser responsabilizado pelo ocorrido. Assim, a orientação argumentativa, que faz a conversa avançar, neste ponto, se desenvolve em função dos argumentos que atribuem a responsabilidade do evento a um ou outro grupo terrorista.

JM atribui ao apoio que a Espanha deu aos Estados Unidos, na Guerra do Iraque, a possibilidade de o atentado estar ligado à Al Qaeda – JM estabelece a seguinte relação: *al Qaeda porque... os espanhóis per pertenceram à::: Qaeda do Iraque*. Entretanto, SP insiste em atribuir o atentado ao grupo separatista basco.

Na sequência, JT argumenta que o grupo ETA há algum tempo não tem cometido atentados: *eles são separatistas né...eles querem um país Basco...mas por conta do apoio que a Espanha deu pros Estados Unidos isso é suspeita de repente... porque faz tempo que não tem atentado do ETA na...* Somente considerando o argumento de JT é que SP admite a possibilidade de o atentado terrorista poder, de fato, estar ligado aos árabes.

As unidades não-verbais envolvidas na interação não têm por função complementar o uso da linguagem, nem tampouco colocá-la em contexto. É nesse sentido que atribuir à argumentação um caráter enunciativo, de natureza interacional, requer a consideração da atividade discursiva como produto da equação entre elementos semiológicos verbais e não-verbais - sem que deva ser

atribuído a um deles maior relevância que a outro, porque não é uma relação entre figura e fundo que aqui está sendo proposta. Os aspectos não-verbais não são utilizados de maneira compensatória, mas não é possível dizer que não sejam enfatizados, em função do comprometimento de linguagem que a afasia impõe.

No momento em que os sujeitos afásicos demonstram uma série de saberes relativos à interação e ao funcionamento tanto da língua quanto do discurso, exibem o domínio de diferentes saberes, diferentes habilidades, diferentes condutas, diferentes conhecimentos e diferentes saber-fazer, operados conjuntamente na enunciação.

Esses vários saberes não estão relacionados a um domínio único e específico, por isso é pertinente afirmar que os indivíduos dispõem de uma competência para operar elementos que possibilitam diferentes maneiras de significar, de referir, de narrar e de argumentar, entre outros.

Os dados com que trabalhei fundamentam estas afirmações, uma vez que permitem verificar que os afásicos dispõem de uma competência, um saber-fazer mais genérico, que lhes permite equacionar os diferentes elementos verbais e não-verbais de que dispõem para atuarem discursivamente, e para argumentarem de maneira competente.

A operação de todos estes movimentos explicitam saberes comuns convocados e exibidos na interação, estes vários saberes impedem a consideração de uma competência particular, específica a um domínio. Dessa forma, as operações exibidas pelos sujeitos afásicos no uso efetivo da linguagem autorizam postular que a competência constitui um fenômeno mais geral, que reserva ao falante diferentes instrumentos. Em resumo, minha análise compromete-se com a premissa de que existe uma competência para a linguagem, que depende de aspectos lingüísticos, mas que não pode ser reduzida a eles.

Com base em tais considerações, proponho a seguir algumas análises de enunciados proverbiais trabalhados com o grupo de afásicos do CCA. Organizo estas análises a partir da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), em que

Ducrot e colaboradores propõem-se formular uma teoria semântica-enunciativa que dê conta da argumentação, considerando, para tanto, a língua *stricto sensu*, num claro empenho estruturalista.

Ao final deste capítulo, comprometo-me a cotejar as diferenças e os ganhos analítico-descritivos que ambas investigações enunciativas possibilitam.

4.2.1 A Teoria da Argumentação na Língua e um *corpus* de afasia

A Teoria da Argumentação na Língua propõe uma análise semântico-enunciativa, de base estruturalista, referente ao fenômeno lingüístico recoberto pela argumentação. O relevo atribuído à TAL, nesta tese, é justificável à medida em que a teoria é fundamentada numa concepção enunciativa da argumentação e tem operado, ao longo de seu desenvolvimento, em direção aos diferentes mecanismos nela envolvidos - sempre em torno do eixo *enunciação*.

Na TAL, a avaliação é anterior à descrição, uma vez que o aspecto avaliativo é que autoriza as interpretações descritivas; para Ducrot (Moura: 1998, 176), *a descrição que dou de um objeto quando o apresento por meio de uma descrição definida não tem por objetivo uma melhor identificação deste objeto, mas sim propiciar uma argumentação acerca desse objeto*. O referente é, então, construído em função da argumentação pretendida, uma expressão não serve para designar um objeto, mas sim para indicar se um determinado encadeamento discursivo é ou não possível a partir de seu aparecimento.

A teoria é organizada basicamente em função da dicotomia sentido literal/sentido metafórico, que qualifica a significação como descritiva ou avaliativa. Esse tema geral dirige implicitamente todo desenvolvimento da Teoria da Argumentação na Língua, mas aparece mais explicitamente somente em sua última versão, a Teoria dos *Topoi*.

Uma significação avaliativa somente é possível se considerada a subjetividade na língua - para dar conta dessa questão, Ducrot passa a trabalhar com a noção de *polifonia*, em que diferentes enunciadores estão envolvidos com a

referenciação. A subjetividade na língua é marcada por meio das diferentes vozes manifestas no discurso, na figura de *enunciadores* que, de acordo com o encadeamento discursivo pretendido, objetivam a constituição do referente, já que o enunciador é apresentado por Ducrot (1987) como *centro de perspectiva*.

A polifonia constitui um fenômeno lingüístico exemplar para o estudo de provérbios⁴², nesse sentido, em *Feliz foi Adão que não teve sogra*, há diferentes enunciadores. Um primeiro E₁ que enuncia *ter sogra não é bom*, ao qual está atrelado o senso comum e um E₂ que enuncia *Adão foi feliz por não ter sogra*, responsável pelo enunciado proverbial.

A relação entre os enunciadores E₁ e E₂ estabelece um micro-diálogo, marcado pela negação e pela topicalização, cuja orientação argumentativa é convergente, porque apontam a mesma direção⁴³.

A sobreposição dos diversos enunciados, envolvidos no provérbio, garante o estabelecimento da relação polifônica entre as diferentes vozes nele envolvidas. Nesse sentido, os estudos com provérbios levaram Cazelato (1998) a concluir que o conhecimento relativo a determinado *universo discursivo* está a serviço das operações argumentativas por eles impostas, uma vez que é do amálgama das informações postas pelos diferentes enunciados que o encadeamento argumentativo se orienta – e as informações advindas do conhecimento de mundo dos indivíduos estão a serviço de uma orientação argumentativa específica, e não têm por função apresentar meramente conteúdos informativos.

Na TAL, a argumentação somente é possível a partir da noção de encadeamento argumentativo, que, por sua vez, se sustenta na língua, por meio da materialidade lingüística que esta disponibiliza – esse é o pressuposto que está na base da afirmação de que a argumentação está na língua, desde suas unidades significativas mais básicas.

⁴² Um provérbio pode ser caracterizado como uma forma meta-enunciativa, a partir da qual a significação deve ser construída em função dos recursos lingüísticos, discursivos e ainda do conhecimento enciclopédico dos indivíduos; compreender um provérbio requer necessariamente o reconhecimento de uma operação *meta* relativamente ao sentido que aparentemente estabelece (Cazelato: 1998).

⁴³ Observação extraída de comunicação pessoal com o professor Heronides Moura, por ocasião do exame de qualificação de área.

Estabelecer a materialidade lingüística a serviço do encadeamento argumentativo implica assumir a significação enquanto constituinte da argumentação, ou seja, os valores argumentativos passam a estar na língua; assim, *significar* é orientar argumentativamente.

Para Ducrot, não é possível pensar uma Lingüística da Língua sem que se pense uma Lingüística Enunciativa (ou uma lingüística da fala), já que a fala põe em cena uma perspectiva de sua própria realização. Nesse sentido, o autor vai ainda mais longe, ao propor a Pragmática como disciplina integrada à Semântica, e também ao constituir o enunciado como um discurso mínimo, numa proposição explícita de trazer para o interior lingüístico elementos que seriam considerados exteriores a ele.

De acordo com a perspectiva enunciativa adotada, a noção de *Pragmática integrada* rejeita o postulado clássico de que a Pragmática seria o último componente de uma descrição lingüística, apresentando-se logo após a Semântica. Essa concepção fundamenta-se na assertiva de que o sentido faz alusão à enunciação, determinando que a Semântica deve, então, integrar os aspectos enunciativos desse sentido.

O procedimento protocolar desenvolvido por Cazelato organiza-se em função de alguns provérbios que são mostrados aos sujeitos afásicos, a partir do que lhes são solicitadas atividades específicas, as quais dependem, necessariamente, da demonstração, por parte dos afásicos, de conhecimentos pragmáticos e semânticos.

Outras situações de investigação protocolar, em que as operações discursivas envolvem o imbricamento entre as relações semânticas e pragmáticas da língua, fazem com que seja cada vez mais difícil especificar uma linha divisória entre ambas disciplinas, como nos dados a seguir⁴⁴.

(V) *Feliz foi Adão que não teve sogra*⁴⁵.

Cl: É um provérbio conhecido, né? É muito usado, que é falar mal da sogra, então eu não falo mal da sogra, eu gosto da sogra, eu tive três sogras, né? Então, dá pra

⁴⁴ Considero os provérbios aqui utilizados como dados V e VI, respectivamente.

⁴⁵ Provérbio já utilizado para ilustrar a polifonia na linguagem.

perceber, eu tive sorte com as sogras, é grande amiga, uma morreu, outra tá viva e a terceira mora perto de casa. Me dou bem com as sogras, esse ditado não é pra mim.

(VI) *Devagar se vai ao longe*.

CI: Sabe que “Devagar se vai ao longe”, atenção, cuidado, é humildade, é, é um bom sinal, mas eu discordo, um pouco, porque tem que ter pressa, porque o tempo exige pressa, então tem que ser mais rápido e com atenção.

Cazelato solicita a CI que imagine uma situação de uso para os provérbios *Feliz foi Adão que não teve sogra* e *Devagar se vai ao longe*. Diante desta tarefa, CI demonstra compreender o sentido dos provérbios e ainda pondera, rejeitando a possibilidade de que sejam aplicados à sua situação pessoal – CI.

Dessa forma, CI, por meio de uma operação meta-enunciativa, re-orienta as possibilidades de encadeamento argumentativo esperadas, porque altera o escopo enunciativo. CI se coloca em posição contrária a do enunciador proverbial (E₂), já que, em ambos os casos, reconhece o universo discursivo para os quais os provérbios apontam⁴⁶, mas rejeita a aplicação dos provérbios a si mesmo.

Assim, a Pragmática integrada respeita os fenômenos enunciativos inscritos na própria estrutura da língua. Anscombre e Ducrot (1976) delimitam seu objeto a partir de duas hipóteses:

(a) externa, a qual determina que os dados observáveis são objeto de construção, ou seja, o objeto da Pragmática integrada não será constituído pelo enunciado **X**, mas pela determinação do sentido **Y** a ele atribuído;

(b) interna, segundo a qual a Pragmática integrada deve compreender a significação das frases, tomando, para tanto, as bases gerais do cálculo subjacente à sua interpretação e explicando o caminho de acesso ao sentido.

Para que a noção de Pragmática integrada possa dar conta dessas hipóteses, é preciso considerar a noção de *instrução*, que deve indicar como os

⁴⁶ CI rejeita os *topoi* intrínsecos e acrescenta *topoi* extrínsecos aos provérbios, movimento que somente pode ser estabelecido a partir da enunciação. Veja à página 75 a apresentação da noção de *topoi*.

enunciados modificados pelos operadores argumentativos (OAs)⁴⁷ devem ser interpretados. *Ao lado dessas instruções argumentativas, as instruções enunciativas (...) indicam como integrar ao sentido do enunciado a enunciação* (Moeschler: 1985, 75-76)⁴⁸.

As instruções argumentativas estão associadas aos operadores (e conectivos) argumentativos, indicando a orientação argumentativa das frases ou enunciados modificados, e também o tipo de ato argumentativo realizado; já as instruções enunciativas estão associadas às marcas enunciativas, indicando a maneira como o sentido do enunciado faz alusão à enunciação - sem deixar de considerar as instruções discursivas, que respeitam o encadeamento adequado às propriedades semânticas, pragmáticas ou argumentativas desse enunciado. Segundo Moeschler (1985: 77)⁴⁹,

A noção fundamentalmente ligada a uma pragmática integrada e a uma teoria de argumentação é aquela de discurso ideal. A expressão *semântica do discurso ideal* (utilizada por Ducrot 1972, 1978) designa os aspectos do discurso que podem ser formulados em termos de instrução. Um discurso é então ideal desde que seja produzido de acordo com as hipóteses internas da pragmática integrada, isto é, de acordo com as instruções enunciativas, argumentativas e discursivas.

Na interpretação dos provérbios, a re-orientação da significação somente é possível a partir da operação meta-enunciativa realizada por CI. Fenômenos lingüísticos dessa natureza explicitam a perspectiva de que o sentido faz alusão à enunciação, e que portanto os aspectos enunciativos são determinantes para a orientação da significação, bem como para sua força argumentativa.

⁴⁷ Em linhas gerais, **X** é considerado um Operador Argumentativo (OA) em relação à frase **P** se: **a)** a partir de **P** for possível a construção de uma frase **P'**, formada por (**OA**) + **P**; **b)** um enunciado **P** e outro **P'** tiverem orientação argumentativa bem delimitada, seja ela convergente ou divergente; **c)** **P** e **P'** apontarem diferença nas conclusões suscitadas, ainda que os fatos descritos sejam os mesmos, porque o que está em questão é como o sentido é estabelecido, a partir da orientação argumentativa dos enunciados, e não seu caráter informativo.

⁴⁸ *A côté de ces instructions argumentatives, les instructions énonciatives (...) donnent des indications sur la façon d'intégrer au sens de l'énoncé l'énonciation* (Moeschler: 1985, 75-76).

⁴⁹ *La notion fondamentale liée à une pragmatique intégrée et à une théorie de l'argumentation est celle de discours idéal. L'expression de sémantique du discours idéal (utilisée par Ducrot 1972, 1978) désigne les aspects du discours qui peuvent être formulés en termes d'instruction. Un discours est donc idéal lorsqu'il est produit en conformité avec les hypothèses internes de la pragmatique intégrée, i.e. en conformité avec les instructions énonciatives, argumentatives et discursives (id.: ib., 77).*

Os estudos desenvolvidos por Ducrot figuram entre aqueles que primeiramente se contrapõem às investigações semânticas firmadas sobre a concepção clássica de vericondicionalidade, ao apresentarem a noção de *encadeamento argumentativo* como aporte para as premissas teóricas que propõem; além de manter conceitos fundamentais, como as noções de *operadores argumentativos* (OAs) e de *polifonia*, desenvolvidas desde os primeiros estudos da TAL (Ducrot 1977, 1987).

Inicialmente a TAL propõe um componente lingüístico e um componente retórico, para dar conta do processamento da significação. Entretanto, restava a dificuldade de saber em qual componente alocar os OAs - se no componente lingüístico ou no retórico -. Numa reformulação dessa questão, é trabalhada a evidência de que a capacidade argumentativa de um enunciado consiste no conjunto de conclusões (c) possíveis a partir de um enunciado (E), por meio de um OA que esteja implícito ou explícito. Então, o problema pode ser resumido pela impossibilidade de reconhecer a existência de um elemento encadeador entre um argumento e sua conclusão, já que pela simples existência de um operador não fica clara a maneira como a ligação entre ele e os enunciados que articula se processa: se por meio de inferência ou de conhecimento compartilhado.

Na Teoria dos *Topoi*, princípios como *universalidade*, *gradualidade* e *generalidade*, bem como a noção de *formas tópicas*, vão redimensionar a perspectiva com que Ducrot concebe as possibilidades de encadeamento argumentativo, até chegar a sua versão lexical, em que os *topoi* estariam inscritos nas próprias palavras.

Em sua primeira fase, os *topoi* são considerados um conjunto de crenças comuns a uma coletividade, que permitem usar como argumento determinado estado de coisas para favorecer uma certa conclusão⁵⁰, com base nos princípios que os qualificam, sobre os quais vou me deter mais pontualmente.

O princípio de *universalidade* garante que os *topoi* representem categorias gerais de valor e de expressão de atitudes, e não verdades logicamente

⁵⁰ Essa noção diz respeito a uma primeira versão da teoria; Ducrot (1998 *apud* Moura) já não aceita a consideração de que os *topoi* sejam tomados como um conjunto de crenças ou de inferências.

necessárias, fazendo com que se tornem comuns a determinado número de interlocutores; somente esse consenso pode possibilitar o funcionamento dos *topoi* enquanto elementos argumentativos, cuja aceitação não implica, imprescindivelmente, um acordo entre seus interlocutores, mas sim o reconhecimento de sua validade e possibilidade de uma orientação argumentativa especificada. Cabe destacar que a teoria não requer a unanimidade de um *topos*, mas sim o seu reconhecimento; movimento que lhe possibilita dar ênfase à proposição de orientações argumentativas distintas, bem como atrelá-las a diferentes enunciadores, mobilizando, assim, fontes/ lugares de perspectiva alternativos e relacionáveis.

Com isso, o caráter universal dos *topoi* faz com que seja necessário reconhecê-los enquanto elementos capazes de coagir os interlocutores, uma vez que sua universalidade garante minimamente unidades comuns que devem ser não somente reconhecíveis, mas assumidas ou rejeitadas no movimento de orientação argumentativa, como ilustram os dados V e VI, e ainda o dado VII, analisado adiante.

Postas as coisas dessa maneira, os valores e as atitudes relacionados ao mundo são explicitados por meio dos elementos argumentativos mobilizados pelo enunciador. Diferentemente da perspectiva de língua enquanto entidade descritiva, o enunciador atribui determinada propriedade aos objetos do mundo, legitimando, assim, sua posição relativamente a tais situações do mundo.

É imprescindível compreender que, se a linguagem descreve a realidade, o faz por meio de aspectos subjetivos e intersubjetivos, e que a unificação desses dois aspectos conduz ao valor argumentativo.

Para Ducrot, as características apontadas em relação ao caráter universal dos *topoi* exigem que esses sejam, também, *gerais*, haja vista a necessidade de serem compartilhados e passíveis de aplicação em situações análogas.

O princípio de *gradualidade*, por sua vez, ainda que se valha de alguns conceitos formais, não deixa de rechaçar a perspectiva de vericondicionalidade, justamente porque procura abranger a intensidade argumentativa com que um predicado lingüístico é aplicado, seguindo determinada orientação. Portanto, a

gradualidade respeita uma noção que toma a *força argumentativa* de um predicado lingüístico como variável, determinando que sua aplicação tenha maior ou menor intensidade.

Assim, os *topoi* envolvem pares de predicados, **p** e **q**, que podem ser aplicados segundo duas escalas argumentativas⁵¹, que pode ser convergente, na qual se tem, "quanto mais **p**, mais **q** (**+p**, **+q**)", ou "quanto menos **p**, menos **q** (**-p**, **-q**)", ou seja, em que os predicados são orientados numa mesma direção⁵²:



ou divergente, "quanto mais **p**, menos **q** (**+p**, **-q**)", ou "quanto menos **p**, mais **q** (**-p**, **+q**)", em que os predicados são orientados em direções opostas:



A gradualidade dos predicados intervêm nos elementos semânticos que desempenham papel de argumentos, ou seja, os predicados argumentativos seriam, por si mesmos, graduais; o que implica afirmar que o *topos* a sustentar esses predicados argumentativos seja também gradual. Essa perspectiva de *gradualidade dos topoi* é apresentada numa primeira versão da teoria, em que as investigações relativas à argumentação ainda se constituíam pela consideração da passagem de um argumento a uma conclusão. O recorte do dado VII, abaixo, ilustra essa noção:

⁵³CI: Eu-eu-eu-eu-eu depois do derrame, eu procurei livros, né ? Lá na biblioteca ... livros é prá ... entender, o que aconteceu comigo, né ? Não encontrei livros, só livros muito, ca... é ? muito é-é-é voltados pra professores, né ? Professores, com palavras difíceis, eu perdi as palavras, né ? Lembra, né ? Eu perdi as palavras, aí

⁵¹ Para maiores detalhes ver Ducrot (1981).

⁵² As setas são utilizadas para indicar orientação argumentativa.

⁵³ Agradeço a Ana Lucia Tubero por me ceder as primeiras transcrições desse dado.

eu achei é-é-é eu achei um-um-uma enciclopédia é-é-é pra ensi ... pra-pro-pa-pa enfermeiro, né ? Pra enfermero, é-é-é aí eu achei a parte de afasia, e a parte de derrame cerebral. Boa ! Mas pra enfermero !

MC: Acessível ...

CI: Pra enfermero, não pra médi ... não pra paciente!

EM: Não pra leigos, é isso ...

Quando CI afirma que, após o AVC, procurou livros na biblioteca para entender o que tinha lhe acontecido, instaura duas escalas: por um lado, uma escala argumentativa convergente, em que “maior é a dificuldade de entender o que seja afasia” (*o que aconteceu comigo*) + **P**, “quanto mais o livro tenha palavras difíceis” (seja voltado para professores ou enfermeiros) + **q**; por outro lado, o dado não deixa de instaurar também uma escala divergente, a partir da qual “menor será a dificuldade de entender o que seja afasia” - **P**, “quanto mais o livro tenha palavras fáceis” (*porque a gente tem que te palavras fácil*) + **q**.

A gradualidade do *topos* é estabelecida a partir da relação entre *o quanto possa ser difícil entender o que seja afasia* e *a dificuldade ou facilidade das palavras* utilizadas para explicar essa noção. Nessa perspectiva, os predicados argumentativos seriam por si mesmos graduais, já que o *topos* a sustentar esses predicados seriam também graduais, pois *quanto mais difíceis as palavras utilizadas, mais difícil a compreensão de afasia*.

CI estabelece uma gradualidade do *topos* ainda mais complexa, uma vez que se vale de uma escala em que elenca, hierarquicamente, *professores, enfermeiros* e *leigos*, aos quais atrela o uso de uma linguagem que vai da maior à menor dificuldade de compreensão, do jargão clínico mais hermético, à linguagem mais acessível a leigos.

Essa última aplicação de gradualidade faz ressaltar argumentos mais pontuais, reafirmando que as escalas graduais estariam inscritas na própria língua, o que levaria a admitir que há uma gradualidade específica presente em *Boa! Mas pra enfermero!; Pra enfermero, não pra medi... não pra paciente!*, ou seja, a própria noção de *topos* acaba por apresentar uma natureza eminentemente gradual.

São operadores como *mas* e *não* que orientam discursivamente a relação argumentativa entre os pares de predicados, essa orientação é possível pela relação complexa que a gradualidade estabelece entre os *topoi* envolvidos e também pela determinação de escopo dos operadores.

Além da gradualidade do *topos*, o dado VII ilustra também o caráter universal dos *topoi*, uma vez que o argumento de que um livro, que tenha por público alvo médicos, tem palavras mais difíceis, portanto, que sua compreensão será mais difícil para um leigo, enquanto um livro que seja destinado a leigos deve ter palavras mais fáceis.

O trecho selecionado possibilita avaliar também a função dos OAs, cuja noção está presente em *Boa, mas pra enfermero!*, em que *mas* redimensiona a orientação argumentativa de P, abaixo, e também em *Pra enfermero, não pra medi...não pra paciente!*. Se obscureço as principais marcas de oralidade, posso efetuar uma formulação que permita visualizar melhor o funcionamento dos OAs.

P → eu achei uma enciclopédia para enfermeiro, aí eu achei a parte de afasia, e a parte de derrame cerebral. Boa! [a enciclopédia]

P' → eu achei uma enciclopédia para enfermeiro, aí eu achei a parte de afasia, e a parte de derrame cerebral. Boa! *Mas* para enfermeiro!

P" → eu achei uma enciclopédia para enfermeiro, aí eu achei a parte de afasia, e a parte de derrame cerebral. Boa! *Mas* para enfermeiro! (...) Para enfermeiro, *não* para paciente!

Mas funciona como OA na medida em que, a partir da frase P, possibilita a constituição de P', em que ambas possuem orientação argumentativa bem delimitada, e suscitam conclusões diferentes, e mesmo opostas, uma vez que, a partir de P, a orientação argumentativa suscitada levaria a uma conclusão como "então teria esclarecido as dúvidas de Cl", enquanto P' orienta para uma conclusão como "não teria esclarecido as dúvidas de Cl", que é corroborada em P". P e P' pressupõem uma mesma informação posta, ou uma mesma descrição factual, a partir da qual suscitam diferentes conclusões, justamente em função da aplicação do OA. Assim, *mas* funciona como operador argumentativo

relativamente a *enciclopédia boa pra enfermeiro*, porque redimensiona as conclusões possíveis a partir de P, ou seja, a questão deve ser especificada em função do escopo atribuído ao operador.

A diferença argumentativa entre os enunciados das frases não advém de uma possível diferença informativa, ainda que o conteúdo factual enunciado seja considerado o mesmo, o que difere é a orientação argumentativa com que ambos conteúdos são enunciados - justamente porque sua orientação argumentativa é redimensionada. Assim, P e P' não diferem quanto ao conteúdo informativo, mas sim quanto às conclusões que apontam, porque se alterado o OA será alterado também o conjunto de conclusões possíveis a partir dele. Dessas noções derivam a afirmação de que P e P' possuem forças argumentativas distintas, *definidas como o conjunto de enunciados que podem aparecer como conclusões de cada segmento-argumento* (Moura 1996: 92).

Em *enciclopédia boa pra enfermeiro, pra enfermeiro não pra paciente*, há um jogo polifônico instaurado pela negação, também um OA, que corrobora, que enfatiza, a orientação argumentativa mobilizada a partir de P'; então, P' e P'' convergem numa mesma orientação argumentativa.

Como o problema da primeira fase da TAL consiste justamente em não dar conta de descrever o elemento encadeador que liga um argumento a sua conclusão, é exatamente a noção de *topos* que vai tornar possível explicar este encadeamento. A solução apresentada para os enunciados P, P' e P'' é a mudança de *topos*. No caso de P'' um *topos* que enfatiza aquele de P'. Dessa forma, os *topoi* mobilizados nesses enunciados são convergentes, uma vez que apontam para as mesmas conclusões, ou melhor, P'' reforça a conclusão de P'.

Nessa medida, o sentido das palavras é definido na TAL analogamente a Saussure, ou seja, enquanto o último define suas unidades de análise por meio da oposição que estabelecem entre si, a Teoria da Argumentação na Língua define *palavra* pela relação opositiva que estabelece com outros discursos - definição formalizada na noção de campo tópico; assim para Ducrot (Moura: 1998, 173-4),

as palavras não podem ser definidas senão pelas próprias palavras, e não em relação ao mundo, ou em relação ao pensamento. (...) não defino, propriamente falando, as palavras em relação a outras palavras, mas em relação a outros discursos. O que eu tento construir então seria uma espécie de estruturalismo do discurso.

Quando Ducrot fala em *Estruturalismo do Discurso* está falando em encadeamentos argumentativos autorizados, possíveis, a partir do que considera, em *Princípios de Semântica Lingüística* (1977), como unidade mínima de análise: os enunciados, que são *discursos mínimos*. Na versão lexical da Teoria dos *Topoi*, afirmar que as palavras são tomadas relativamente a outros discursos implica necessariamente reconhecer que as palavras suscitam, autorizam encadeamentos discursivos.

Nos dados V e VI, CI rejeita os *topoi* intrínsecos e acrescenta *topoi* extrínsecos aos provérbios, movimento que somente pode ser estabelecido a partir da enunciação. Com essa operação, CI re-orienta argumentativamente os encadeamentos discursivos esperados a partir dos provérbios.

Assim, a constituição da TAL enquanto teoria autônoma está vinculada às relações internas definidoras de suas categorias, como em Saussure. Entretanto, a natureza das relações opositivas dessas categorias seria distinta, na medida em que nos estudos saussureanos as unidades da língua devem ser constituídas a partir de suas relações formais, e na TAL a partir das possibilidades de encadeamento discursivo que suscitam, movimento que traz a *significação* para o interior da língua.

A Teoria da Argumentação na Língua propõe uma explicação que consiste no princípio de que por detrás dos predicados lexicais não existem nem objetos nem propriedades, mas *topoi*. São esses *topoi* que definem o sentido das palavras. Porque *o sentido do enunciado será "calculado" a partir dos valores semânticos "profundos", representando no domínio semântico um papel análogo àquele da estrutura profunda na gramática gerativa* (Anscombe 1995b: 02).

Resta saber, segundo Anscombe, de que natureza será esse sentido profundo, que parece estar diretamente relacionado ao tipo de inferência realizada na utilização da língua. A discussão relativa ao sentido de uma palavra movimenta

seu eixo, cabendo então questionar quais *topoi* o definem, já que os *topoi* são *fontes de discurso*, e não o que garante a passagem de um argumento a uma conclusão, como a própria TAL havia proposto em versão anterior. Nesse sentido, vale lembrar que *um topos é complexo em função das frases envolvidas, porque não é um amálgama de noções pré-existentes, mas sim uma relação complexa entre palavras que não servem para estabelecer deduções sobre os fatos do mundo* (Ducrot *apud* Moura: 1998, 178).

Ducrot (Moura: 1998) rejeita a perspectiva de conceituar os *topoi* enquanto um conjunto de crenças ou de inferências acerca do mundo. Assim, um feixe de *topoi* pode possibilitar uma argumentação e não outra, dependendo, inclusive, da figura do enunciador/ locutor para a determinação de que orientação argumentativa será autorizada, especificada.

Nessa direção, o modo de apresentação dos enunciados seria especificado por seus enunciadores, o que leva Ducrot (1987)⁵⁴ a questionar a unicidade do sujeito, rejeitando o postulado de que a cada enunciado corresponderia um autor. Sua posição é desenvolvida com base nas considerações de Bakhtin acerca de *polifonia*; contudo, enquanto Bakhtin estuda a polifonia relativamente ao texto, sobretudo o texto literário, Ducrot compromete-se em investigá-la no *enunciado*.

Para Ducrot (1987: 163-164), *já que todo enunciado traz consigo uma qualificação de sua enunciação, qualificação que constitui (...) o sentido do enunciado (...), é necessário descrever sistematicamente as imagens da enunciação que veicula*.

Ducrot caracteriza a figura dos enunciadores como relativa a diferentes pontos de vista, como responsável pelas diferentes vozes que falam no enunciado, pelos diferentes discursos, que são expressos pela enunciação. Entretanto, não os toma enquanto origem do sentido, como afirma em Henry (1992: 204):

para que eu possa ser a origem do sentido de minhas palavras, seria necessário efetivamente que eu primeiro possa, no momento em que falo, conhecer esse sentido,

⁵⁴ Restrinjo-me aqui ao capítulo VIII, *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*.

estendê-lo diante de mim. O que é impossível, na medida em que ele depende da situação, e em que esta, ao envolver-me, escapa-me. (...) o locutor ignora necessariamente o que suas palavras significam.

Ao utilizar a Teoria da Argumentação na Língua, procuro mostrar como os dados de afasia podem ser analisados a partir da consideração de critérios, de categorias relativas a uma abordagem mais estrutural da língua - em contraposição às abordagens de caráter enunciativo-discursivo, apresentadas nos dados I, II, III e IV.

No estudo desenvolvido por Ducrot, a *enunciação* é atrelada ao sentido do enunciado, e com isso, volta-se para o interior lingüístico, enquanto em propostas como as da Análise da Conversação, justamente pela característica de um *corpus* de linguagem ordinária, de conversação, a categoria *enunciação* é atrelada à *interação*, com base na qual constitui as relações entre os sujeitos e a linguagem.

Minha intenção é de que os dados aqui utilizados possam refletir as diferentes operações de linguagem realizadas pelos afásicos, mais enfaticamente, os recursos de que se valem para instanciarem-se discursivamente.

A Teoria da Argumentação na Língua pode explicar fenômenos como aqueles encontrados em dados proverbiais, entretanto, não explica um dado como II, em que EF se vale do desenho de uma escova para estabelecer o sentido da expressão formulaica com que o grupo trabalha. O funcionamento dessa unidade não-verbal não pode ser capturado e descrito pela TAL.

Assim, diferentes movimentos são evocados para dar conta de uma análise enunciativa dos dados com que trabalho, porque os próprios dados se constroem a partir de diferentes operações.

No dado II, a questão suscitada se resolve enfaticamente, por meio de uma semiose não-verbal, com a apresentação do desenho da escova, enquanto no dado IV a objetivação da significação é responsável pela construção conjunta da referência, *um atentado*.

Na Semântica ducrotiana, argumentar é um ato, fruto da objetivação da significação, que está na base da orientação argumentativa que autoriza. O ato de argumentar tem o sujeito como suporte da enunciação, marcado na figura de enunciadores – a um dos enunciadores é atribuído o papel de locutor, λ ⁵⁵. O direcionamento argumentativo é a base sobre a qual a referenciação é constituída, portanto, base para o estabelecimento do sentido.

Argumentar é direcionar a significação, e na TAL, qualquer aspecto informativo é derivado de aspectos avaliativos, marca explícita da subjetividade na língua.

Em Ducrot, a argumentação se constrói por meio de mecanismos verbais, como operadores e modificadores argumentativos e pelo feixe de *topoi* que o léxico encerra, por isso a teoria toma a língua enquanto traço estruturante do dizer.

Não é possível deixar de reconhecer a importância explicativa das categorias analíticas postas pela semântica ducrotiana. Entretanto, a TAL não constitui, sozinha, um aparato teórico que responda pelos atos de língua e de discurso envolvidos na argumentação, por isso, a necessidade de constituir um aparato teórico de cunho enunciativo que me possibilite não somente a descrição do funcionamento de operações argumentativas constituídas a partir da língua, *stricto sensu*.

Nesse sentido, torna-se necessária a articulação de teorias enunciativas que abordem as relações argumentativas na linguagem em que a enunciação não será tomada apenas como constituinte do produto que é o enunciado, mas antes, que aponte para os saberes envolvidos na argumentação. Sobretudo se considerarmos que no dado II há argumentação, apesar da ausência de marcas lingüísticas que a explicita.

Considerações dessa natureza levam a admitir que a presença ou não de unidades argumentativas não sustentam, por si só, o fenômeno *argumentação*. Há uma pluralidade de saberes envolvidos e articulados nas operações

58 λ letra grega, denominada lâmbida.

argumentativas, como percepção, que não constitui somente um decalque de operações lingüísticas (como se vê no exemplo em que EF se vale da escova).

A argumentação forja-se como um saber que não prescinde de aspectos sócio-cognitivos, textuais, interativos, pragmáticos - que demandam uma conduta argumentativa que não pode ser reduzida a um domínio específico, seja ele lingüístico ou cognitivo.

Importa destacar, visto o exposto, que heurísticamente é mais produtivo, ao tratar da relação enunciativamente estabelecida entre argumentação e competência, o trabalho com uma concepção larga de *enunciação* - sobretudo porque estará atrelada às questões de linguagem, de cognição e de interação.

5. Considerações finais

A abordagem enunciativa com que orientei minhas análises, bem como a especificidade de um *corpus* de linguagem comprometida pelas restrições que a afasia impõe, possibilitaram uma série de reflexões acerca da relação entre *competência* e *argumentação*, com base nas interações desenvolvidas no Centro de Convivência de Afásicos.

Nesse cenário, a particularidade do *corpus* explicita a busca e o uso de recursos verbais e não-verbais utilizados pelos afásicos em suas condutas argumentativas. Essas diferentes semioses se imbricam na situação enunciativa, o que implica dizer que os sujeitos afásicos (e também os não-afásicos) evocam saberes diferentes, dos quais se valem para argumentar de maneira competente em relação a seus propósitos discursivo-conversacionais.

As afasias não massivas - como as que apresentam os sujeitos desta tese - comprometem, mas não destroem por completo nem a postura *meta* destes afásicos, nem a sua competência relativamente à linguagem, uma vez que todos têm uma história enquanto sujeitos de linguagem, cuja memória não perderam. Nesse sentido, as restrições lingüísticas provocadas pela afasia acabam por explicitar os caminhos lingüísticos (manipulação de operadores argumentativos, prosódia), cognitivos (entonação, desenhos, direcionamento do olhar) e pragmáticos (conhecimento de mundo, manipulação de leis discursivas, reconhecimento de intenção) que o afásico percorre para argumentar.

Neste ponto, retomo a questão em *torno dos ganhos heurísticos advindos da* postulação de uma competência específica – de ordem estritamente lingüística ou cognitiva – para argumentar, *ou da postulação de* uma competência de ordem mais abrangente, relativa às mais diversas semioses, que possibilite, em relação à linguagem, argumentar – e argumentar aqui significa fazê-lo de maneira adequada às diferentes situações interativas de que o sujeito participa, em relação aos diferentes gêneros discursivos e aos diferentes auditórios com que interage.

Na literatura lingüística, como visto nos capítulos precedentes, são encontradas posições como a de Kerbrat-Orecchioni, que postula diferentes

competências envolvidas na interação, como competência retórico-pragmática, enciclopédica e lógica - sem deixar de considerar a *competência lingüística* como eixo a partir do qual as demais competências se articulam, para, enfim, postular uma *hiper-competência*. Ou ainda posições como a de Hymes, o primeiro a dialogar com Chomsky em torno da problemática instaurada pela noção de competência. Hymes, como Kerbrat-Orecchioni, não rejeita o postulado de uma competência lingüística, mas chama a atenção para uma dimensão social da linguagem, a partir do que seria necessária a consideração de uma competência comunicativa.

O que está na base do impasse referente à competência lingüística chomskyana é justamente o estudo ou não da *performance*, do *desempenho*, enquanto objeto da lingüística – enquanto elemento constitutivo da linguagem. A abordagem enunciativa que assumo como vetor de meu estudo orienta minha escolha teórica, justamente pela inserção da *performance* enquanto elemento constitutivo da linguagem e, portanto, da Lingüística. Ainda que a abordagem desenvolvida nesta tese se aproxime das abordagens de Hymes e de Kerbrat-Orecchioni, deles se distingue por não fazer uma relação meramente *complementar, mas sim constitutiva, entre o lingüístico e o pragmático, ou entre a competência e a performance, nos termos chomskyanos*.

Dessa forma, a linguagem somente pode ser analisada a partir da interação, ressaltando, assim, o agenciamento simultâneo de categorias lingüísticas e pragmático-enunciativas, operado pelos sujeitos nela envolvidos. Essas categorias respeitam os marcadores formais da língua (*o aparelho formal da enunciação*), como operadores, modalizadores, marcas de pressuposição (de implícitos), índices de avaliação e de polifonia, acarretamento, implicatura, inferência, campos conceituais, *frames*, *scripts*, anáforas e outros marcadores de coesão; mas respeitam também marcas pragmático-enunciativas, como atos de fala, máximas e marcadores conversacionais.

Na interação, os interlocutores podem exhibir suas habilidades em usar, em saber colocar em uso essas categorias, essas ferramentas. Proceder à análise do *corpus* em função de ações lingüísticas e sociais, de atos de fala e de

intersubjetividade, faz com que esse *saber* seja compreendido como prática, e não como faculdade – diferentemente da maneira como Chomsky concebe a noção de *competência lingüística*.

A competência constitui-se, assim, em um *saber-fazer*, um colocar em prática uma série de operações lingüísticas enunciativamente investidas, as quais envolvem também operações metalingüísticas, na medida em que os interlocutores se valem, por exemplo, de auto-correção e de reformulação de seu dizer - como o faz MG no dado I, para esclarecer o sentido que pretendia com a expressão *ir à excursão sozinha*.

A argumentação constitui um ato enunciativo, em que diferentes e diversas semioses verbais e não verbais (como gestos, postura corporal, olhares, desenhos, entre outras) estão nele imbricadas. A linguagem está, então, sempre no interior de situações sociais, em meio a comunidades específicas, vinculada a determinado tipo de situação comunicativa.

Contudo, os sujeitos não exibem os mesmos *saber-fazer* relativos à linguagem - é necessário considerar, desse modo, que os diversos mecanismos de que dispõem são operados de maneira heterogênea.

O grau de letramento, o conhecimento de mundo, a inserção social, as relações afetivas e hierárquicas, bem como a própria situação interativa, interferem de maneira decisiva no *desempenho* discursivo dos interlocutores. Assim, o agenciamento das diferentes semioses é organizado em função daqueles mecanismos que o falante melhor manipula, de que tem mais domínio, mais familiaridade. Nas afasias, a utilização de semioses não-verbais pode ser ressaltada justamente porque o aspecto verbal da linguagem está comprometido em várias de suas funções, apresentando, por exemplo, alterações fonético-fonológicas, inibição da complexidade sintática, dificuldade de acesso lexical, entre outras.

Em resumo, se o afásico exibe operações que demonstram diferentes *saber-fazer*, relativos às semioses verbais e não-verbais envolvidas na interação, pode-se dele dizer que possui uma competência para a linguagem, que lhe permite, entre outras *ações de linguagem*, argumentar.

O agenciamento de diferentes *saber-fazer* exibidos pelos afásicos, nos dados apresentados nesta tese, demonstra que não é possível dizer que na afasia não haja linguagem; além disso, a linguagem afásica, ainda que considerada residual, não deixa de se valer de elementos lingüístico-pragmáticos, além de elementos não-verbais – como o faz EF, no dado II, ao mobilizar de maneira enfática recursos prosódicos, cuja natureza é lingüístico-pragmática. Assim, a afasia explicita não somente os diversos recursos semiológicos que podem ser utilizados na interação, como também a diferença com que são mobilizados e requeridos, de acordo, justamente, com a especificidade de cada indivíduo e das situações interativas e sociais em que se engajam.

Para finalizar, destaco que assumir a argumentação enquanto unidade de coesão e de orientação discursiva possibilita abordar os fenômenos lingüísticos em geral, e particularmente aqueles postos pelas afasias, na intenção de perscrutar as estratégias de que se valem os sujeitos (afásicos ou não), no intuito de dar conta de suas intenções discursivas, quando expostos à arena social instituída pelo uso da linguagem.

Uma concepção dessa natureza mostra que um afásico não silencia discursivamente, apesar das dificuldades que possa ter, e mesmo apesar da avaliação referente às suas próprias dificuldades, o que pode ser observado na ponderação de CI⁵⁶, ao dizer *eu perdi as palavras, né? Lembra, né? Eu perdi as palavras*. Neste ponto, o simples fato de efetuar este ato de locução demonstra o quanto não está desprovido desses recursos lingüísticos, nem de uma postura *meta* relativamente às suas possibilidades de uso e de manipulação da linguagem.

Na verdade, apesar de toda assimetria que possa haver entre os interlocutores afásicos e não-afásicos nas relações de interação, CI, a exemplo de outros sujeitos afásicos, exerce seu papel enunciativo⁵⁷ de maneira eficaz, argumentando de maneira competente em relação a seus propósitos, e com isso enfrentando as injunções relativas à sua linguagem e à sua inserção social.

⁵⁶ Remeto o leitor ao dado à página 77.

⁵⁷ Os dados demonstram que CI exerce um papel enunciativo, na medida em que ele *pergunta, predica, responde, narra*.

6. Referências Bibliográficas

- AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours. Discours politique, littérature, d'idées, fiction*. Paris: Nathan, 2000.
- ANSCOMBRE, J.C. "La théorie des topoï: sémantique ou rhétorique?". In *Revista Hermes*. (mimeo). 1995a.
- _____. "Introduction to 'De-realising modifiers'". In *Journal of Pragmatics*, Elsevier: s/ ed., 1995b, v. 24.
- _____. "Théorie de L'Argumentation, Topoï, et Structuration Discursive". In *Revue québécoise de linguistique*. Montreal: UPAM, 1989, v. 18:1.
- ANSCOMBRE, J.; DUCROT, O. "Argumentativité et informativité". In MEYER, M. (ed). *De la métaphysique à la rhétorique*. Bruxelas: ed. da Universidade de Bruxelas, 1986.
- _____. "L' Argumentation dans la Langue". In *Langages*. s/ l: Didier-Larousse, juin-1976, v. 42.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1988.
- BARTHES, R. "A Retórica Antiga" in COHEN, J. et alii. *Pesquisas de Retórica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. [1975]
- BANKS-LEITE, L. *Aspectos argumentativos e polifônicos da linguagem da criança em idade pré-escolar*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 1996.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo: Pontes, 1995. [1966]
- _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1995. [1966]
- BRUXELLES, S. et alii. "Argumentation et Champs Topiques Lexicaux". In *Journal of Pragmatics*, Elsevier: s/ed, 1992, v. 24.
- CANGUILLEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. [1966]
- CAREL, M. "Trop: argumentation interne, argumentation externe et positivité." In ANSCOMBRE, J. *De l'argumentation dans la langue à la théorie des topoï*. Paris: Kimé, 1995.
- CASTILHO, A. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.
- CASTRO, M. "A argumentação na impossível simetria do diálogo: a aquisição da linguagem em questão". In *Letras de Hoje*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. v. 39, n. 03.
- _____. "A argumentação na fala da criança: entre fatos de língua e de discurso". In *Lingüística*. São Paulo: Hedra, 2001. v. 13.
- CAZELATO, S. *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2003.
- _____. *Estudo de formas meta-enunciativas em sujeitos afásicos: a enunciação proverbial*. Projeto. (Iniciação Científica). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 1998a.

_____. *Estudo de formas meta-enunciativas em sujeitos afásicos: a enunciação proverbial*. Relatório (Iniciação Científica). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 1998b.

CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.

CHARAUDEAU, P. "Sens et argumentation" In [http://icar.univ-ParisXIII-fr/membres/pcharaudeau/Sens et argumentation.doc](http://icar.univ-ParisXIII-fr/membres/pcharaudeau/Sens_et_argumentation.doc). www. setembro, 2005.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge-Massachusetts: MIT Press, 1965.

COUDRY, M. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CULIOLI, A. "Role des représentations métalinguistiques en syntaxe". In *XIII Congrès International de Linguistique*. (mimeo). Tóquio: 1982.

DASCAL, M. "Relevância Conversacional". In *Fundamentos Metodológicos da Lingüística: Pragmática*. Campinas: UNICAMP, 1982. v. IV

DITL. <http://www.ditl.info/arttest/art60.php>. www. setembro, 2005.

DUCROT, O. "Teoria da Argumentação - A versão dos Topoi". *Curso ministrado na Universidade Federal de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1996.

_____. "Les modificateurs déréalisants". In *Journal of Pragmatics*, Elsevier: s/ ed., 1995, v. 24.

_____. "Argumentation et Persuasion". In *Congrès d'Anvers Sur Enonciation et Parte-Pris*. Paris: s/ ed., 1990.

_____. "Argumentação e 'Topoi' argumentativos". In GUIMARÃES, E. (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989a.

_____. "Topoi et Sens". In MAURAND, G. *Langages et Signification*. s/l: s/ed, 1989b.

_____. *Polifonia y Argumentación: Conferencias del seminario Teoria de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988a.

_____. "Topoi et formes topiques". In *Bulletin d'études de linguistique française*. Tokyo: s/ ed, 1988b, 22.

_____. *O Dizer e o Dito*. Campinas: Pontes Editores, 1987.

_____. "Enunciação". In *Enciclopédia Einaudi: Linguagem/ Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984a, v. 2.

_____. "Pressuposição e alusão". In *Enciclopédia Einaudi: Linguagem/ Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984b, v. 2.

_____. "Referente". In *Enciclopédia Einaudi: Linguagem/ Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984c, v. 2.

_____. "actos lingüísticos". In *Enciclopédia Einaudi: Linguagem/ Enunciação*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984d, v. 2.

_____. *Princípios de Semântica Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FIORIN, J. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

FRANCHI, C. "Linguagem – atividade constitutiva" In. *Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio*. São Paulo: Brasiliense, 1976. V. 17.

FUCHS, C. "As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica". In *ALFA*. São Paulo: s/ed, 1985.

GUIMARÃES, E. (org.). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 1998, v. 35.

GUILLAUME, G. *Temps et verbe*. Paris: Champion, s/d.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. "Da enunciação ao acontecimento em Análise do Discurso". In: GUIMARÃES, E. (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

HENRY, P. *A ferramenta imperfeita*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

HYMES, D. *Vers la compétence de communication*. Paris: Hatier, 1984.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'implicite*. Paris: Armand Colin, 1986.

_____. *Génèse et décodage des contenus implicites: compétence des sujets parlants*. Paris: Armand Colin, 1986.

KOCH, I. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004b.

_____. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo : Cortez, 1996. [1984].

MACEDO, H. *O processo de refacção textual escrita na linguagem escrita de sujeitos afásicos*. Tese. (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005.

MAINGUENEAU, D. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, D. & CHARAUDEAU, P. *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: SEUIL, 2002.

MARCUSCHI, L. "O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração" In PRETI, D. (org.). *Diálogos na fala e na escrita*. Projetos paralelos – NURC. São Paulo: Humanitas, 2005a, v. 7.

_____. "Oralidade e letramento como práticas sociais." In MARCUSCHI, L; DIONÍSIO, A. (org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005b.

_____. *A repetição na língua falada: formas e funções*. Recife: Ed. UFPE, 1992.

_____. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, L. & KOCH, I. "Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada." In ABAURRE, M.; RODRIGUES, A. (org.). *Gramática do português falado: novos estudos descritivos*. Campinas: Ed. UNICAMP/ FAPESP, 2002, v. VIII.

MIRA, C. A caracterização do Centro de Convivência de Afásicos como uma comunidade de práticas e a noção de competência: inter-relações. Projeto. (Seleção de doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2006.

MOESCHLER, J. *Argumentation et conversation: elements pour une analyse pragmatique du discours*. Paris: Hatier-Credif, 1985.

MORATO, E. et alli. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o centro de convivência de afásicos (CCA- IEL/UNICAMP)*. Relatório Final. (Projeto de Pesquisa. FAPESP II/ 2003-2005 - Processo 03/02604-9). (mimeo). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2006a.

_____. *Tratamento de dados multimodais em práticas interativas de pessoas afásicas e não-afásicas registradas em áudio e vídeo no Centro de Convivência de Afásicos (Laboratório de Neurolingüística-IEL/UNICAMP)/Aphasiacervus*. Relatório Final (Projeto de Pesquisa. CNPq - Edital 032). (mimeo). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2006b.

_____. *Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não-afásicos*. Projeto de Pesquisa. (FAPESP III - 2006-2008). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2006c.

_____. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que freqüentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA-IEL-UNICAMP)*. Pesquisa. Projeto de Pesquisa. (FAPESP II/ 2003-2005 - Processo 03/02604-9). (mimeo). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005a.

_____. MORATO, E. "Metalinguagem e Referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais". (orgs.). KOCH, I.; MORATO, E. & BENTES, A. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005b.

_____. O interacionismo no campo lingüístico. In (orgs.). MUSSALIN, F. & BENTES, A. *Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos* São Paulo: Cortez, 2004, v. III.

MORATO, E. *et alli. Sobre as afasias e os afásicos. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

MORATO, E. *Referenciação e formas meta-enunciativas no contexto patológico: análise dos processos meta e da competência pragmático-discursiva de sujeitos com afasia e neurodegenerescência*. Pesquisa. (Pós-Doutorado em Lingüística). (FAPESP Processo 01/05340-7). (mimeo). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2002.

_____. *A construção meta-enunciativa na linguagem de sujeitos afásicos: subsídios para um protocolo de investigação neurolingüística*. Produtividade em Pesquisa. (Proc./CNPq 301396/96-5). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2001a.

_____. "Indeterminação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001b, v. 41.

_____. "Referenciação e heterogeneidade enunciativa: análise de formas meta-enunciativas no discurso de sujeitos afásicos" In *Caderno de Resumos do II Congresso Internacional da Abralin*. Fortaleza: UFCE, 2001c.

_____. "Neurolingüística" In MUSSALIN, F. & BENTES, A. (orgs.). *Introdução à Lingüística – Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001d.

_____. "As afasias entre o normal e o patológico: da questão neurolingüística à questão social". *Direito à fala: a questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000.

MORATO, E. M. "Processos de significação e pesquisa neurolingüística". _____. *Os fenômenos afásicos entre a língua e o discurso: questões que se colocam à perspectiva ducrotiana*. (mimeo), 1999a.

_____. *O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) como prática discursiva*. Campinas. (mimeo), 1999b.

_____. "Afasia e heterogeneidade discursiva". *Investigando a linguagem* (orgs.). CABRAL, L. & MORAIS, J. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1999c.

_____. "Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos". In *Distúrbios de Comunicação*. s/l; s/ed.; s/d.

MOURA, H. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e de pragmática*. Florianópolis: Insular, 1999.

- _____. "Semântica e Argumentação: Diálogo com Oswald Ducrot". *Revista Delta*. São Paulo: Educ, 1998.
- OGIEN, A. "competences" In *Document de travail: Séminaire "compétence et savoir-faire"*. (mimeo). 2001.
- PARRET, H. *Enunciação e pragmática*. Campinas: UNICAMP, 1988.
- PECHÊUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de Argumentação - A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. [1958].
- PERELMAN, C. Argumentação. In *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, v.11.
- PERRENOUD, Ph. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- PLANTIN, C. "Le champ de l'argumentation: émergence et articulations d'un domaine" In [http://icar.univ-lyon2.fr/membres/cplantin/Emergence des EA.doc](http://icar.univ-lyon2.fr/membres/cplantin/Emergence_des_EA.doc). www. setembro, 2005.
- _____. *L'argumentation*. Paris: Seuil, 1996.
- _____. *Argumenter. de la langue de l'argumentation au discours argumenté*. Paris: CNPD, 1989.
- RACCAH, P. "Expertise et Gradualité: Connaissances et Champs Topiques". In DUBOIS, D. (org.). *Sémantique et Cognition: Catégories, prototypes, typicalité*. Lion: CNRS, 1993.
- REBOUL, O. *Introdução à Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.
- TAVARES, E. "A competência argumentativa de pessoas afásicas" In *Estudos Lingüísticos XXXV*. <http://gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/1322.pdf>. www. novembro, 2006a.
- _____. "Argumentação e afasia: um estudo semântico enunciativo" In *Caderno de Resumos 54 Seminário do GEL*. Araraquara: UNIP/ UNESP, 2006b.
- _____. "Argumentação e afasia: um estudo semântico-cognitivo". In *Caderno de Resumos da III Conferência Lingüística e Cognição*. Campinas: UNICAMP, 2006c.
- _____. "A relação entre competência e processos meta na argumentação" In MORATO, E. *Competência e metalinguagem no contexto de práticas interativas de afásicos e não-afásicos*. Projeto de Pesquisa. (FAPESP III - 2006-2008). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2006d.
- _____. "A controvérsia da questão da semiologia no surgimento da afasia" In *Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Brasília: UNB, 2005a.
- _____. "A argumentação de pessoas afásicas: um estudo semântico-enunciativo". Qualificação de área. (Semântica). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005b.
- _____. "A competência argumentativa de pessoas afásicas". In *Caderno de Resumos do LIII Seminário do GEL*. São Carlos: UFSCar, 2005c.
- _____. "Os topoi e a argumentação de pessoas afásicas". In *Caderno de Resumos do LII Seminário do GEL*. Campinas: UNICAMP, 2004a.
- _____. "A significação nos estudos sócio-cognitivistas" In *Caderno de Resumos da II Conferência Lingüística e Cognição*. Juiz de Fora: UFJF, 2004b.

_____. “A competência argumentativa de pessoas afásicas: contribuição da teoria dos *topoi* aos estudos neurolingüísticos”. In *Estudos Lingüísticos XXXIII*. <http://gel.org.br/4publica-estudos2004-pdfs/comunicos.pdf>. www. outubro, 2004c.

_____. “A contribuição da Teoria dos *Topoi* aos estudos neurolingüísticos” In *Caderno de Resumos do III Congresso Internacional da ABRALIN & XVI Instituto Internacional de Lingüística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

_____. “O papel da negação na competência argumentativa de pessoas afásicas: contribuição da Teoria dos *Topoi* aos estudos neurolingüísticos”. Projeto. (Seleção de doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2001.

_____. “A ambigüidade da negação: uma abordagem dialógica”. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: UFSC, 1998.

TOULMIN, S. *The uses of arguments*. Londres: Cambridge University Press, 1958.

TUBERO, A. “Práticas de Comunidade: a elaboração de um livro de divulgação das afasias no Centro de Convivência de Afásicos”. Qualificação de Área. (Sócio-Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2005.

_____. “A construção conjunta de objetos de discurso: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos no processo de elaboração do livro “Sobre as afasias e os afásicos”. Tese. (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: UNICAMP, 2006.

TUTESCU, M. *L'argumentation: Introduction à l'étude du discours*. In <http://www.unibuc.ro/eBooks/lls/MarianaTutescu-Argumentation/sommaire.htm>. 2006. www. outubro, 2006.

VAN DIJK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

VION, R. *La communication verbale – Analyse des interactions*. Paris: Hachette, 1992.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1991 [1953].

www.mdig.com.br/index.hph?itemid=636. www. novembro, 2006. *Metamorfose digital: expressões idiomáticas*.

ANEXOS

SISTEMA DE NOTAÇÃO 2005 – LABONE/CCA

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	(SI)	Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Aqui (livro)...ah
Truncamento ou interrupção brusca	/	Dia pri/trinta e um de julho
Entonação enfática	Maiúscula	afaSIAS
Prolongamento de vogal e consoante	: (podendo aumentar de acordo com a duração)	Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou
Silabação	-	Ser-vi-do-res
Interrogação	?	Pra quem você mandou isso?
Qualquer pausa	...	Ela veio qui... perguntar... veio se instruir
Pausas prolongadas (medidas em segundos)	(4s)	Eu (5s) tirava <i>indica 5 segundos de pausa</i>
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	Isso não... ((risos))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição	— —	Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora
Superposição	[apontando o local onde ocorre a superposição	MG: Nova Iguaçu [JM: ah
Simultaneidade de vozes	[[] apontando o local onde ocorre a simultaneidade	MN: [] eu falava.. mas NS: [] quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i>
Indicação de que a fala foi retomada	... no início	EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas...
Citações literais ou leituras de textos	“ ”	aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...”
Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos	* início e fim do gesto* *-----→* continuidade gestual	NS: i:xi... faz tempo aqui *----- →* ((aponta com o dedo))

Fonte: Morato *et alli*: 2006a

Informações neuropsicológicas e neurolingüísticas dos afásicos
que participam dos dados apresentados
(MG, NS, SP, EF, SI, CI, JM, MN, MS)

1. MG

Sexo: feminino

Data de nascimento: 04/04/1948

Estado civil: solteira

Nacionalidade: brasileira

Profissão: agente de turismo, aposentada por conta da afasia

Formação: ensino médio completo - contabilidade

Data do evento neurológico: 31/12/1999 - AVC

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

De acordo com o exame de tomografia computadorizada de crânio, MG sofreu um AVC que atingiu a região têmporo-parietal à esquerda. No exame, foram reveladas: seqüelas de AVC isquêmico lacunar na região sub-cortical de transição têmporo-parietal à direita, de que resultou uma afasia de predomínio expressivo, com hemiparesia à direita, apraxia oro-facial e dispraxia construcional; bem como seqüelas de AVC isquêmico no tálamo e no lobo frontal.

Em sua linguagem observam-se, de maneira consistente, dificuldades de encontrar palavras e dificuldades predicativas, além de abundantes parafasias (fonológicas, em especial). MG apresenta um quadro afásico de predomínio motor, fazendo com que sua produção verbal seja muitas vezes laboriosa, com perseveração e produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). Embora proceda a operações epilingüísticas, por vezes, MG demonstrou, em seu quadro inicial, dificuldades de proceder a processos inferenciais. MG frequenta sessões fonoterápicas particulares.

2. NS

Sexo: feminino

Data de nascimento: 28/12/1959

Estado civil: casada

Nacionalidade: brasileira

Profissão: empregada doméstica, faxineira

Formação: cursou os primeiros anos do ensino fundamental

Data do evento neurológico: 03/05/1999 - AVC

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

De acordo com o exame neurológico realizado no Hospital de Clínicas da UNICAMP, NS apresentou um quadro de afasia transcortical decorrente de um Acidente Vascular Cerebral isquêmico à direita. No exame de EEG, NS

apresentou um distúrbio na região fronto-temporal esquerda, indicando lesão estrutural. NS apresenta ainda um déficit motor à direita.

Caracterizam o quadro afásico de NS dificuldades de acesso lexical, expressão verbal do tipo telegráfica, com supressão de palavras funcionais, inadequação na seleção de morfemas gramaticais e predominância de substantivos (em detrimento de verbos). Tal quadro caracteriza uma afasia de predomínio expressivo.

3. SP

Sexo: masculino

Data de nascimento: 10/03/1933

Estado civil: casado

Nacionalidade: italiana

Profissão: executivo, aposentado por conta da afasia

Formação: nível superior

Data do evento neurológico: 13/04/1995 - AVC

Obs.: aos dois meses de idade, mudou-se para o sul da França (região de imigrantes italianos). Desde os 20 anos, SP vive no Brasil, tendo se casado com uma brasileira; segundo SP, o terceiro de uma irmandade de oito, todos falavam francês, tanto em casa como fora dela, isto é, na escola ou em outras práticas sociais no país em que passaram a viver.

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

SP sofreu um AVC que afetou a área do lobo temporal e núcleo da base, deixando-o severamente afásico e com uma hemiplegia à direita. Por ocasião do AVC, foi realizada uma tomografia computadorizada, na qual observa-se área amorfa de encefalomalácia no hemisfério esquerdo, ocupando o lobo temporal e núcleo da base parcialmente até o centro semi-oval. Tais sinais tomográficos são compatíveis com AVC antigo (seqüelar).

De acordo com os dados obtidos em entrevista anamnésica, SP tem o francês como língua materna, embora a mãe fosse italiana. Passou a praticar o português aos 20 anos, quando veio para o Brasil junto com a família, apesar de já ter tido contato com a língua portuguesa por influência de seu pai, que morara por algum tempo no país. Ainda que após o AVC SP tenha recuperado parcialmente sua capacidade de expressão e compreensão do francês – e seja o francês a sua “língua do pensamento” – é o português a língua em que mais se comunica (com esposa, amigos e outros integrantes do CCA). Quando fala o português, a afasia de SP é compatível com as formas essenciais das afasias ditas motoras: hesitações e prolongamentos, dificuldades de repetição, perseverações e iterações, parafasias verbais e fonológicas *etc.* No francês, embora suas dificuldades sejam menores e sua desenvoltura mais notória, observa-se o mesmo quadro semiológico. Embora tenha boa compreensão de texto escrito em francês e em português, a tradução é difícil de uma língua para outra, sobretudo do português para o francês.

4. EF

Sexo: masculino

Data de nascimento: 10/06/1930

Estado civil: casado

Nacionalidade: brasileira

Profissão: proprietário de uma pequena empresa de moldura de janela, aposentado

Formação: Superior completo - Direito

Data do evento neurológico: 21/12/1988 - AVC

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

De acordo com seu prontuário clínico, EF era hipertenso e, em 21/12/88 apresentou queda súbita com perda de consciência, tendo sido encaminhado ao Hospital de Clínicas da Unicamp. Seu diagnóstico neurológico inicial foi “afasia de Broca - predominantemente eferente”. Apresentava também hemiplegia à direita, com predomínio no membro superior direito (MSD) e alteração de consciência, decorrentes de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) isquêmico-embólico.

Sua linguagem espontânea foi reduzida a estereotipias (“não, não”; “au-au”), utilizadas em todas as situações comunicativas. EF apresentava dificuldades práxicas, envolvendo os níveis lingual, labial e sub-glótico, que o impediam de executar movimentos voluntários sob comando. Trata-se de um alto grau de apraxia buco-facial. A produção oral de EF estava, no início de seu quadro afásico, restrita à emissão de palavras isoladas, apresentando o que na literatura é chamado de “estilo telegráfico”. A articulação de sua fala ficou difícil, gerando seqüências ininteligíveis, e, por vezes, criando segmentos que não pertencem ao inventário fonológico da língua portuguesa. Além disso, na maioria das vezes, EF necessitava de *prompting* oral (pista articulatória, ou seja, é a execução, pelo interlocutor, do primeiro gesto articulatório ou das primeiras seqüências de gestos que compõem as primeiras sílabas da palavra requerida) para poder produzir as palavras que desejava. EF se valia com freqüência da escrita e de desenhos, como recurso semiológico para comunicar o que desejava ou para dar a entender os sentidos que produzia ao falar.

5. SI

Sexo: feminino

Data de nascimento: 09/11/1940

Estado civil: casada

Nacionalidade: brasileira

Profissão: trabalhava na roça até o evento neurológico

Formação: Completou a quarta série do ensino fundamental

Data do evento neurológico: 1988 - AVC

Obs.: nissei. De acordo com SI, sua língua materna foi o japonês, mas os irmãos (numerosos) falava português. Com o marido japonês, sempre falou português.

Antes do AVC, SI relata que entendia o japonês e compreendia alguma coisa da escrita dessa língua, no entanto, após o AVC perdeu esta capacidade.

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

Em termos neurolingüísticos, na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paresia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresenta: iteração - acompanhada de dificuldade para encontrar palavras - parafasias semânticas e fonológicas, apraxia buco-facial e construcional, discalculia e paralexias (leitura assemântica).

6. CI

Sexo: masculino

Data de nascimento:

Estado civil: casado

Nacionalidade: brasileiro

Profissão: trabalhava como especialista de qualidade em uma empresa

Formação: Superior completo - Administração de Empresas e Contabilidade

Data do evento neurológico: 02/1996 - AVC

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

CI sofreu um AVC cárdio-embólico, do qual resultou um quadro de afasia de predomínio expressivo, e também hemiplegia à direita (de predomínio braquial).

CI apresentava parafasias fonético-fonológicas e semânticas, alteração prosódica, iterações e perceverações, além de dispraxia buco-facial. Inicialmente apresentava discalculia e dificuldades para compreender o que lhe era dito.

7. JM

Sexo: masculino

Data de nascimento: 04/03/1933

Estado civil: casado

Nacionalidade: brasileiro

Profissão: vendedor de papel - trabalhava com exportação, representante da SAMAB na América do Sul, aposentado aos 65 anos. Trabalhou por 4 meses na empresa de um amigo (com reciclagem de papel), antes do AVC

Formação: ensino médio completo - com vários cursos de língua e de reciclagem profissional

Data do evento neurológico: 17/11/2000 - AVC

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

JM sofreu o AVC enquanto dormia, acordando sem conseguir expressar-se oralmente. Foi atendido no Hospital Samaritano, em SP, onde mora. Ficou 12 dias internado. Não teve seqüela motora. A fonoaudióloga que o atendeu no hospital o

acompanhou até o final de 2002, quando as sessões terapêuticas foram suspensas por dificuldades financeiras. JM fez acompanhamento na DERDIC. Antes mesmo do AVC, JM já era medicado por ser hipertensão, e hoje usa marca-passo, em função de arritmia cardíaca. Em julho de 2001, teve uma convulsão, pela combinação do medicamento Hidantal com bebida alcoólica (quentão) – voltou a ter nova convulsão em primeiro de janeiro de 2003.

JM Lia muito, antes do AVC (jornal, revistas, livros técnicos e de ficção), e ainda lê bastante. Fazia muito palavras cruzadas e hoje não faz mais, porque a afasia lhe impede. Evolução fonoaudiológica: apresentava afasia global sem hemiparesia; 1 mês: evolução – afasia transcortical mista (presença de repetição, mas redução significativa de outros tipos de emissões com dificuldade de compreensão); atualmente: agramatismo, com maiores dificuldades semântico-sintáticas do que morfo-sintáticas e anomia. A compreensão de estruturas complexas ainda mostra-se alterada.

8. MN

Sexo: feminino

Data de nascimento: 24/09/1927

Estado civil: viúva

Nacionalidade: portuguesa

Profissão: dona de casa

Formação: primeiras séries do ensino fundamental

Data do evento neurológico: 26/06/1999 - AVC

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

MN apresentou uma forte dor de cabeça e hemiparesia completa, à direita, sendo em seguida encaminhada para o Hospital de Clínicas da UNICAMP. De acordo com exame neurológico, MN apresentou um quadro de afasia transitória decorrente de infarto cerebral na região da cápsula interna à esquerda, cujos traços proeminentes são uma hemiparesia à direita, dificuldade de evocar palavras (WFD) e produção de parafasias.

9. MS

Sexo: masculino

Data de nascimento: 17/01/1946

Estado civil: separado

Nacionalidade: brasileira

Profissão: professor de inglês em curso pré-vestibular

Formação: Superior Completo – Letras

Data do evento neurológico: AVC

Descrição do quadro neuropsicológico/ neurolingüístico

Após o AVC, MS apresenta, como seqüela, déficit motor em domínio direito e afasia motora. Em exame clínico, foi diagnosticado: afasia e marcha parética, mantendo hemiparesia D com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita).

Antes do AVC MS lia e escrevia muito, nos mais variados gêneros textuais; após o evento neurológico, continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior. Caracterizam sua afasia dificuldades para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além de hemiparesia à direita – que dificulta sua escrita, por ser destro.

UMA MÃO LAVA A OUTRA

Figura 1



Fonte: <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=636> – Acesso em 20/01/2007